



UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PRPGP
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CED
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO – MPEDU

VIVIA BORGES DA SILVA

**A PERCEPÇÃO INFANTIL SOBRE A FESTA DO PAU DA BANDEIRA DE SANTO
ANTÔNIO: LIMITES E POSSIBILIDADES DA PRÁTICA PEDAGÓGICA
DESENVOLVIDA NA ESCOLA MARTINHO TAVARES TELES**

CRATO –CE

2024

VIVIA BORGES DA SILVA

A PERCEPÇÃO INFANTIL SOBRE A FESTA DO PAU DA BANDEIRA DE SANTO
ANTÔNIO: LIMITES E POSSIBILIDADES DA PRÁTICA PEDAGÓGICA
DESENVOLVIDA NA ESCOLA MARTINHO TAVARES TELES

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Regional do Cariri – URCA, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação. Área de Concentração: Formação de Professores. Linha I - Práticas educativas, cultura e diversidade. Sublinha 2- Educação para o patrimônio, currículo e relações étnico-raciais.

Orientador: Prof. Dr. Josier Ferreira da Silva

Ficha Catalográfica elaborada pelo autor através do sistema
de geração automático da Biblioteca Central da Universidade Regional do Cariri - URCA

Da Silva, Vivia Borges

S586p A percepção infantil sobre a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio:
limites e possibilidades da prática pedagógica desenvolvida na Escola Martinho
Tavares Teles / Vivia Borges Da Silva. Crato - CE, 2024.

130p. il.

Dissertação. Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do
Cariri - URCA.

Orientador(a): Prof. Dr. Josier Ferreira da Silva

1.Pesquisas com crianças, 2.Educação Infantil, 3.História, 4.Educação
Patrimonial; I.Título.

CDD: 306

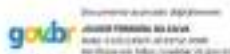
VIVIA BORGES DA SILVA

A PERCEPÇÃO INFANTIL SOBRE A FESTA DO PAU DA BANDEIRA DE SANTO
ANTÔNIO: LIMITES E POSSIBILIDADES DA PRÁTICA PEDAGÓGICA
DESENVOLVIDA NA ESCOLA MARTINHO TAVARES TELES

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Regional do Cariri – URCA, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação. Área de Concentração: Formação de Professores. Linha I - Práticas educativas, cultura e diversidade. Sublinha 2- Educação para o patrimônio, currículo e relações étnico-raciais.

Aprovada em 16 de dezembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA



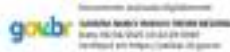
Prof. Dr. JOSIER FERREIRA DA SILVA
Orientador MEPDU /URCA



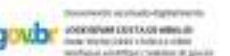
Prof. Dr. CÍCERO MAGÉRBIO GOMES TORRES
Membro Interno do Programa



Prof. Dr. PAULO WENDELL ALVES DE OLIVEIRA
Membro Interno do Programa



Prof. Dra. SANDRA NANCY RAMOS FREIRE BEZERRA
Membro Externo do Programa



Prof. Dr. JOSÉ EDVAR COSTA DE ARAÚJO
Membro Externo do Programa

CRATO –CE
2024

AGRADECIMENTOS

Por muitas vezes pensei de que forma começar a fazer esses agradecimentos e por quem começar, pois somos seres coletivos e estaremos por toda vida atravessando e sendo atravessados por pessoas que ajudam na nossa constituição como seres humanos ainda que imperfeitos e inacabados.

Muitas destas pessoas estarão mais frequentemente conosco e outras apenas em algumas ocasiões, mas a relevância no processo formativo é sem dúvidas a mesma. Agradecer nominalmente todas essas pessoas é praticamente impossível, pois as realizações presentes são frutos de um processo longo que inicia ao nascer. Logo, meus agradecimentos se direcionam àqueles que estiveram presente na minha jornada de vida até hoje, mas que pela numerosa lista representarei nessas poucas linhas apenas alguns.

Em primeiro lugar e acima de tudo, gostaria de agradecer à minha Mãe Maria (*in memoriam*), por todas as vezes que incansavelmente trabalhou para não deixar faltar o pão de cada dia e na sabedoria do silêncio sempre dizia o que era certo e o que era errado.

Ao meu Pai José (*in memoriam*) por, junto da minha mãe, me dar o Dom da Vida.

Aos meus irmãos (Paula, Daniele, Viviane, Rosa e Justino) por serem a maior fortaleza que a vida poderia me proporcionar.

Ao meu filho Natan por ser a razão de todos os meus sonhos e por ser a força que me faz levantar todos os dias para trilhar um caminho melhor e tornar-se um dia o seu exemplo.

Ao meu esposo Leonardo por dividir comigo as angústias que os desafios da vida nos apresentam.

Ao professor Josier, representando todos os professores e servidores que passaram na minha vida, desde a educação infantil até o ensino superior, pelos ensinamentos e pela paciência nas vezes em que me sentia perdida no decorrer do mestrado.

Aos professores José Edvar, Paulo Wendell, Cícero Magérbio e a Sandra Nancy pelo incentivo e pelas colaborações que enriqueceram essa pesquisa.

Aos meus colegas de turma, também todos que atravessaram minha trajetória, que me fortaleceram com suas experiências nos momentos de partilha, principalmente aqueles que acreditaram em mim e sempre me incentivavam.

Às pessoas que tiveram contribuição para que esse trabalho se concretizasse, como as pessoas que fazem parte do Núcleo Gestor do Centro de Educação Infantil Martinho Tavares Teles, às professoras que colaboraram com a pesquisa e a todos os profissionais da escola que

me acolheram muito bem.

Por fim, às crianças que sem elas esse trabalho não teria sentido. À sua sensibilidade, à sua espontaneidade, à sua ingenuidade e à sua infância.

À todos minha eterna gratidão.

RESUMO

A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha é um patrimônio cultural imaterial brasileiro que precisa ser preservado e valorizado não apenas pelos adultos, mas também pelas crianças, agentes culturais por natureza. Nesse sentido, este estudo tem como objetivo principal analisar como a Festa do Pau da Bandeira é percebida pelas crianças a partir de suas relações com as vivências culturais e com as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola, a partir dos limites e das possibilidades da educação patrimonial na educação infantil. A metodologia adotada no estudo foi exploratória, com abordagem de natureza qualitativa e fez uso do estudo de caso. Na fase exploratória, foi possível fazer uma investigação de estudos já realizados sobre essa temática para embasarmos nosso referencial teórico. No estudo de caso, a ida a campo desvelou práticas pedagógicas que não havíamos considerado como hipóteses para responder a pergunta norteadora desse estudo, demonstrando-se como possibilidades para experiências exitosas. Porém, também traz à tona os limites impostos pela educação formal no que tange o desenvolvimento da educação patrimonial na educação infantil em Barbalha. Na sequência, fazemos considerações sobre a educação patrimonial na infância, sua importância e seus desafios quando se trata do desenvolvimento dessa com crianças pequenas, bem como as implicações e os cuidados na realização de pesquisas com crianças. Apresentamos também uma retomada do surgimento da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha, movimento necessário para a construção do enredo da história que foi apresentada na oficina de contação de história para as crianças na escola e a elaboração do produto educacional. Diante da metodologia adotada, a aplicação dos questionários para as professoras e a realização das oficinas de contação de história e de desenho foi fundamental para compreendermos a construção da percepção infantil sobre a festa, seja por intermédio das suas vivências cotidianas, seja pelas práticas pedagógicas desenvolvidas na escola. Por fim, concluímos que as práticas pedagógicas desenvolvidas nas instituições formais de educação infantil não são suficientes para a construção da percepção infantil sobre a celebração e para a formação da identidade cultural, mas fazem parte de um escopo de ações formais e informais que colaboram com os princípios da educação patrimonial fazendo crescer dentro de cada criança um sentimento de pertencimento para valorizar e preservar os bens culturais de seu lugar.

Palavras-chave: Pesquisas com crianças; Educação Infantil; história; Educação Patrimonial.

ABSTRACT

The Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha is a Brazilian intangible cultural heritage that needs to be preserved and valued not only by adults, but also by children, cultural agents by nature. In this sense, this study's main objective is to analyze how the Festa do Pau do Bandeira is perceived by children based on their relationships with cultural experiences and pedagogical practices developed at school, based on the limits and possibilities of heritage education in early childhood education. The methodology adopted in the study was exploratory, with a qualitative approach and made use of the case study. In the exploratory phase, it was possible to carry out an investigation of studies already carried out on this topic to support our theoretical framework. In the case study, the field trip revealed pedagogical practices that we had not considered as hypotheses to answer the guiding question of this study, demonstrating themselves as possibilities for successful experiences. However, it also brings to light the limits imposed by formal education regarding the development of heritage education in early childhood education in Barbalha. Next, we consider heritage education in childhood, its importance and challenges when it comes to developing this with young children, as well as the implications and precautions when carrying out research with children. We also present a resumption of the emergence of the Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha, a movement necessary for the construction of the plot of the story that was presented in the storytelling workshop for children at school and the elaboration of the educational product. Given the methodology adopted, the application of questionnaires to the teachers and the holding of story-telling and drawing workshops were fundamental to understanding the construction of children's perception of the party, whether through their daily experiences or through the pedagogical practices developed. at school. Finally, we conclude that the pedagogical practices developed in formal early childhood education institutions are not sufficient for the construction of children's perception of the celebration and for the formation of cultural identity, but are part of a scope of formal and informal actions that collaborate with the principles of heritage education growing within each child a sense of belonging to value and preserve the cultural assets of their place.

Keywords: Research with children; Early Childhood Education; History; Heritage Education.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Quantitativo de trabalhos encontrados no Repositório de Teses e Dissertações da CAPES	34
Gráfico 2 - Quantitativo de trabalhos encontrados na Revista Científica Scielo	35

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Demonstrativo do tipo de coletas de dados e análise relacionado aos objetivos ...	29
Quadro 2 - Pesquisas encontrados para integrar Revisão de.....	32
Quadro 3 - Trabalhos selecionados para Revisão de Literatura	36

LISTA DE FIGURAS/IMAGENS

Figura 1 - Localização do município de Barbalha no mapa do Brasil.....	16
Figura 2 - Localização do município de Barbalha na RMC.....	17
Figura 3 - Crianças assistindo a manifestação cultural na Festa do Pau da Bandeira	20
Figura 4 - Fachada do Centro de Educação Infantil Martinho Tavares Teles.....	27
Figura 5 - Cortejo cultural na Festa do Pau da Bandeira em Barbalha	47
Figura 6 - Esquema estrutural do currículo da Educação Infantil	50
Figura 7 - Capa do Documento Curricular Referencial do Ceará	51
Figura 8 - Oficina de desenhos.....	54
Figura 9 - A participação das crianças nas manifestações culturais na Festa do Pau da Bandeira	58
Figura 10 - Panorâmica das cidades de Barbalha, CE e Propriá, SE	67
Figura 11 - Igreja Matriz de Santo Antônio em 1941	68
Figura 12 - Carregamento e hasteamento do Pau da Bandeira de Santo Antônio	71
Figura 13 - Apresentação do documentário do Carregamento do Pau da Bandeira para as crianças.....	82
Figura 14 - Registro de atividades pedagógicas na turma do Infantil V	83
Figura 15 - Cortejo do Pau da Bandeira de Santo Antônio realizado pelas crianças	85
Figura 16 - Diagrama: Relação docente com a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio..	88
Figura 17 - Oficina de contação de história	96
Figura 18 - Diagrama: Percepções da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio	97
Figura 19 - Desenho infantil 1	100
Figura 20 - Desenho infantil 2.....	101
Figura 21 - Desenho infantil 3.....	102
Figura 22 - Desenho infantil 4.....	103
Figura 23 - Desenho infantil 5.....	104
Figura 24 - Escultura infantil 1.....	104

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil
DCRC	Documento Curricular Referencial do Ceará
EP	Educação Patrimonial
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
RMC	Região Metropolitana do Cariri
SECULT	Secretaria de Cultura
TALE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 CORTEJO METODOLÓGICO.....	23
1.1 Os elementos da pesquisa: aspectos teóricos e práticos	23
1.1.1 O método da pesquisa.....	23
1.1.2 As técnicas de coleta de dados.....	25
1.1.3 Os intérpretes da pesquisa	26
1.1.4 <i>Lócus</i> : Centro de Educação Infantil Martinho Tavares Teles	26
1.1.5 A coleta e análise de dados.....	27
1.1.6 Aspectos éticos da pesquisa com crianças.....	29
1.2 A busca pelo ponto de partida: a relação da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio com a Educação Infantil nas pesquisas científicas.....	31
1.2.1 Da aproximação com o objeto de estudo.....	31
1.2.2 O Movimentos de busca e seus achados: A inserção das crianças na Festa do Pau da Bandeira	37
2 A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA EDUCAÇÃO FORMAL: LIMITES E POSSIBILIDADES	40
2.1 Um olhar sobre as pesquisas com crianças no âmbito cultural.....	45
2.2 A valorização do patrimônio cultural está para a infância como a infância está para a valorização do patrimônio cultural.....	57
3 A FESTA DE SANTO ANTONIO NO CONTEXTO DAS FESTAS POPULARES BRASILEIRAS: UMA FUSÃO CULTURAL	60
3.1 A Festa do Pau da Bandeira: uma homenagem a Santo Antônio de Barbalha	61
3.2 Patrimônio cultural: conhecer para valorizar e preservar a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio	72
4 A PERCEPÇÃO INFANTIL SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL	78
5 O CARREGAMENTO CULTURAL: DA COMUNIDADE À ESCOLA, DA ESCOLA A COMUNIDADE	81
5.1 A observação no campo	81
5.2 Da relação do professor com a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio	85
5.3 A percepção infantil sobre a Festa do Pau da Bandeira a partir de suas múltiplas linguagens	94
5.3.1 A construção da percepção infantil e da identidade cultural a partir da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio: a contribuição das oficinas de contação de história	

desenhos	95
5.3.2 Lá vem o pau! A história infantil como produto educacional	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS	111
APÊNDICES	116
ANEXOS	127

INTRODUÇÃO

A cidade antes pequena, calma e silenciosa vai se transformando em um caldeirão cultural já nos dias que antecedem o carregamento do Pau da Bandeira. Aquela torna-se grande, agitada e com variados sons. Sons de gente, das músicas, dos cânticos e do badalo do sino da igreja, que se misturam para euforia dos barbalhenses e de seus visitantes. Parece que as ruas são flexíveis, que se esticam, se esticam e sempre cabe mais um. Uma multidão se forma e toma conta do centro da cidade, juntando-se ao colorido das ruas enfeitadas. E o céu que era azul agora é de toda cor com as milhares de bandeirinhas movimentando-se rapidamente com o ventinho frio que chega na localidade.

Nesse cenário, estão lá também as crianças, seres capazes de enxergar o mundo de uma forma diferente dos adultos, de vivenciá-lo e interpretá-lo de uma maneira que é só delas. Em meio a esse cenário se constrói a relação da infância com a culturas, com as vivências e os saberes cotidianos que independem da educação formal e se constroem também fora dela. Assim, vivenciar a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha é uma experiência que promove a construção de memórias da infância, e por isso tem uma interpretação diferente daqueles que não a vivenciaram.

A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio é uma das maiores celebrações populares do Brasil, que foi elevada a Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro no ano de 2015 e em 2018 reconhecida como Patrimônio Cultural do Ceará. A festa homenageia Santo Antônio, padroeiro de Barbalha, município cearense situado a aproximadamente 500 km de Fortaleza, capital do estado

O município de Barbalha está localizado na região sul do estado do Ceará, na Região Metropolitana do Cariri (RMC). A RMC surgiu a partir da criação da lei estadual, Lei Complementar Nº 78, 26 de Junho de 2009, constituída pela aproximação geográfica entre os municípios de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, sendo incluídas as cidades limítrofes de Caririáçu, Farias Brito, Jardim, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri.

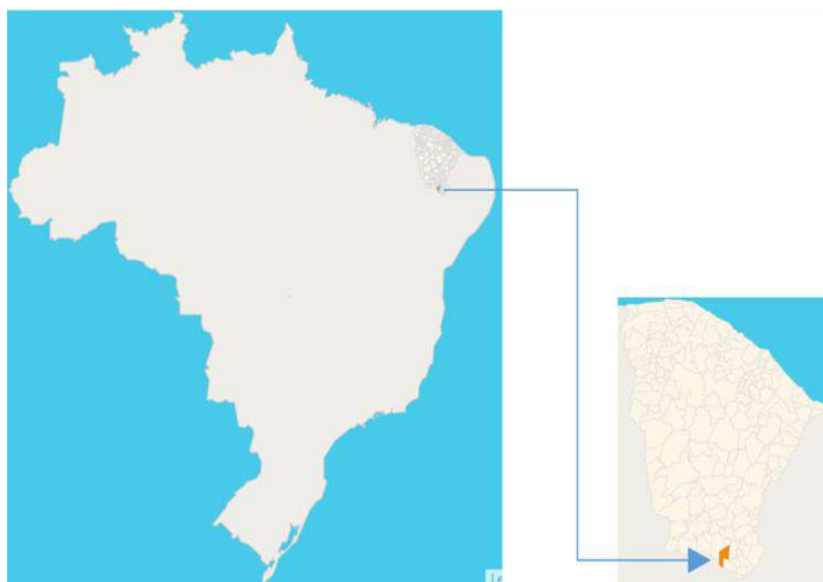
Barbalha está inserida no contexto de um “caldeirão” cultural fruto das relações sociais e ambientais desta localidade. Com muitas nascentes de água doce e rodeada de natureza a região é um local privilegiado para se viver e cultivar relações com a terra e com o povo. Além disso, a potência ambiental, que é pano de fundo para a constituição histórica e cultural da cidade de Barbalha, dá-se em razão da presença da Floresta Nacional do Araripe¹ na região do

¹ A Floresta Nacional do Araripe – FLONA/ARARIPE foi a primeira a ser criada no Brasil, através do Decreto Nº

Cariri Cearense, ou seja, um vasto território que abriga várias espécies de plantas e de animais nativas, que além de retratar o aspecto biológico da região, coloca os sujeitos como participantes privilegiados do usufruto da ambiência desse espaço, e também constitui o aspecto cultural a partir das relações dos sujeitos com a natureza.

Nesse sentido, percebe-se que a riqueza da região e mais especificamente da cidade de Barbalha diz respeito a sua grandiosidade natural e cultural que se fez ao longo do tempo. Na imagem abaixo apresentamos a localização da cidade de Barbalha no mapa do Brasil.

Figura 1 - Localização do município de Barbalha no mapa do Brasil



Fonte: Adaptado do IBGE, 2023.

9.226, no dia 02 de maio de 1946. Localiza-se no topo da Chapada do Araripe – centro da Região Nordeste do Brasil, no extremo sul do estado do Ceará, abrangendo parte dos municípios de Santana do Cariri, Crato, Barbalha, Missão Velha e Jardim. (Alves; Bezerra; Matias, 2011, p. 2).

Figura 2 - Localização do município de Barbalha na RMC



Fonte: Adaptado do IPECE, 2023.

A cidade que promove uma das maiores festas populares brasileiras, Barbalha abrigava, em 2022, uma população estimada em 75.033 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e desenvolve diversas atividades econômicas como o comércio, a agricultura, o turismo, entre outras.

Rodeada por esse ambiente caririense e enquanto educadora em formação, sempre tive a preocupação com as crianças, como sua percepção e seu ponto de vista sobre as coisas do mundo. Agora, na perspectiva de um adulto, desperta-me a curiosidade dos saberes das crianças a partir de seu contexto cultural, no entrelaçamento entre a educação e a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha.

Antes de ingressar no mestrado, foi na prática em sala de aula na Educação Infantil que percebi a riqueza de conhecimentos que carrega uma criança. As rodas de conversa sempre eram os momentos mais prazerosos do dia, pois quem atua com crianças pequenas sabe o quanto de vivências são compartilhadas naqueles momentos. Arelado a essa percepção sobre as crianças, também comecei a refletir sobre o papel da infância dentro das ações de valorização do patrimônio cultural que por intermédio dessa reflexão o meu olhar para a Festa do Pau da Bandeira se redirecionou para além do aspecto do mundo adulto, tomando como fundamental a participação infantil nas diferentes formas de manifestação cultural, especificamente no contexto da festa, antes, durante e depois.

No processo de amadurecimento do objeto de pesquisa, também tive de considerar que muitas crianças dentro da faixa etária que corresponde a Educação Infantil não tem nenhuma

ou pouca aproximação com a festa, por isso, na busca em compreender a percepção infantil sobre a festividade que envolve aspectos diversos além dos culturais, mas também sociais, históricos, geográficos, considere observar as práticas pedagógicas desenvolvidas na instituição formal de ensino.

Nesse sentido, disseminar a importância do Patrimônio Cultural na educação formal é necessário para o fortalecimento das relações dos cidadãos com suas heranças culturais, visto que, por muitas vezes os aspectos culturais de algumas comunidades foram negligenciados por falta de incentivos do poder público que muito pouco se importava com a cultura das minorias.

As mudanças que o Brasil passou e vem passando desde a sua redemocratização na década de 1980 fizeram com que estes grupos sociais minoritários, étnica e culturalmente diferentes da cultura europeia que se impôs no Brasil, começassem a participar do debate social e político do país estabelecendo um vínculo com os bens culturalmente produzidos, com a responsabilidade de valorizar e preservar sua história considerando-a um verdadeiro patrimônio, e desta forma também fortalecer sua prática para a cidadania.

Os movimentos pelo direito ao acesso à cultura e o seu fortalecimento por meio de políticas públicas estão sendo conquistados aos poucos. Assim, essas ações são fundamentais para a ampliação do debate sobre a importância de se preservar e garantir às futuras gerações o acesso a todo patrimônio que revela a identidade do povo brasileiro. Desse modo, vemos na escola um dos lugares de incentivo a valorização da memória e da história, do legado e todos artefatos deixados como Patrimônio Cultural da Humanidade, tanto material como imaterial. Pois conforme afirma Gino (2020) de que:

O reconhecimento do bem imaterial do Brasil se determina por seu valor histórico na construção identitária da cultura de um grupo étnico e a dimensão dada à preservação dessas expressões culturais para a decorrente manutenção cultural desse povo, sendo a convivência condição decisiva para a constituição das nossas identidades e o crescimento de uma afinidade de compatibilização nessa cultura (Gino, 2020, p. 69).

É, portanto, mais que importante proporcionar a aproximação das pessoas à cultura popular, produzida e reproduzida no cotidiano, inclusive às crianças que por si só a produzem através de suas múltiplas relações com o mundo. O fato é que, nem sempre as crianças foram vistas como produtoras de cultura, nem tampouco oferecido a elas o acesso ao que a humanidade convencionou chamar de Patrimônio Cultural.

Em um momento da história as crianças eram vistas como seres frágeis, em outro, como adultos em miniatura, e assim ao longo do tempo e mais recentemente, por meio de estudos e pesquisas, as crianças têm sido consideradas indivíduos com grande potencial no campo

cognitivo e social, seres únicos e completos, ao mesmo tempo que continuam a crescer e a se desenvolver. As crianças se desenvolvem a partir da integração dos aspectos motor, cognitivo e afetivo-social, por meio de suas experiências e relações com os adultos e com outras crianças dentro de uma determinada sociedade (Vygotsky, 1989).

A Educação Infantil compreende uma importante fase para o desenvolvimento das crianças, visto que há uma significativa superação da visão tida da instituição de Educação Infantil apenas como lugar de cuidado enquanto as mães saíam para trabalhar. Hoje essas instituições são vistas como o lugar que além do cuidado, proporciona momentos de aprendizagem através das interações e brincadeiras em que as crianças irão atuar como um protagonista na construção e reconstrução de sua própria cultura. Para Cohn (2005), “elas elaboram sentido para o mundo e suas experiências compartilhando plenamente de uma cultura. Esses sentidos têm uma particularidade, e não se confundem e nem podem ser reduzidos àqueles elaborados pelos adultos[...]” (Cohn, 2005, p. 35).

Nesse sentido, a Educação Patrimonial (EP) na infância precisa ser repensada para que se possa ultrapassar os limites do tradicionalismo quando há apenas a divulgação do que é visto pelo Estado como patrimônio cultural. Assim, defendemos que a EP tem uma enorme relevância na formação da identidade cultural das crianças. Por isso, não podemos negligenciar a percepção que estas possuem sobre os bens culturais que fazem parte de seu dia a dia.

Diante disso, por ser uma festa popular, autenticamente barbalhense e reconhecida nacionalmente, sua vivência e troca de saberes deve ser ampliada para além do cotidiano das pessoas, mas também possuir espaços de troca de saberes sobre ela na educação formal a partir da infância, visto que na educação formal os conhecimentos socialmente construídos devem relacionar-se ao contexto histórico social e cultural dos estudantes para ter significado na vida dos alunos (Freire, 2011).

Figura 3 - Crianças assistindo a manifestação cultural na Festa do Pau da Bandeira



Fonte: Autora da pesquisa, 2024.

Logo, pensar a vivência das crianças da instituição de Educação Infantil, no contexto multicultural da Festa do Pau da Bandeira, é considerar o cenário dessa festividade como um espaço fértil de produção e circulação de saberes da vida, da cultura e de práticas sociais. Diante dessa afirmação, a pesquisa apresentou o seguinte problema: como a Festa do Pau da Bandeira é percebida pelas crianças a partir de suas relações com as vivências culturais e com as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola?

Além do mais, outras indagações emergiram para dar suporte e nortear a pesquisa: 1. Qual a importância da EP na Educação Infantil a partir da relação infância e cultura? 2. Como a Festa do Pau da Bandeira contribui na formação da identidade cultural das crianças? 3. Que possíveis práticas pedagógicas desenvolvidas na instituição de Educação Infantil promove processos de construção da percepção das crianças sobre a Festa do Pau da Bandeira?

Mediante a tentativa de entender o problema da pesquisa e responder as questões que a norteiam, o objetivo geral é analisar como a Festa do Pau do Bandeira é percebida pelas crianças a partir de suas relações com as vivências culturais e com as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola. E ainda temos como objetivos específicos refletir sobre a importância da EP na educação infantil a partir da relação infância e cultura; compreender como a Festa do Pau da Bandeira contribui na formação da identidade cultural das crianças; investigar as possíveis práticas pedagógicas desenvolvidas na instituição de educação infantil que promovam processos de construção da percepção das crianças sobre a Festa do Pau da Bandeira.

Escolhemos a Educação Infantil como *lôcus* da pesquisa porque consideramos o

reconhecimento do patrimônio cultural como um recurso indispensável para a construção de uma educação democrática que deve primordialmente iniciar na infância, além de possibilitar a construção de uma consciência crítica nas crianças. Assim, a pesquisa foi realizada com crianças da Educação Infantil, com faixa etária entre 5 e 6 anos, que compreende a última turma da pré-escola, bem como os professores que atuam nessas turmas da instituição pesquisada.

Portanto, esta pesquisa justifica-se por se tratar de uma busca em compreender a percepção infantil sobre os aspectos culturais da festa que as rodeiam, desenvolvendo uma educação para o patrimônio dentro das escolas de Educação Infantil, de modo que a celebração não seja vista apenas como uma festa sem significados para as crianças. Logo, a preocupação com as práticas pedagógicas desenvolvidas no dia a dia da escola permite compreender que a transmissão dos bens culturais não pode ser entendida como uma prática isolada dentro do currículo escolar, mas deve estar a todo momento transversalizado nele, fazendo esta inter-relação com as manifestações educativas internas e externas à instituição. Cohn (2005) observa que a cultura não se refere apenas na transmissão dos artefatos, mas:

Quando a cultura passa a ser entendida como um sistema simbólico, a idéia de que as crianças vão incorporando-a gradativamente ao aprender "coisas" pode ser revista. A questão deixa de ser apenas como e quando a cultura é transmitida em seus artefatos (sejam eles objetos, relatos ou crenças), mas como a criança formula um sentido ao mundo que a rodeia. (Cohn, 2005, p.33).

Compreender que os conhecimentos são construídos histórico e culturalmente nas relações do homem consigo mesmo, com os outros e com a natureza, faz com que o mundo ganhe sentido. A partir dessa relação é possível compreender que além da produção do conhecimento, a própria constituição do ser humano é estabelecida nessas interações diferenciando-o dos outros animais. Por isso, este estudo está ancorado na teoria histórico-cultural, cuja centralidade está no desenvolvimento do sujeito a partir do seu contexto, e tem como principal referência os estudos de Paulo Freire (1989; 2003; 2011), Brandão (1996; 2007), e Vygotsky (1989), que pautaram seus estudos na relação do sujeito com o seu meio cultural.

Assim, no capítulo 1, fazemos a apresentação da escolha metodológica adotada na pesquisa, bem como uma breve contextualização da escolha do *locus*. Para isso, autores como Gil (2002), Minayo (2013), Prodanov e Freitas (2013), Rodrigues (2006) e Bardin (2009) nos auxiliaram na orientação teórica quanto aos métodos e técnicas empregadas.

No capítulo 2, apresentamos os primeiros passos percorridos no caminho da pesquisa, ou seja, buscamos apresentar os estudos mais relevantes que encontram-se publicados sobre o nosso objeto de estudo, ou que estejam alinhados de alguma forma a ele. Para isso,

apresentamos o processo de buscas por estudos já realizados nas bases de dados e complementamos a apresentação com quadros e gráficos que representam de forma quantitativa os resultados a que chegamos. A partir daí foi possível selecionar alguns estudos já realizados que contribuíram com o nosso, como é o caso dos estudos de Baker (2019), Gino (2020), Marchesan (2023), Nogueira (2021), Silva (2022), entre outros.

No capítulo 3, refletimos sobre a importância da EP na educação formal, mais especificamente na Educação Infantil que é a etapa da educação básica na qual encontram-se os intérpretes que buscamos compreender o seu processo de construção da percepção sobre a festa em questão. Nessa etapa, a contribuição de Vygotsky (1989) foi fundamental para compreender como a percepção se manifesta na infância e como ela se relaciona com o meio sociocultural no qual a criança está inserida. Também refletimos sobre a produção de pesquisas com crianças e as especificidades encontradas nessa fase da vida.

Diante da necessidade de elaborar um produto educacional fruto desta pesquisa, no capítulo 4 fazemos uma historicização da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha, etapa fundamental para a construção da narrativa da história infantil que foi apresentada na oficina de contação de história.

No capítulo 5, apresentamos o resultado da pesquisa, cujo intuito foi compreender a construção da percepção infantil sobre a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha, seja por intermédio das suas vivências cotidianas, seja pelas práticas pedagógicas desenvolvidas na escola.

Para coletar os dados, as observações no campo foram essenciais, bem como desenvolver oficinas de contação de história e desenho com as crianças. Ainda, houve a aplicação de questionários com as professoras atuantes na Educação Infantil nas turmas integrantes da pesquisa. Os dados produzidos através dos instrumentos de coleta foram analisados à luz de Brandão (2007, 1996), Colares (2019), Freire (2003; 2011; 1989), Sarmento (2011), Tolentino (2023), Vygotsky (1989), entre outros.

Por fim, terminamos este capítulo, apresentando o produto educacional desenvolvido. A história infantil, “Lá vem o Pau!”, narra a história da festa para as crianças de forma lúdica e didática. O produto educacional tem como objetivo auxiliar no desenvolvimento da EP na Educação Infantil como forma de salvaguardar o patrimônio cultural do município de Barbalha. A história produzida passou por um processo de transformação para tornar a história da Festa do Pau da Bandeira com uma linguagem acessível às crianças, e compreensível na medida em que possa contribuir na construção da percepção infantil e na construção da identidade cultural.

1 CORTEJO METODOLÓGICO

Como no cortejo do Pau da Bandeira, a metodologia utilizada nessa pesquisa reúne vários elementos que se somam para tornar acessível as informações que nos levaram a responder as inquietações sobre o objeto de estudo.

Apresentar a metodologia empregada na pesquisa coaduna com nosso entendimento sobre a importância desta para a produção científica de modo que o processo construtivo do conhecimento aqui apresentado seja validado e sirva como norteador para estudos futuros, contribuindo assim para a melhoria da educação e para uma sociedade mais justa.

Gil (2002), observa que a pesquisa precisa estar metodologicamente sistematizada de forma racional, utilizando métodos e técnicas disponíveis adequadas à pesquisa, em busca de achar as respostas para os problemas propostos de modo a obter novos conhecimentos a partir da realidade social. Para obter êxito na pesquisa, é essencial a definição de metas que se desencadeiam em etapas a serem cumpridas.

Nesse contexto, o objetivo desse capítulo é apresentar os caminhos metodológicos percorridos para responder à problemática, bem como apresentar o movimento de busca por trabalhos desenvolvidos nessa temática.

Além de ser tarefa obrigatória em estudos de caráter científicos, a escolha da metodologia também diz respeito ao posicionamento político do pesquisador na medida em que há subjetividade na seleção do método, dos sujeitos da pesquisa, do *Lócus*, entre outros. Por isso, ao escolher de forma geral a EP na Educação Infantil estamos nos posicionando politicamente a favor da abertura dos espaços formais de ensino para se discutir a cultura popular de modo que todos os espaços formativos valorizem a cultura do seu povo.

1.1 Os elementos da pesquisa: aspectos teóricos e práticos

O cortejo metodológico adotado nessa pesquisa foi ao encontro dos objetivos propostos, desde as escolhas teóricas até as escolhas dos elementos práticos que complementaram-se do início ao fim.

1.1.1 O método da pesquisa

A metodologia adotada nesta pesquisa foi a exploratória, com abordagem de natureza

qualitativa e fez uso do estudo de caso. Também foi necessário um diálogo de aporte teórico acerca dos significados dos conceitos básicos utilizados neste estudo como o que é cultura imaterial e Educação Infantil, bem como suas relações por meio da intersecção da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio entre esses conceitos. Esta fase lançou mão da pesquisa bibliográfica.

Ainda, foi necessário a análise documental, a observação das aulas, aplicação de questionários para as professoras e a realização de oficinas com as crianças intérpretes da pesquisa para responder a pergunta de partida. Após a coleta dos dados foi feita uma análise exploratória no que se refere as bibliografias e documentos utilizados, e a análise de conteúdo para compreender criticamente o sentido das comunicações apresentadas na pesquisa de campo.

Esmiuçando a metodologia temos que do ponto de vista dos objetivos a pesquisa é exploratória, pois buscou encontrar mais informações sobre o objeto investigado, e é explicativa por que buscou explicar as causas do fenômeno estudado (Prodanov; Freitas, 2013). Por se tratar de uma pesquisa de abordagem qualitativa consideramos os “[...] aspectos psicológicos, opiniões, comportamentos, atitudes de indivíduos ou de grupos” (Rodrigues, 2006, p. 90).

A pesquisa caracteriza-se como estudo de caso que segundo Gil (2002) “[...]consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados (2002, p. 54)”. Para Minayo (2013) o processo de trabalho científico no estudo de caso pode ser dividido em três fases: a exploratória, o trabalho de campo e a análise e tratamento do material empírico e documental.

Na fase exploratória, realizamos um levantamento bibliográfico para identificar as pesquisas existentes sobre o nosso objeto de estudo. Sobre esse tipo de pesquisa, Gil (2002) afirma que “[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2002, p. 44). Cabe ressaltar que esse tipo de pesquisa oferece uma abundância de dados ao pesquisador, que deve manter-se atento à veracidade dos dados fornecidos.

A seleção da bibliografia deu-se a partir de pesquisas na base de dados da Scielo e no Repositório de Teses e Dissertações da Capes, partindo de palavras-chave relacionadas à pergunta norteadora da pesquisa. Para esta seleção, estabelecemos como marco temporal a partir do ano de 2015, visto que foi o ano em que a Festa do Pau da Bandeira foi reconhecida como patrimônio cultural imaterial brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Além dos trabalhos selecionados pelo método indicado anteriormente,

também acolhemos bibliografias que acreditamos ser fundamentais para a construção da base teórica da pesquisa. Logo, Amaral, Folque e Haddad (2021), Brandão (1996; 2007), Freire (1989; 2003; 2011), Souza (2003), Santos (2015), Nogueira (2021), Scifoni (2022), Silva (2009; 2013), Silva (2022), Vygotsky (1989), são alguns exemplos de bibliografias utilizadas.

Ainda na fase exploratória, vimos a importância de se realizar uma pesquisa documental, visto que estamos diante de fenômenos orientados por legislações, como é o caso da Educação Infantil como etapa da educação formal de ensino e a Festa do Pau da Bandeira como patrimônio cultural imaterial reconhecido pelo Estado brasileiro. Assim, documentos como a Constituição Federal de 1988, o Decreto nº 3.551/2000, a Lei 9.394/96, a Base Nacional Comum Curricular (2018), o Documento Curricular Referencial do Ceará (2019), além de outros documentos pertinentes ao objeto de estudo.

1.1.2 As técnicas de coleta de dados

Diante da escolha do estudo de caso como principal procedimento técnico adotado neste estudo, ir a campo foi fundamental para conhecer e colher os dados necessários para a construção de uma resposta para a pergunta norteadora.

No campo, fizemos a observação das aulas na educação infantil, tendo em vista uma maior aproximação com os sujeitos da pesquisa e utilizamos para o registro de informações o diário de campo, fundamental nessa etapa.

Em conjunto com as observações em campo, utilizamos o questionário que foi aplicado as professoras que atuam na última turma da pré-escola, entendido como um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo participante pesquisado (Gil, 2002, p. 114). As perguntas integrantes do questionário tinham essencialmente a função de coletar dados sobre a relação das professoras com a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio e como este patrimônio cultural imaterial integrava suas atividades pedagógicas com as crianças. A aplicação do questionário semiestruturado foi precedida de um pré-teste para verificarmos se as perguntas propostas responderam ao objetivo da pesquisa.

Com as crianças, protagonistas neste estudo, realizamos duas oficinas, uma de contação de história e outra de desenhos, a fim de que elas pudessem escutar a história da Festa do Pau da Bandeira de forma lúdica e em seguida demonstrar como a festa é percebida por elas por meio do desenhos e outras representações.

1.1.3 Os intérpretes da pesquisa

A pesquisa tem como sujeitos as crianças na faixa etária entre 5 e 6 anos que compreende a última turma da pré-escola, bem como os professores que atuam nessas turmas da instituição a ser pesquisada. A seleção das crianças nessa faixa etária considerou uma certa maturidade em relação às mais pequenas quanto a linguagem e manifestação dos sentimentos, das vivências e das percepções. Assim será possível pesquisar a percepção das crianças sobre a Festa do Pau da Bandeira e as práticas pedagógicas desenvolvidas na educação infantil quanto à EP.

Para fins dessa pesquisa e para proteger a identificação dos intérpretes, tanto para os adultos, quanto para as crianças, utilizaremos um código cuja composição será formado por uma letra e por um número, ou seja, a letra “C” acompanhada de um número representa a participação das crianças e a letra “P” acompanhada de um número representa a participação das professoras. Organizamos os nomes das crianças em uma lista em ordem alfabética e a enumeramos para facilitar o trabalho de identificação na hora de fazer a análise dos dados, bem como organizamos a identificação das professoras de modo que a professora que permanece mais dias na semana em sala de aula fosse identificada como P1 e a outra professora como P2.

Logo, também são sujeitos da pesquisa as professoras atuantes na Educação Infantil, pois compreender a construção da percepção infantil sobre a Festa do Pau da Bandeira a partir das práticas pedagógicas, perpassa os fazeres docentes na escola. Logo, a pesquisa busca investigar como os professores se relacionam com o patrimônio cultural e como isso interfere nas relações educativas na Educação Infantil.

1.1.4 *Lócus*: Centro de Educação Infantil Martinho Tavares Teles

A pesquisa foi realizada com as crianças e professores do Centro de Educação Infantil Martinho Tavares Teles localizado no bairro Alto da Alegria, no município de Barbalha-Ce. A princípio, a escolha da escola não possuía um critério definido, mas ao retornar aos objetivos da pesquisa percebemos que o *lócus* deveria ser uma instituição escolar que tomasse como fazer pedagógico os aspectos patrimoniais da cidade. Nesse sentido, chegamos até a instituição mencionada, que geograficamente fica localizada próximo da recém inaugurada Estátua de Santo Antônio, cerca de 300 metros de distância.

Figura 4 - Fachada do Centro de Educação Infantil Martinho Tavares Teles



Fonte: Autora da pesquisa, 2024.

Assim, pudemos verificar também se a proximidade da escola com a estátua impacta nas práticas pedagógicas no que diz respeito a EP.

1.1.5 A coleta e análise de dados

A coleta dos dados iniciada com a pesquisa bibliográfica e documental lançou mão da análise exploratória. Já a pesquisa de campo, que correspondeu a observação das aulas, a aplicação dos questionários e a realização das oficinas com as crianças lançou mão da análise de conteúdo. A coleta dos dados em campo teve início no mês de maio de 2024, e finalizou em junho do mesmo ano, período em que acontece a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha.

Posteriormente a fase de coleta, fizemos a análise dos dados através do método de análise de conteúdo. Bardin (2009) tece considerações sobre esse tipo de análise: “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações (Bardin, 2009, p. 31). E continua:

Tratar-se-ia portanto, de um tratamento da informação contida nas mensagens. É conveniente, no entanto, precisar de imediato que em muitos casos a análise, como já foi referido, não se limita ao conteúdo, embora tome em consideração o Contexto. (Bardin, 2009, p. 34).

O percurso de análise dos dados obtidos no questionário, na observação de campo e nas

oficinas seguiram três etapas: pré-análise; exploração do material; tratamento e interpretação dos dados, recorrendo-se à técnica de análise de conteúdo temática por frequência. Na etapa da pré-análise, foi realizada uma leitura exploratória dos materiais obtidos na coleta, com o intuito de compreender o contexto que se encontram os relatos e expressões. Na etapa seguinte, o material foi revisitado para a realização dos recortes do texto com o objetivo de estabelecer as categorias de análise.

Na fase de tratamento e interpretação dos dados no questionário, a categoria analítica principal foi definida: Aspectos culturais sobre a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio. Assim como as secundárias: Aspectos culturais internos à escola e Aspectos culturais externos à escola. Por fim, as subcategorias, criadas a partir dos discursos das participantes: Práticas pedagógicas; Folclorização; Reconhecimento de Tradições; Definição do espaço; Rodas de conversas; Músicas, Imagens, Vídeos, Desenhos; Mural; Pau Mirim (Desfile do Pau da Bandeira); Receio quanto ao entendimento das crianças sobre o tema; Benefícios para comunidade; Benefícios para as crianças, foram interpretadas e analisadas.

No trabalho de campo, que diz respeito as oficinas de contação de história e de desenhos, bem como as interações com as crianças, foi definida a categoria analítica: Elementos da festa, como categoria principal, e as categorias empíricas, ou seja, as secundárias: Pau da Bandeira, Força, Árvore, Carregadores, Estátua, Floresta e Trabalho coletivo nas quais foram interpretadas e analisadas.

Para a representação das categorias recorreu-se a construção diagramas para ilustrar como análise foi organizada, ainda a busca pelos significados das mensagens considerou a linguagem utilizada, a cognição e afetividade dos intérpretes investigados.

O quadro abaixo faz uma síntese do percurso metodológico que seguimos nesta pesquisa.

Quadro 1 - Demonstrativo do tipo de coletas de dados e análise relacionado aos objetivos

OBJETIVOS	COLETA DE DADOS	TIPO DE ANÁLISE
- Refletir sobre a importância da educação patrimonial na educação infantil a partir da relação infância e cultura;	-Pesquisa bibliográfica	-Análise exploratória
-Compreender como a Festa do Pau da Bandeira contribui na formação da identidade cultural das crianças;	-Pesquisa documental -Pesquisa bibliográfica	-Análise exploratória
-Investigar as possíveis práticas pedagógicas presentes na instituição de educação infantil que promovam processos de construção da percepção das crianças sobre a Festa do Pau da Bandeira.	-Observação da aula - Oficinas -Aplicação de questionários	-Análise de conteúdo

Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa, 2024.

1.1.6 Aspectos éticos da pesquisa com crianças

Por se tratar de uma pesquisa que envolve crianças, procuramos manter os aspectos éticos de uma pesquisa dessa natureza, respeitando a Resolução 466/12 do Ministério da Saúde e a Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

Para assegurar os direitos dos participantes da pesquisa foi necessário a elaboração do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para ciência e assinatura dos responsáveis pelas crianças intérpretes e para os professores que atuam na Educação Infantil, que também foram participantes nessa pesquisa. Ainda, foi necessário a elaboração do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para ciência e assinatura das crianças envolvidas, cuja linguagem foi adaptada para que houvesse o pleno entendimento do teor da pesquisa na qual estavam sendo submetidas.

Dentre as informações constantes no TCLE e no TALE estiveram, os objetivos da pesquisa, os riscos e os benefícios, os dados do pesquisador e a garantia de privacidade das informações pessoais tanto das crianças, como dos professores envolvidos. Cabe ressaltar que a participação não se deu de forma impositiva, mas por meio de um convite, permitindo total liberdade em participar ou não.

O estudo foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Regional do Cariri (URCA), para assegurar os cuidados éticos, tendo sido aprovado por meio do parecer de número 6.732.675. Com base nos preceitos éticos, os cuidados

foram seguidos à risca, com diálogos frequentes com as crianças intérpretes, seus responsáveis e professores durante a pesquisa de campo. Para tanto, os responsáveis pelas crianças receberam uma orientação prévia sobre a importância do TCLE e do TALE, e a legalidade. Desses documentos para a realização da pesquisa de mestrado, além de terem sido informados quanto aos métodos elencados para a captação de dados durante os encontros com os intérpretes.

Desse modo, explicamos também para as crianças a importância de resguardar seus nomes próprios e suas identidades, respeitando a legalidade da legislação federal que versa sobre pesquisas com seres humanos menores de idade.

Desde o início, tivemos a preocupação de ser coerente com o referencial teórico que norteia a pesquisa e com a importância da legitimidade das falas das crianças como agentes sociais produtores de cultura e saberes, explicando minuciosamente para os intérpretes, que por mais que suas identidades fossem preservadas, os dados coletados como suas impressões, seus pensamentos e seus saberes seriam mantidos e apresentados na íntegra para exercermos o respeito pelo espaço dos intérpretes.

O respeito também foi fundamental quanto ao tempo e desejo ou não das crianças em participar como intérpretes de uma pesquisa científica nesses moldes. Por isso, a coleta de dados, foi regada de cuidados para que não houvesse riscos de constrangimentos ou aborrecimentos, seja por parte do pesquisador que conduziu as oficinas, seja por parte dos participantes. As idas a campo tiveram sempre a combinação prévia dos dias e horários com as professoras participantes, bem como foi precedida de autorização do diretor da instituição de Educação Infantil.

Apontamos ainda os riscos e benefícios oriundos desse estudo tentando sempre conduzir esta pesquisa de forma honesta e clara. Como o objeto de estudo dessa pesquisa trata-se de um patrimônio cultural imaterial que tem como estrutura principal a religiosidade atrelada a uma festividade, consideramos que na coleta de dados poderia haver um desconforto para os participantes quanto aos procedimentos utilizados, o que não aconteceu. Logo, antecipadamente foi previsto um risco mínimo que seria reduzido mediante a garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes durante todas as fases da pesquisa, e ainda a desistência a qualquer momento da participação no estudo. Mas, para além dos riscos, acreditamos que este estudo traga benefícios no sentido de compreender como se constrói a formação da percepção infantil sobre a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha e amplia a oportunidade da escuta infantil sobre a festa que só é vista pelo olhar do adulto. Para os professores participantes, a pesquisa oferece a oportunidade de aprimorar as práticas pedagógicas quanto a abordagem da festa em sala de aula.

Os benefícios desejados ainda pretendem atingir a produção científica na medida que pretende contribuir com a literatura, oferecendo uma compreensão sobre os olhares das crianças para os assuntos nos quais elas são ainda estão distantes. Para a sociedade, os benefícios estão para criar uma oportunidade de valorização cultural por meio do papel da infância nesse processo com a colaboração das instituições escolares.

Reforçamos ainda o compromisso em divulgar os resultados dessa pesquisa principalmente para os participantes envolvidos no estudo que contribuíram para o seu resultado e em formato acessível para o entendimento das crianças principalmente.

1.2 A busca pelo ponto de partida: a relação da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio com a Educação Infantil nas pesquisas científicas

Compreendemos que ao definir um objeto de pesquisa não estamos partindo do “nada”. Estamos, na verdade, ampliando ou dando continuidade a pesquisas já iniciadas e que servem para nós como orientação em nossa busca por respostas ao problema definido, no qual entendemos ser relevante a busca pela solução, ainda que temporária. Assim, a nossa base teórica neste estudo está atrelado a estudos que reflitam sobre a infância nas suas múltiplas dimensões cognitivas, sociais, afetivas e a relação destes com sua capacidade de vivenciar e produzir cultura.

Assim, na busca por pesquisas já realizadas para nortear o nosso trabalho, lançamos mão da pesquisa em base de dados para identificarmos o estado da arte do objeto de estudo em questão. Assim, foi necessário fazer uma revisão sistemática de literatura, “com o objetivo de elaborar a contextualização da pesquisa e seu embasamento teórico, o qual fará parte do referencial da pesquisa na forma de uma revisão bibliográfica (ou da literatura), buscando identificar o ‘estado da arte’ ou o alcance dessas fontes.” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 131).

1.2.1 Da aproximação com o objeto de estudo

A aproximação com o objeto de estudo, ou seja, a percepção infantil sobre a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, exigia de nós um esforço para identificar o ponto de partida. Por isso, como na maioria das pesquisas científicas é necessário identificar estudos anteriores sobre o tema e as possíveis lacunas deixadas por estes estudos. Este foi nosso primeiro movimento como pesquisadora: identificar nas bases de dados estudos que servissem como suporte teórico para responder nossa pergunta norteadora.

O processo de busca nas bases de dados foram realizadas em dois momentos distintos. No primeiro momento os nossos esforços voltaram-se para encontrar pesquisas cujos objetos de estudos tratavam das festas populares numa perspectiva infantil, cujos achados estão apresentamos abaixo.

Quadro 2 - Pesquisas encontrados para integrar Revisão de

Base de Dados	Ano	Tipo	Autor (a)	Título do trabalho	Tema de interesse
Banco de Teses e Dissertações Da CAPES	2019	Dissertação	BAKER, ANDREA GODINHO.	CAMINHOS saberes, infantis no Círio de Nazaré Belém	Círio AND Crianças
	2012	Dissertação	CARVALHO, LUCIANA COIN DE.	O Bumba Meu Boi do Grupo de Danças Gracinha: uma experiência de Arte-Educação	Festa do Bumba meu do AND Crianças

Fonte: Elaborado pela autora com dados da pesquisa, 2023.

Como podemos perceber o número de trabalhos encontrados que abordam a festividades populares relacionados a infância é muito reduzido, por isso não é estipulado um marco temporal para fazer a pesquisa. O processo de busca por pesquisas cujo sujeitos tenham sido as crianças foi feito também considerando outras celebrações reconhecidas pelo IPHAN, inclusive a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio.

Nesse sentido, tivemos que ampliar a pesquisa para dar continuidade ao processo de busca por trabalhos que nos ajudasse a situar nosso objeto de estudo. Esse foi, portanto, o segundo momento de buscas.

Utilizamos agora outros conceitos mais ampliados e também relacionados à festa em questão, sejam eles: Patrimônio cultural imaterial, Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, Educação Infantil e Educação Patrimonial. Dessa vez, as buscas foram realizadas na base de dados da *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e no Repositório de Teses e Dissertações da CAPES. A escolha da SCIELO deu-se pelo fato de que essa base de dados

contempla um grande número de trabalhos publicados em eventos e trabalhos publicados em periódicos na área da educação e integra artigos numa perspectiva da nova literatura científica. Já a escolha do Repositório de Teses e Dissertações da CAPES deu-se pela abrangência que essa base de dados possui em relação a trabalhos em nível de mestrado e doutorado.

Na base de dados da CAPES, utilizamos a princípio todos os conceitos, ambos interligados pelo operador booleano “AND”, mas a busca retornou a uma quantidade muito grande de trabalhos, ou seja, 93.624 resultados. Numa segunda pesquisa e ainda utilizando o mesmo operador booleano, removemos o conceito “Patrimônio Cultural Imaterial”, mas mesmo assim a pesquisa retornou a um resultado muito alto, 93.456 trabalhos. Cabe salientar, que utilizamos as aspas em ambos os movimentos de pesquisa, pois esse sinal faz com que os conceitos sejam pesquisados na ordem tal qual foi digitado no buscador, por exemplo: se eu quero pesquisar “educação patrimonial”, as aspas fazem com que não sejam catalogados trabalhos que tenha “patrimonial educação”.

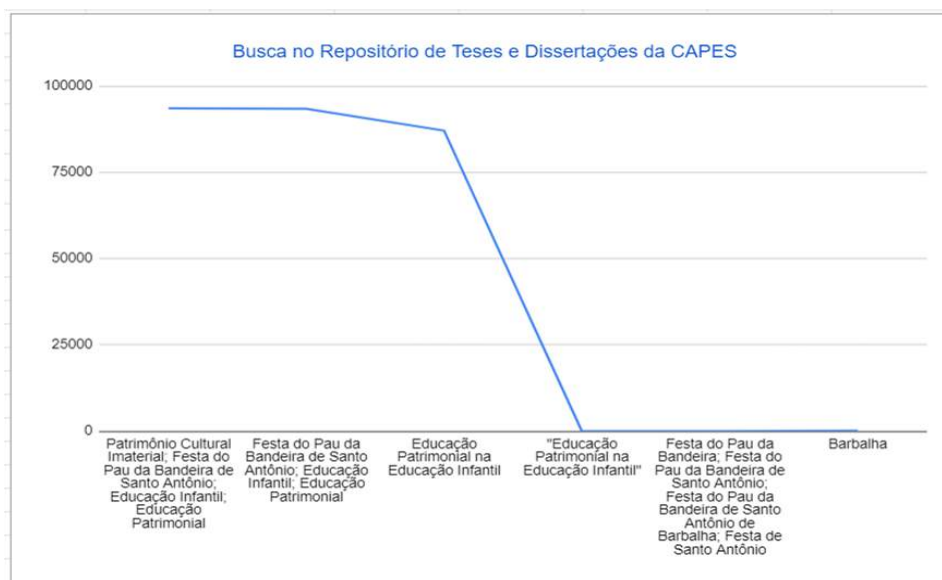
Resolvemos, então, fazer a busca desmembrando esses conceitos. Assim, utilizamos dois conceitos de uma vez só. Na primeira tentativa o conceito foi “Educação patrimonial na educação infantil”. A busca realizada retornou a 870.893 resultados, então, resolvemos pesquisar o conceito entre aspas. Nessa nova busca, chegamos a um resultado nesta base de dados a partir do conceito definido. Desse resultado, fizemos a leitura do título, das palavras-chaves e do resumo. Visto que o trabalho era compatível com o nosso objeto de estudo, selecionamos a dissertação para integrar nossa revisão de literatura.

Em seguida, partimos para a busca de trabalhos relacionados à Festa do Pau da Bandeira. Para isso, utilizamos o operador booleano “OR” que significa “OU” para pesquisar por todos os nomes que a festa pode ser chamada, sejam eles: Festa do pau da bandeira, Festa do pau da bandeira de Santo Antônio, Festa do pau da bandeira de Santo Antônio de Barbalha, ou ainda Festa de Santo Antônio. Nessa busca, encontramos dezoito resultados. No refinamento da busca, consideramos selecionar a área do conhecimento, ou seja, a área da educação, aparecendo apenas um resultado. A partir da leitura do título, das palavras-chaves e do resumo resolvemos descartá-lo, pois percebemos que o seu objeto de pesquisa se distanciava do nosso.

Como não encontramos trabalhos que pudessem ser utilizados em nosso estudo, partimos para pesquisar sobre a festa pelo nome da cidade “Barbalha”. Essa pesquisa nos apresentou 135 resultados. No refinamento, começamos pela grande área do conhecimento, nesse caso selecionamos Ciências Humanas e nos foi apresentado dezenove trabalhos entre teses e dissertações. Fazendo mais um refinamento, agora pela área Educação, chegamos a quatro resultados dentro do espaço temporal que delimitamos para fazer as buscas. O gráfico

abaixo apresenta o movimento de busca na plataforma do Repositório de Teses e Dissertações da CAPES.

Gráfico 1 - Quantitativo de trabalhos encontrados no Repositório de Teses e Dissertações da CAPES



Fonte: Elaborado pela autora com dados da pesquisa, 2023.

Para fazer as buscas por artigos na base de dados da SCIELO, utilizamos o mesmo caminho que fizemos na base de dados do Repositório da CAPES. Na primeira situação, utilizando os quatro conceitos e valendo-se de critérios como o operador booleano “AND”, a busca não chegou a nenhum resultado.

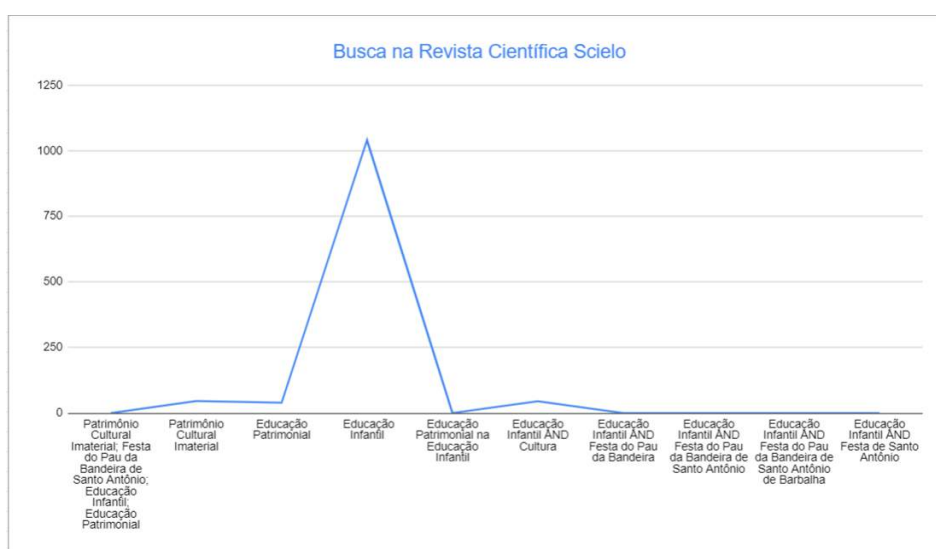
Decidimos então fazer a busca termo a termo. Na primeira pesquisa com o termo “patrimônio cultural imaterial”, chegamos a uma quantidade de 46 trabalhos. Ao fazer um filtro de pesquisas feitas no Brasil, chegamos a oito publicações, mas após análise do título, palavras-chave e resumo, foi feita a exclusão deles por não ter aproximação com nossa pesquisa.

Na busca pelo termo “educação patrimonial”, chegamos a 40 resultados. Desses, após um filtro selecionando o país da pesquisa, Brasil, restou 27 publicações. Ainda, utilizamos o marco temporal, chegamos a dezoito trabalhos. Partimos para a análise de títulos, palavras-chave e resumos, logo foram selecionados dois trabalhos.

O termo “educação infantil”, ao ser buscado de forma isolada dos outros conceitos, retornou a uma quantidade de 1.041 resultados, logo decidimos reformular a busca, agora com o termo “educação patrimonial” e não retornou a nenhum resultado. Encontramos 54 resultados quando utilizamos como critério a junção dos termos “educação infantil” e “cultura”. No afunilamento do país chegamos a 45, e depois a dezoito quando filtramos por período. Porém

todos foram descartados devido não ter relação aproximada do objeto de estudo. Tentamos fazer a busca também em conjunto com o termo “Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio” e não encontramos resultados. O mesmo aconteceu com os termos “Festa do Pau da Bandeira”, “Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio”, “Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha” e “Festa de Santo Antônio”. O gráfico abaixo apresenta o movimento de busca na Revista Científica Scielo.

Gráfico 2 - Quantitativo de trabalhos encontrados na Revista Científica Scielo



Fonte: Elaborado pela autora com dados da pesquisa, 2023.

O marco temporal que selecionamos para fazer a busca de trabalhos para integrar nossa revisão de literatura, ou seja, do ano de 2016 a 2022, justifica-se pelo fato de que em 2015 a Festa do Pau da Bandeira tornou-se patrimônio cultural imaterial brasileiro, e para receber esse merecido título, a festa passou por um longo processo de inventariado. Assim, estudos relevantes anteriores a 2015 foram integrados ao Dossiê de Registro da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha² onde foi necessário para o seu registro e inscrição no livro de celebrações do IPHAN uma pesquisa de ampla identificação, comprovação de sua continuidade histórica e a anuência dos grupos e comunidade detentora do patrimônio. Portanto, a pesquisa buscou olhar para a festa na perspectiva de patrimônio cultural, que deve ser

² O Dossiê de Registro da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha encontra-se disponível no site oficial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) ou através do link: <file:///C:/Users/User/Downloads/PauBandeiraSantoAntonio_Dossie.pdf>

valorizada e preservada com o apoio da educação formal.

Salientamos que para as buscas na base de dados da SCIELO, demos preferência a utilização dos conceitos em português, para delimitar os resultados de estudos realizados por pesquisadores do Brasil.

Após esse movimento de busca, chegamos a sete trabalhos que acreditamos nos auxiliar na aproximação com o objeto de estudo. Abaixo, construímos um quadro para sintetizar os dados coletados.

Quadro 3 - Trabalhos selecionados para Revisão de Literatura

Base de Dados	Ano	Tipo	Autor (a)	Título do trabalho	Tema de interesse
Banco de Teses e Dissertações da CAPES	2022	Dissertação	SILVA, JONISLEY SOARES DA.	A PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE BARBALHA-CE NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA NA ESCOLA VIRGÍLIO TÁVORA	Patrimônio cultural e educação
	2021	Dissertação	NOGUEIRA, RAFAELLY CARNEIRO DOS SANTOS.	CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO DE TEMPO INTEGRAL VIRGÍLIO TÁVORA NO FORTALECIMENTO DA SALVAGUARDA DOS BENS CULTURAIS DA CIDADE DE BARBALHA-CE.	Educação Patrimonial na educação formal
	2016	Dissertação	RODRIGUES, HUGO DE MELO.	PATRIMÔNIO CULTURAL DE BARBALHA NA FORMAÇÃO ESTÉTICA DE PROFESSORES DO ENSINO BÁSICO: ELEMENTOS DO	Patrimônio cultural e educação

				CÍRCULO ESTÉTICO-DIALÓGICO	
	2020	Dissertação	GINO, DESIREE DE SÁ BARRETO DIAZ.	A INTERFACE ENTRE OS SABERES FORMAIS E INFORMAIS MEDIADOS PELAS ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL DE BARBALHA/CE EM INTERATIVIDADE COM AS PRÁTICAS CULTURAIS CAMPONESAS	Práticas culturais e educação
	2023	Dissertação	MARCHESAN, ALEXANDRA POZZATTI.	TRILHA DIVERTIDA DOS CAPITÉIS DE NOVA PALMA (RS): A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL	Educação Patrimonial e Educação Infantil
Revista SCIELO	2022	Artigo científico	SCIFONI, 4SIMONE.	PATRIMÔNIO E EDUCAÇÃO NO BRASIL: O QUE HÁ DE NOVO?	Patrimônio e educação
	2016	Artigo científico	SILVA, RODRIGO MANOEL DIAS DA.	EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E POLÍTICAS DE ESCOLARIZAÇÃO NO BRASIL	Educação Patrimonial

Fonte: Elaborado pela autora com dados da pesquisa, 2023.

As produções acadêmicas envolvendo a Festa do Pau da Bandeira se configuram como um campo de pesquisa em expansão. Pesquisas realizadas tomando como objeto de estudo a relação da festa com a natureza, com as políticas públicas, com o espaço geográfico e com a educação são encontradas nos últimos anos já levando em consideração o viés patrimonial da festa. Porém, estudos que relacionem a festa com a educação infantil ou a percepção infantil não foram encontrados. Diante desse resultado de buscas, selecionamos alguns trabalhos que, a nosso ver, podem contribuir com a nossa pesquisa levando em consideração o objeto de estudo.

1.2.2 O Movimentos de busca e seus achados: A inserção das crianças na Festa do Pau da Bandeira

No bojo das discussões sobre EP, Patrimônio Cultural e Festa do Pau da Bandeira estão os autores cujos trabalhos foram selecionados para auxiliar esta pesquisa. Assim, percebemos que trazer para o debate as formas pelas quais a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha é reconhecida pelas crianças na educação infantil, necessita de um aprofundamento teórico sobre a significação da festa e a contribuição da EP para a formação social e cultural dos sujeitos.

Nesse sentido, os estudos de Silva (2022) apresentam a percepção de alunos do ensino médio sobre o patrimônio cultural, ou seja, como eles percebem e representam a Festa do Pau da Bandeira a partir dos conteúdos de geografia. Também nessa perspectiva, Nogueira (2021), em seus estudos, discute as contribuições da EP para o fortalecimento da salvaguarda dos bens culturais da cidade de Barbalha a partir de uma escola de ensino médio, e dentre os bens, a Festa do Pau da Bandeira. Logo, os resultados dos estudos mostraram que há uma necessidade de incluir a EP no currículo escolar.

Gino (2020) aponta para a necessidade da inter-relação entre os saberes formais e informais que permeiam as práticas culturais que integram a Festa do Pau da Bandeira, assim, vê na EP mecanismos que possam contribuir com a preservação do patrimônio cultural imaterial no ensino fundamental.

Além de tentar compreender como os bens culturais são representados pelas crianças e jovens na educação formal, faz-se necessário compreender a importância das práticas pedagógicas nesse processo. E para isso, ter um olhar atento para os professores em relação a sua formação para atuar na EP e qual o significado do patrimônio cultural local para eles (Rodrigues, 2016). Desse modo, o autor busca compreender as relações entre a formação do professor e as práticas pedagógicas no campo da educação para o patrimônio a partir dos saberes de professores que atuam no ensino fundamental.

Compreendemos a importância da EP na educação formal, mas não podemos nos esquecer que a educação básica para além do ensino fundamental e médio, existe a educação infantil. Logo, articular a EP com a educação infantil coaduna com o que afirma o Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC):

O pensamento crítico e o desenvolvimento da consciência pelo cidadão, acerca de seu Patrimônio Cultural, são fatores indispensáveis, no processo de preservação sustentável de sua história, bem como no fortalecimento do exercício ativo da sua cidadania. A Educação Patrimonial é um instrumento pedagógico de compreensão do mundo e de resgate da própria identidade cultural de uma sociedade. Este processo educacional proporciona um autoconhecimento dos indivíduos e a valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural. (Ceará, 2019, p. 94).

Em conformidade com o DCRC, Marchesan (2023) diz que a EP como um instrumento pedagógico contribuirá com o protagonismo das crianças na construção de sua própria história, bem como do grupo social no qual fazem parte, melhorando sua autoestima e usufruindo de modo consciente dos bens culturais que seus antepassados deixaram, tornando-se cidadãos responsáveis pela preservação e valorização dos bens culturais locais.

Por isso, colocar em prática uma EP nas instituições de educação infantil, além de aproximar desde cedo as crianças aos bens culturais que estão presentes no seu cotidiano, afastam as práticas educativas que até então só valorizavam os bens consagrados e acautelados pelo Estado e que só servem para manter as memórias e estruturas de poder de uma sociedade elitista e que desvaloriza os saberes e fazeres populares. (Scifoni, 2022).

Muitos estudos e produções acadêmicas nos apresentam as relações entre a educação formal e a EP numa perspectiva crítica e reflexiva, como os estudos de Gino (2020), Rodrigues (2016), Baker (2019), entre outros. No caso específico da Festa do Pau da Bandeira como patrimônio cultural não foram encontrados, nas bases de dados em que fizemos buscas, trabalhos que tenham como protagonistas as crianças das escolas de educação infantil. Isso nos leva a acreditar que são poucos os estudos sobre o patrimônio envolvendo crianças e quase que inexistentes em determinados temas. Além disso, há uma “escassez de pesquisas com intérpretes infantis, sobretudo, que valorizem a percepção e a voz da criança sobre essas festividades, dado que chama atenção, pois a participação de crianças em festividades religiosas é comum no Brasil” (Baker, 2019, p. 30). Logo, vemos a necessidade de investigar a representação da Festa do Pau da Bandeira para a faixa etária mencionada.

A busca por pesquisas anteriormente realizadas que corroborem com pesquisas em andamento é um processo árduo para aqueles que tentam se arriscar com um objeto de estudo pouco discutido. Vimos que apesar do desafio, o movimento de vai e vem nos processos de buscas, é necessário perpassar por esses processos para fortalecer a construção do objeto de estudo, bem como o estabelecimento do ponto de partida, amadurecimento das teorias estabelecidas que guiaram os estudos e o vislumbre de novos desafios a serem enfrentados.

Em linhas gerais, acreditamos que esse estudo pode proporcionar à comunidade acadêmica e profissional uma melhor compreensão acerca da importância da educação formal para a salvaguarda do patrimônio cultural, como também reconhecer práticas pedagógicas que, incluídas no currículo da educação infantil, podem ocasionar impactos positivos na aprendizagem das crianças e na construção de uma identidade cultural.

2 A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA EDUCAÇÃO FORMAL: LIMITES E POSSIBILIDADES

O patrimônio cultural é um meio de comunicação que tem a capacidade de transmitir informações de um passado para o presente e para o futuro (Scifoni, 2022). Essa capacidade comunicativa do patrimônio tem também sua função pedagógica, pois ao mesmo tempo que fala ou transmite algo, deixa de falar e de transmitir, ou seja, “é possível, também, silenciar sobre conflitos e tensões, bem como sobre um passado violento e de opressão aos grupos sociais subalternizados” (Scifoni, 2022, p. 2).

Nesse sentido, a valorização de um patrimônio cultural é ao mesmo tempo uma decisão política que é representada na escolha em dar visibilidade a um bem em detrimento de outro. Isso significa que o patrimônio cultural tem uma importante função na transmissão e comunicação de fatos e histórias por meio dos bens materiais e imateriais, apesar de que, segundo Tolentino (2019):

[...]Por muito tempo, ao longo da história, foram atrelados à formação de identidades nacionais, à celebração de acontecimentos fundadores, à manutenção de tradições e à legitimação da ordem e do sistema de poder instaurado. Essa força de que se reveste um bem considerado como patrimônio cultural de uma nação ou de um determinado território também fez com que grupos não hegemônicos e contrários à manutenção das estruturas de poder instauradas, muitas vezes oficialmente, reivindicassem a representação de suas identidades como importantes processos de legitimação de memórias coletivas. (Tolentino, 2019, p. 142).

Esse é, portanto, o caráter político do patrimônio cultural, transmitir uma visão de mundo através de seus bens, a depender dos interesses do grupo que detenha o poder sobre ele. Essa transmissão pode ser feita informalmente, por meio das relações entre os grupos sociais, que por muito tempo foi negligenciada pelo Estado, ou formalmente por meios das instituições oficiais do Estado, o principal regulador desse processo para manter viva a memória prioritariamente dos detentores do poder e assim perpetuá-lo.

Ainda é importante considerarmos que o patrimônio cultural como um elemento histórico, não está paralisado no tempo. Precisamos entendê-lo nas constantes transformações pelas quais é submetido, seja pela ação do próprio tempo, seja pelo sentido que é recebido pela sociedade. Isso porque, segundo Cohn (2005) “a cultura não está nos artefatos nem nas frases, mas na simbologia e nas relações sociais que os conformam e lhes dão sentido”. (Cohn, 2005, p. 20). Por isso, na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio não encontra-se hoje os elementos igualmente como no seu surgimento, mas com claras mudanças inerentes ao decorrer

do tempo. Contudo, a tradição de cultivar o santo, consegue resguardar elementos que a dão sentidos, ou seja, mantém a simbologia mesmo com as mudanças ocorridas.

Como forma de sistematizar a transmissão dos sentidos do patrimônio cultural, nasce a Educação Patrimonial. Essa educação não pressupõe um processo formativo inédito, mas identifica práticas que já ocorriam tanto na esfera formal quanto informal, reunindo práticas pedagógicas que definem a função social do patrimônio.

É importante destacar que a educação, como já antecipava Paulo Freire (2011), não é neutra, e com a EP não seria diferente. A discussão sobre ações da EP no Brasil pode ser percebida no surgimento do IPHAN em 1937 com o objetivo de capacitar os indivíduos para melhor usufruto dos bens culturais. Mas que bens culturais são esses? Quem os determinaram como patrimônio cultural? Estas indagações nos fazem refletir sobre o papel do Estado na manutenção do *status quo* de um pequeno grupo que utiliza a cultura, a memória e o patrimônio para se manter no poder. Logo, a EP pensada inicialmente tinha essa função conservadora.

Não podemos esquecer que o debate e a problematização em torno da EP estabelecida apresentou-se também como um campo privilegiado de enfrentamento político-ideológico necessário para capacitar os diversos grupos sociais para usufruto dos bens culturais eleitos por eles próprios.

Nesses moldes, a EP trata-se de uma educação que busca formar o cidadão para possuir um posicionamento político, e portanto, tornar-se um ser crítico. A criticidade que se busca alcançar com a disseminação da verdadeira história da população brasileira por meio de seus bens culturais, faz da EP um mecanismo contra a manutenção das estruturas da sociedade de classes.

A EP baseada em princípios democráticos permite aos sujeitos a leitura do mundo que o rodeia, levando a compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido, uma vez que o patrimônio cultural deve ser visto como fonte histórica. Assim, o conhecimento crítico e a apropriação consciente permite sem dúvida a efetiva cidadania.

A EP como processo permanente e sistemático, busca a apropriação e a valorização da herança cultural, através de um trabalho educacional permanente com o auxílio de material e vivências que facilitem a apreensão do sentido de cada bem herdado.

O fato da EP ter sido pensada inicialmente a partir das ações do Estado, não significa que o “ponta pé” inicial tenha sido irrelevante para o que consideramos hoje como EP. As Ações educativas ganham visibilidade dentro do IPHAN desde a sua criação em 1937, mas sua concepção foi se modificando ao longo do tempo, como aponta Florêncio et. al. (2014):

Desde a sua criação, em 1937, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN manifestou em documentos, iniciativas e projetos a importância da realização de ações educativas como estratégia de proteção e preservação do patrimônio sob sua responsabilidade, instaurando um campo de discussões teóricas, e conceituais e metodologias de atuação que se encontram na base das atuais políticas públicas de Estado na área. (Florêncio et al., 2014, p. 5).

A preocupação com uma educação para o patrimônio pode ser percebida no posicionamento de Mário de Andrade, diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo em 1936, quando afirma o caráter pedagógico dos museus, a partir de um documento escrito por ele a pedido do então ministro da Educação Gustavo Capanema, cujo objetivo do documento era a organização de um serviço que fixasse e defendesse o patrimônio artístico nacional.

A ênfase na EP é também dada por Rodrigo Melo Franco de Andrade, diretor do IPHAN na época de sua criação, quando fala sobre a importância da educação na preservação do patrimônio cultural. É importante ressaltar que no período que gira em torno de 1936 à 1970 as ações educativas estavam voltadas principalmente para a preservação do patrimônio material e falava-se muito em “conhecer para preservar”, como se a solução dos problemas fosse apenas levar informação a população do que seria patrimônio aos olhos do Estado. Segundo Florêncio et. Al. (2014):

Ao longo de sua “fase heroica” (1937-1967), é possível afirmar que as iniciativas educativas promovidas pelo IPHAN se concentraram na criação de museus e no incentivo a exposições; no tombamento de coleções e acervos artísticos e documentais, de exemplares da arquitetura religiosa, civil, militar e no incentivo a publicações técnicas e veiculação de divulgação jornalística, com vistas a sensibilizar um público mais amplo sobre a importância e o valor do acervo resguardado pelo órgão. (Florêncio et. al., 2014, p. 6).

No final da década de 1970 a EP é abordada de forma mais incisiva dentro das ações do IPHAN. Muitas dessas ações foram frutos de experiências educacionais ocorridas em outros lugares do mundo, como por exemplo na Inglaterra, bem como a partir de discussão sobre a EP em eventos nacionais e internacionais sobre o efeito educativo dos museus. Ao longo desses vários anos de criação do IPHAN, várias ações foram realizadas em prol da preservação do patrimônio cultural, entre eles o Projeto Interação de 1981, cujo próprio nome remete a interação entre a educação básica e os diferentes contextos culturais brasileiros (Florêncio et al., 2014).

A proposta do projeto consistia em apoiar “à criação e ao fortalecimento das condições

necessárias para que o trabalho educacional se produzisse referenciado na dinâmica das culturas, reafirmando a pluralidade e a diversidade cultural brasileira”. (Brandão, 1996, p. 11).

Segundo Brandão (1996), o Projeto Interação desejou:

Associar a prática escolar rotineira e concreta de cada contexto cultural, tal como ele existe e se reproduz, para torná-la mais acentuada e criticamente um instrumento de sua própria transformação, em cada uma de suas comunidades sociais de realização. (Brandão, 1996, p. 36).

Nesse sentido, coadunando com Brandão (1996) reafirmamos a importância da educação formal para a valorização do patrimônio cultural, principalmente os saberes e fazeres cotidianos de cada comunidade.

Outra ação importante para a EP foi o lançamento do Guia Básico da Educação Patrimonial (1996), tornando-se o principal material de apoio para ações educativas realizadas pelo IPHAN. O guia abre as portas para a discussão do patrimônio cultural como mediador das práticas educativas, mas ainda trata este patrimônio sendo exterior aos grupos sociais. Ou seja, durante muito tempo, o guia foi o documento norteador da EP no Brasil, porém há críticas em relação ao seu conteúdo, pois muitas ações estão voltadas para preservação de um patrimônio cultural que representa apenas os saberes da cultura dominante.

Uma iniciativa que merece nosso olhar atento em relação a superação da visão elitista do patrimônio cultural brasileiro, diz respeito a criação da portaria pelo IPHAN nº 137/2016, que estabeleceu as diretrizes para a EP no país, superando a visão do guia básico, em uso desde o fim dos anos 1990. No artigo terceiro da portaria, define-se as diretrizes para a EP, que são elas:

I – Incentivar a participação social na formulação, implementação e execução das ações educativas, de modo a estimular o protagonismo dos diferentes grupos sociais; II – Integrar as práticas educativas ao cotidiano, associando os bens culturais aos espaços de vida das pessoas; III – valorizar o território como espaço educativo, passível de leituras e interpretações por meio de múltiplas estratégias educacionais; IV – Favorecer as relações de afetividade e estima inerentes à valorização e preservação do patrimônio cultural; V – Considerar que as práticas educativas e as políticas de preservação estão inseridas num campo de conflito e negociação entre diferentes segmentos, setores e grupos sociais; VI – Considerar a intersetorialidade das ações educativas, de modo a promover articulações das políticas de preservação e valorização do patrimônio cultural com as de cultura, turismo, meio ambiente, educação, saúde, desenvolvimento urbano e outras áreas correlatas; VII – incentivar a associação das políticas de patrimônio cultural às ações de sustentabilidade local, regional e nacional; VIII – considerar patrimônio cultural como tema transversal e interdisciplinar (IPHAN, 2016).

Podemos perceber que diante das diretrizes estabelecidas pela portaria, encontra-se os

princípios para um novo fazer pedagógico na EP, a partir da autonomia dos sujeitos, dialogicidade e incentivo à participação social (Scifoni, 2022).

Há, portanto, uma necessidade em reiterar que a EP como prática política de liberdade em oposição a uma EP esvaziada de sentido e antidialógica, busca a valorização e preservação dos bens culturais viabilizando a formação dos sujeitos críticos capazes de guiar suas ações para uma mudança social. Considerar a EP nesses moldes aproxima o pensamento de Paulo Freire (2003) com as ações do Projeto Interação (Brandão, 1996) na busca em associar à educação aos contextos culturais.

Por isso, não podemos deixar que EP seja apenas o lugar onde o Estado se utiliza para disseminar o seu discurso dominador por meio dos bens acautelados por ele, refletindo uma insistência em naturalizar uma narrativa que valoriza o patrimônio imperialista herdado pelos europeus.

Diante disso, os limites da EP estão marcados no instante em que o patrimônio cultural que se pretende preservar diz respeito a apenas um grupo dominante que determina o que pode ser lembrado ou esquecido invisibilizando a cultura, o modo de vida de outros grupos que também fazem parte da sociedade. Esse limite, imposto pela demarcação do que é ou não patrimônio cultural, que muitas vezes é representado pela manutenção da sociedade de classes, onde no imaginário coletivo a cultura popular não tem valor, afetando a autoestima dos indivíduos ao dificultar o processo de identificação cultural.

Por outro lado, a EP pode agir na contramão da aceitação passiva da existência apenas de patrimônios culturais legitimados apenas pelo Estado, que estão a serviço da manutenção da sociedade de classes, na medida em que abre o debate sobre a importância da valorização das diversas manifestações culturais promovendo uma reflexão crítica de quem, como e porque se busca invisibilizar certas manifestações culturais em detrimento de outras. O processo de sobreposição entre as culturas faz com que os grupos muitas vezes não reconheçam sua importância e com isso façam poucos esforços para mantê-la viva. Nesse sentido, coadunamos com o pensamento de Brandão (1996) quando diz que valorizar é tomar consciência de si mesmo, criando e recriando a cultura por meio dos significados que vão sendo atribuídos a ela.

Alinhado a esse pensamento, Colares afirma que “o monopólio exercido pela indústria cultural e a violência simbólica sobre a cultura popular, aquela que emana do povo, com interesses comunitários próprios e que sobrevive sufocada pelos interesses do mercado, que a tudo quer homogeneizar” (Colares, 2019, p. 30-31). É portanto, essa homogeneização que faz com que o sentido da cultura popular tenha se perdido entre as comunidades que as detém.

Acreditamos que cabe a nós educadores problematizar a EP e percebê-la a partir de um

campo de possibilidades de trocas de conhecimentos, permitindo que os grupos sociais, e entre eles as crianças, demonstrem sua potencialidade na construção de sua identidade cultural a partir de suas vivências experienciadas nas relações entre o território, os saberes cotidianos e os bens culturais.

Logo, a EP que defendemos deve integrar a cultura popular aos fazeres escolares de forma que as práticas pedagógicas fomentem a compreensão do sentido construído historicamente do patrimônio cultural local.

2.1 Um olhar sobre as pesquisas com crianças no âmbito cultural

Adentrar ao mundo das pesquisas com crianças requer de nós a maturidade de compreender essa fase da vida como qualitativamente diferente da vida adulta. Não é tarefa fácil, confesso, pois introjetados no mundo adulto em que a racionalidade do dia a dia é vista como algo superior, impede quase que totalmente de enxergar o mundo visto por outras lentes, as lentes da criança. As lentes límpidas das crianças as fazem perceber o mundo como ele de fato é. É possível perceber essa afirmação na espontaneidade da criança, no diálogo, no brincar, e nas interações em geral.

Essa espontaneidade infantil vai se esvaindo no tempo, e com a entrada na educação formal percebe-se uma aceleração devido ao próprio processo de normatizações que a escola estabelece nas suas práticas, seja por imposições legais palpáveis como o estabelecimento de um currículo impositivo, seja por aspectos intangíveis como o currículo oculto expressado em regras, tom de voz dos adultos, expressões faciais, entre outros.

Assim, realizar pesquisas com crianças faz com que tenhamos essa sensibilidade em compreender como ela reconhece e interage com o mundo, ou seja, como sua percepção está intrinsecamente relacionada ao seu contexto histórico-cultural e social. Logo, os aspectos culturais de um lugar fazem parte da vivência infantil que são herdados pelos adultos num processo contínuo de geração a geração. Cabe destacar que o primeiro contato da criança com a cultura é realizado no âmbito familiar e/ou através do grupo a qual pertence a partir das vivências, saberes e práticas cotidianas.

Por isso, fazer pesquisa com crianças, qualquer que seja a finalidade do estudo, requer compreender as características inerentes ao mundo infantil como um todo. No nosso caso, precisamos colocar no centro do estudo a criança barbalhense, não outra, mas aquela que respira os hábitos e costumes de sua cidade, cuja história familiar confunde-se como a história do seu local, do seu território. Crianças cuja família possui papel importante na construção da cidade

e na condução das tradições como é o caso da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, que se não fosse os moradores devotos, talvez não tivesse se desenvolvido e se tornado uma festa tão grandiosa.

São crianças que desde cedo vivenciam as práticas culturais de seu grupo e veem seu lugar se modificando para reviver a festa que retrata o fazer cotidiano, além de ser feita pela própria comunidade. Os sujeitos edificadores da celebração são vistos nas relações do dia a dia e também no fazer da festa, como por exemplo os grupos de brincantes, os carregadores do pau, os organizadores da festa, entre outros. Estes por sua vez são cidadãos comuns que estão nas ruas do bairro, no centro da cidade, nos locais de convívio em que a criança também faz parte.

É imprescindível ressaltar a importância dos detentores da Festa do Pau da Bandeira, pois sem eles a festa não existiria. Desse modo, na dinâmica social os carregadores do pau possuem as mais variadas ocupações em “tempos normais” como trabalhadores rurais, trabalhadores do engenho, pedreiros, entre outros. Percebe-se que ao longo do tempo essa configuração vem se modificando como afirma Araújo (2019):

Em outras épocas eram eles o ‘povo do mercado’, trabalhadores dos sítios e dos engenhos, prestadores de pequenos serviços. Fala-se de megarefes, ferreiros, freteiros, pedreiros, tangerinos, trabalhadores do engenho e outros. Mas recentemente sua composição mudou bastante, em termos de perfil sociocultural, idade, comportamento. Permanece como traço de união entre gerações, aquele sentimento (Araújo, 2019, p. 34).

Portanto, é através de seus pais, familiares, vizinhos que as crianças vão internalizando os aspectos culturais que as rodeiam e criando o imaginário coletivo de pertencimento àquela cultura.

Nesse sentido, a pesquisa realizada com as crianças do Centro de Educação Infantil Martinho Tavares Teles considera esse contexto peculiar do mundo infantil, além de resguardar os seus direitos e as especificidades dessa etapa da vida. Assim, concordamos com o significado que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) atribui ao que é ser criança, ou seja:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (DCNEI, 2009, p. 12).

Logo, concordamos com Paulo Freire (1989) quando diz que o conhecimento da palavra

somente acontece após o conhecimento do mundo, ou seja, o conhecimento do texto, dos conceitos e das letras só vem depois do contato imediato da criança com sua cultura, seus costumes, suas crenças e suas tradições, contato este vivenciado nas relações com outros sujeitos adultos e/ou crianças.

O pensamento de Freire (1989; 2003; 2011) nos guia nesse estudo pelo fato de refletir diretamente na nossa concepção de conhecimento e cultura, da relação do homem com o mundo e demonstrar correspondência como o nosso pensamento e com o nosso objeto de estudo, a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha. A relação das crianças com a festa começa antes mesmo de seu ingresso na escola, é no contato com pais, irmãos, vizinhos, é vendo e ouvindo a festa acontecer. Na quermesse da igreja a criança brinca e escuta lá de fora a ladainha que acontece lá dentro, observa a mudança nas ruas, os enfeites coloridos que dão um tom de alegria no período festivo. É hora de receber as visitas e os familiares em casa, esta fica cheia, e as ruas também. Os homens acordam cedo, saem para cortar o pau, saem para carregar o pau.

Figura 5 - Cortejo cultural na Festa do Pau da Bandeira em Barbalha



Fonte: Paulo Henrique Rodrigues/TV Verdes Mares, 2023.

Toda essa vivência imediata da criança, já está na leitura da palavra dos adultos, as histórias e o conhecimento que um dia foram leitura de mundo de um adulto se transformaram, mas não deixaram de ser essenciais para a formação do sujeito. Contando sua própria experiência Freire (1989) diz:

Daquele contexto - o do meu mundo imediato - fazia parte, por outro lado, o universo da linguagem dos mais velhos, expressando as suas crenças, os seus gostos, os seus receios, os seus valores. Tudo isso ligado a contextos mais amplos que o do meu mundo imediato e de cuja existência eu nós podia sequer suspeitar. (Freire, 1989, p. 10).

O conhecimento do mundo letrado não significa de forma alguma a ruptura com o “leitura” do mundo imediato da criança, pelo contrário, faz-se necessário esse ponto de partida que se renova num movimento cíclico de aprendizado do concreto para o abstrato, do abstrato para o concreto.

Porém, percebemos que o contato das crianças com a educação formal, por sua vez, orientado pelo Estado, muitas vezes os conhecimentos são mediados de forma arbitrária por meio de conteúdos escolares desconectados do seu contexto sócio-cultural e que as crianças terão que adquirir para “sobreviver” na sociedade capitalista. A introdução dos valores mercadológicos na escola faz com que haja muitas vezes o abandono de valores, da cultura e da essência como ser humano, ocasionando muitas vezes em um distanciamento de seu povo, de seu território e de sua história, ainda que esse afastamento não ocorra de forma espacial.

É muito importante que tenhamos consciência do ambiente no qual a pesquisa se desenvolve. De um lado, uma comunidade com sua cultura local, seus ritos, crenças e valores. Do outro, uma sociedade moderna impondo transformações na relação dos sujeitos com seus pares e com natureza a partir das relações de consumo. Logo, deve-se considerar a inserção das crianças nessa sociedade mutável, que irá afetar também a sua percepção sobre as coisas e sobre seu próprio papel no contexto cultural (Cohn, 2005).

Dessa forma, a instituição escolar integrante da sociedade mutável é responsável por promover momentos de trocas e aprendizagens das crianças, mas esses momentos estão longe de acontecer apenas na escola. Como afirma Brandão (2007), o movimento de aprender e ensinar ocorre nas ruas, nos grupos, na igreja, em todos os lugares e de vários modos, por isso não podemos falar que educação acontece apenas na instituição escolar, mas é considerada uma forma educativa que integrada com um todo social constrói o sujeito cultural.

As pesquisas com crianças requer um olhar atento às especificidades dessa etapa da vida. A infância é o momento da fantasia, da imaginação, das brincadeiras. Em suma, é o momento da inocência, do fazer e do falar sem culpa e esses aspectos devem ser considerados nas pesquisas com crianças.

Refletir sobre as instituições formais que acolhem as crianças na primeira infância é considerar que estas instituições desenvolvam propostas pedagógicas que compreendam e respeitem o processo do desenvolvimento infantil em todos os aspectos, como sinaliza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em seu artigo 29, ou seja, a Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica e “visa o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos de idade em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996, p. 22).

A integralidade de que fala o artigo 29 da LDB vai além dos aspectos listados, pois correlacionado a estes aspectos, outras dimensões do desenvolvimento estão atrelados a eles, como os aspectos éticos, culturais, morais que estão contidos nas relações intra e extramuros das instituições escolares.

Portanto, nessa etapa da educação, é necessário proporcionar momentos de interação entre as crianças de diferentes idades e com adultos (Vygotsky, 1989), que estimulem o processo de ensino-aprendizagem, momentos de descobertas e de exploração do mundo de maneira criativa que desperte a curiosidade das crianças, “bem como estimular a socialização de conhecimentos e saberes essenciais de convivência para que as crianças se constituam cidadãos críticos, criativos e conscientes do seu papel na sociedade” (Marchesan, 2023, p. 20).

É de fundamental importância também refletir sobre as experiências cotidianas pelas quais as crianças vão construindo suas aprendizagens e se desenvolvendo, que devem ser estimuladas no âmbito da Educação Infantil, organizadas por meio das experiências vivenciadas dentro do contexto escolar. Isso, porém, não significa dizer que as experiências significativas de aprendizagem se restrinja ao âmbito institucionalizado de educação, mas que na instituição de Educação Infantil essas experiências serão direcionadas e organizadas para que as crianças consigam estimular o maior número delas, alcançando assim o desenvolvimento integral.

Os documentos norteadores que orientam esta etapa da educação básica, a Educação Infantil, recomendam que sua organização curricular se deva dar por meio dos campos de experiências presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), mas que já tinha sido anunciado anteriormente nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI). Em consonância com os Eixos Estruturantes, Direitos de Aprendizagem e desenvolvimento e os Campos de Experiências, a Educação Infantil deve desenvolver-se de forma integral.

Figura 6 - Esquema estrutural do currículo da Educação Infantil

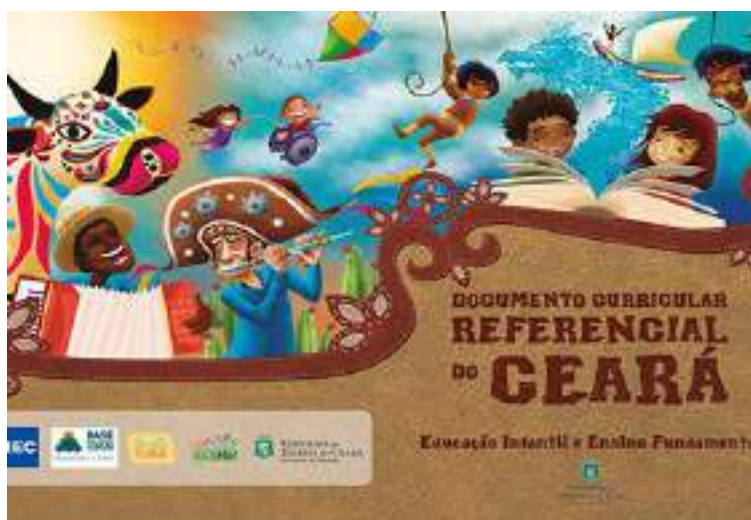


Fonte: Elaborado pela autora com dados da pesquisa, 2024.

No esquema anterior há interrelações entre os Eixos Estruturantes, Campos de Experiências e Direitos de Aprendizagem, em que as interações e brincadeiras são o pilar de toda Educação Infantil. Nesse sentido, é possível que o desenvolvimento da EP a partir da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio contemple todas as orientações que o currículo da Educação Infantil determina para que haja de fato o desenvolvimento integral da criança.

No estado do Ceará, em 2019, seguindo as orientações da BNCC, DCNEI e de outros normativos que orientam a Educação Infantil, cria-se o Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC) para que as orientações da BNCC sejam ampliadas no sentido de abranger no currículo as especificidades do território cearense.

Figura 7 - Capa do Documento Curricular Referencial do Ceará



Fonte: Site oficial da Secretaria de Educação do Ceará, 2024.

A ilustração na capa do DCRC busca antecipar os objetivos deste documento que traz elementos gráficos que representam a diversidade cultural do estado do Ceará. Por um lado, esta representação busca criar em nosso imaginário que os documentos norteadores da educação nacional visam abranger e valorizar essa multiplicidade de saberes e fazeres dos grupos sociais. Mas, por outro lado articula orientações educativas padronizadas que devem ser seguidas no âmbito nacional e estadual como salienta o próprio DCRC.

Cumprе salientar que o documento em pauta foi constituído à luz da Base Nacional Comum Curricular (doravante, BNCC), mas incorpora, na sua estrutura itens que se propõem a favorecer uma compreensão mais precisa do que é pretendido; e na definição de objeto de conhecimento específico do nosso povo, acrescenta aqueles que aprofundam a identidade cearense. (Ceará, 2019, p. 19).

A EP articulada à Educação Infantil quando desenvolvida de forma comprometida com a valorização do Patrimônio Cultural é capaz de integrar todos os Campos de Experiências expressos na BNCC e ir além das orientações descritas nela.

O Campo de Experiência, *O eu, o outro e nós*, diz respeito à interação que a criança apresenta com as outras crianças e com adultos. Assim, elas vão construindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Na medida em que vivem suas primeiras experiências sociais, ou seja experiências na família, na instituição escolar, nos espaços coletivos de socialização, constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, como também sobre os

acontecimentos de sua realidade.

Enquanto interagem entre si e com os adultos, as crianças desenvolvem sua independência e habilidades de cuidar de si mesmas, de se relacionar e de autonomia. Na Educação Infantil, é fundamental proporcionar experiências que permitam às crianças vivenciar diferentes grupos sociais e culturais, entrando em contato com variados valores, tradições, festividades e costumes. (Brasil, 2018). A partir dessas experiências, é possível que elas ampliem o modo de perceber a si mesmas e ao outro, valorizem sua identidade, respeitem os outros e reconheçam as diferenças existentes nos grupos humanos.

O desenvolvimento da criança ocorre em diferentes contextos sociais, ao longo de sua experiência, nas práticas culturais de sua comunidade, assim como nas experiências possibilitadas nas instituições de Educação Infantil. Os contextos nos quais as crianças vivem são plurais, assim, considerar as que vivem na zona rural, nas cidades, no litoral, as ribeirinhas, indígenas, quilombolas, é reconhecer contextos peculiares que refletem os modos de ser criança e de viver das diferentes infâncias, inclusive no cotidiano das unidades de Educação Infantil. (Ceará, 2019, p. 115).

Na instituição escolar, o Campo de Experiência, *O eu, o outro e nós*, deve valer-se de práticas pedagógicas que buscam apresentar as crianças a sua história, que se relaciona direta ou indiretamente a história de outros. Por isso, despertar o interesse das crianças sobre as suas tradições como é o caso da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha, faz com que elas se apropriem desde cedo de sua história e da história de outros grupos que fazem ou fizeram parte desse todo complexo, além de reconhecer a importância de vários outros aspectos que compreende a complexidade da festa, como por exemplo sua relação com a natureza.

Nessa perspectiva, quando desenvolvida na Educação Infantil, a EP proporciona as crianças além da valorização do patrimônio cultural, novas formas de ver o mundo e novas formas de aprender de maneira contextualizada e em conexão com sua origem.

O Campo de Experiência, *Corpo, gestos e movimentos*, traz à tona a necessidade que as crianças têm de se desenvolver e aprender por meio do corpo. É por meio do corpo que as crianças têm o seu primeiro contato com o mundo, por meio dos sentidos, gestos, movimentos intencionais e não-intencionais.

As crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço e os objetos do seu entorno, estabelecem relações, expressam-se, brincam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se, progressivamente, conscientes dessa corporeidade. Por meio das diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem.

Dentro de seus contextos, é possível observar as crianças dançando, fazendo encenações e brincadeiras que veem desde cedo os mais velhos fazendo. Começam a imitar o que veem e algum tempo depois estão sozinhos desenvolvendo aquilo que aprenderam. Práticas assim, mesmo a criança não tendo a noção do que se trata, vão aos poucos ganhando sentido no processo de pertencimento cultural de cada um. (Brasil, 2018).

A exemplo da Festa do Pau da Bandeira, podemos trazer como exemplo a presença de crianças nos grupos tradicionais que fazem parte da festa, como reisado, banda cabaçal, maneiro-pau, entre outros. É perceptível a relação das crianças com o corpo e como ele estabelece uma relação de aprendizagem entre a criança e o mundo cultural.

Na Educação Infantil, o corpo das crianças também deve ser compreendido como fonte de aprendizagem, pois ele é um componente essencial para as práticas pedagógicas que promovam a consciência quanto ao cuidado com a saúde, além de ser o pilar para as interações sociais e para o lazer. Logo, a instituição escolar precisa promover oportunidades ricas para que as crianças possam, sempre envolvidas pelo espírito lúdico e na interação com seus pares, explorar e vivenciar um amplo repertório de movimentos, gestos, olhares, sons e mímicas, para descobrir variados modos de ocupação e uso do espaço com o corpo, que ganham sentido juntamente com as atividades vivenciadas na comunidade. (Brasil, 2018).

No Campo de Experiência, *Traços, sons, cores e formas*, vemos uma relação muito clara com o desenvolvimento cultural na educação formal, pois este campo orienta para a convivência com as diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas. O sentido de orientação dado na BNCC (2018) deve ter do professor uma seriedade quanto as praticas pedagógicas que fazem sentido para a criança. Logo, o cotidiano da instituição escolar deve possibilitar às crianças, por meio de múltiplas experiências, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens a exemplo da experiência de Reggio Emilia³ como afirmam Edwards, Gandini e Forman (2016):

As crianças pequenas são encorajadas a explorar seu ambiente e a expressar a si mesmas através de todas as suas “linguagens” naturais ou modo de expressão, incluindo palavras, movimento, desenhos, pinturas, montagens, escultura, teatro de sombra, colagens, dramatizações e música. (Edwards; Gandini; Forman, 2016, p. 23).

³ Reggio Emilia é uma cidade de 130.000 habitantes na região próspera e progressista de Emilia Romagna, no nordeste da Itália. Seu sistema municipal de educação para a primeira infância tornou-se reconhecido e aclamado como um dos melhores sistemas de educação no mundo. Atualmente, a cidade financia e opera 11 escolas pré-primárias para crianças de 3-6 anos, bem como 13 centros para crianças de 0-3 anos. Nos últimos 30 anos, o sistema criou um conjunto singular e inovador de suposições filosóficas, currículo e pedagogia, método de organização escolar e desenho de ambientes que, tomados como um todo unificado, chamamos de abordagem de Reggio Emilia. Essa abordagem incentiva o desenvolvimento intelectual das crianças por meio de um foco sistemático sobre a representação simbólica. (Edwards; Gandini; Forman, 2016, p. 23).

As experiências infantis com base nesse campo do conhecimento fazem com que as crianças se expressem por várias linguagens, criando e recriando suas próprias produções artísticas ou culturais, exercitando a autoria com sons, traços, gestos, danças, mímicas, encenações, canções, desenhos, modelagens, manipulação de diversos materiais e de recursos tecnológicos. Essas experiências contribuem para que, desde muito pequenas, as crianças desenvolvam senso estético e crítico, o conhecimento de si mesmas, dos outros e da realidade que as cerca (Brasil, 2018).

Figura 8 - Oficina de desenhos



Fonte: Autora da pesquisa, 2024.

Escuta, fala, pensamento e imaginação é um Campo de Experiência presente na vida das crianças desde o nascimento. Cotidianamente as crianças se envolvem em situações comunicativas, nas quais fazem parte da interação com as outras pessoas. Com um tempo há uma ampliação e um enriquecimento de seu vocabulário e o surgimento de vários outros recursos de expressão e de compreensão. Assim:

Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social.

(Brasil, 2018, p. 42).

Escutar as crianças sobre a sua percepção em relação a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, busca trazer à tona as inúmeras possibilidades que as práticas pedagógicas na Educação Infantil podem proporcionar para o desenvolvimento e a aprendizagem infantil baseado neste campo de experiência. Ainda é possível perceber que, desde cedo, a criança manifesta curiosidade com relação à cultura escrita: ao ouvir e acompanhar a leitura de histórias, e outros suportes que utilizem a linguagem verbal e não-verbal. (Brasil, 2018).

Na Educação Infantil, os primeiros contatos das crianças com a cultura escrita deve partir do interesse e curiosidades delas. Por isso, os professores precisam estar atentos a esses interesses e refletir sobre as práticas pedagógicas que promovam essas experiências.

As experiências de leitura, propostas e mediadas pelo professor, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura desde cedo, sendo consideradas estímulos à imaginação e a ampliação do conhecimento de mundo, pois é por meio das histórias que a criança pode conhecer lugares, pessoas, e situações diversas da sociedade mais ampla. Também, o contato com textos de vários gêneros literários como, fábulas, poemas, cordéis, entre outros facilita a familiaridade com livros, e promove a noção de diferenciar o que é linguagem escrita e ilustrações, desenhos e figuras (Brasil, 2018).

No contato com textos escritos, as crianças vão conhecendo as letras e os símbolos inventados pelos homens para se comunicarem ou comunicar alguma coisa, e além disso vão paulatinamente percebendo a escrita como manifestação cultural.

O aspecto natural e geográfico inserido no escopo da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio também possui destaque dentro dos Campos de Experiências. No campo, *Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações*, é possível pensar em atividades em que considerem a capacidade infantil de produzir e reproduzir, pois vivem inseridas em espaços e tempos de diferentes dimensões, em um mundo constituído de fenômenos naturais e socioculturais (Brasil, 2018). É possível notar que crianças pequenas são muito conectadas com experiências que dizem respeito ao tempo e espaço, mas que só terão noção de fato ao longo de seu crescimento e na interação com os adultos. A BNCC (2018) afirma que as crianças:

Demonstram também curiosidade sobre o mundo físico (seu próprio corpo, os fenômenos atmosféricos, os animais, as plantas, as transformações da natureza, os diferentes tipos de materiais e as possibilidades de sua manipulação etc.) e o mundo sociocultural (as relações de parentesco e sociais entre as pessoas que conhece; como vivem e em que trabalham essas pessoas; quais suas tradições e seus costumes; a diversidade entre elas etc.). (Brasil, 2018, p. 39-40).

Além disso, as crianças também se deparam com conhecimentos matemáticos que

igualmente estimulam a curiosidade e integram-se as demais experiências que auxiliam no desenvolvimento integral como seres humanos (Brasil, 2018).

Portanto, a Educação Infantil precisa promover experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas as suas curiosidades e indagações. Assim, a instituição escolar está criando oportunidades para que as crianças ampliem seus conhecimentos do mundo físico e sociocultural e possam utilizá-los em seu cotidiano.

Atribuir sentido aos Campos de Experiência significa dizer que os Direitos de Aprendizagem estão sendo respeitados por meio das interações e brincadeiras que são os eixos norteadores que fazem a Educação Infantil. Por isso, as experiências infantis mais significativas são aquelas que se integram às dimensões da vida e estejam sempre atreladas as experiências mais íntimas da criança.

Abordar os campos de experiências organizados em um documento normativo, ou seja a BNCC, não significa dizer que estes só existem por que foram sistematizados pelo Estado, mas a existência das experiências estão para as crianças independentemente da formalidade do ensino, ficando a cargo do sistema educacional fazer a organização dessas experiências dentro da escola. Nesse sentido, as experiências com o mundo são antes de mais nada a razão que diferencia os homens dos outros animais e de acordo com nossa concepção as dimensões culturais e educacionais são indissociáveis no processo de constituição do ser humano.

Além disso, a simples disposição dos campos de experiências dentro da BNCC não garante que os aspectos culturais do contexto das crianças sejam abarcados nas propostas pedagógicas nas escolas de Educação Infantil. É preciso que se vá além da reprodução de atividades com conteúdos escolares desconectos da realidade das crianças. Isso significa que quando as escolas seguem exclusivamente as orientações da BNCC muitas experiências não são consideradas, visto que não é possível promover uma educação de igual modo para todos, e quando isso acontece a educação que pretende ser emancipatória torna-se falsas propostas pedagógicas que não servem para aquilo que foi proposta a fazer ou para alimentar a força dominante da sociedade.

No cotidiano, as “brincadeiras, canções, danças, representações próprias da cultura popular e da vida comunitária nas situações de festa, são ricos mananciais de expressões e práticas coletivas que servem de base aos saberes culturais e artísticos que devem ser repassados às crianças” (Colares, 2019, p. 31) e integradas às experiências na escola, pois, dessa forma, é possível fazer educação através da cultura.

Um dos elementos que fazem parte da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio são os grupos de folguedos. Eles reúnem elementos artísticos e culturais que aguçam a espontaneidade das crianças nas brincadeiras, nas composições e nas representações tornando-se verdadeiras fontes de aprendizagem. Assim, esses elementos não podem se distanciar da educação escolar, visto que a escola está inserida no contexto geográfico e cultural do lugar.

Ainda, é preciso destacar que as orientações feitas pelos documentos norteadores do currículo da Educação Infantil, devem ser precedidas de uma reflexão crítica por parte dos professores sobre cada orientação, pois para o desenvolvimento integral da criança é necessário considerar seu contexto cultural, e documentos nacionalizados tendem a não considerar as especificidades dos contextos múltiplos e diversos existentes em nosso país. Desconsiderar outras possibilidades de aprendizagem, seria interromper o ciclo formativo das crianças.

Assim, devemos reconhecer a importância da instituição escolar, mas não como o único caminho nesse processo de construção do ser humano completo e em conexão com sua cultura. A instituição escolar é indispensável, mas não suficiente. Por isso, discutir as formas de integrar o patrimônio cultural nas escolas de Educação Infantil é um grande avanço para a construção de uma educação de fato democrática.

2.2 A valorização do patrimônio cultural está para a infância como a infância está para a valorização do patrimônio cultural

Deixar a disposição das crianças toda forma de acesso ao seu patrimônio cultural é reconhecer o direito básico dos indivíduos à cultura. Ou seja, o reconhecimento das crianças como sujeitos sociais detentores de direitos culturais e produtores de cultura, tendo nas interações e brincadeiras a sua principal manifestação na convivência comunitária como eixos estruturantes, significa respeitar as diferentes identidades e fases da infância e suas implicações culturais, educacionais, sociais e econômicas.

Promover o direito da criança em participar plenamente da vida cultural do seu cotidiano, incentivando as instituições escolares a se engajarem nesse propósito e promover práticas que integrem os bens culturais locais no âmbito da educação formal é fundamental. Além disso, promover os valores culturais próprios do contexto social das crianças garante a estas a liberdade de desenvolverem-se a partir de suas relações mais íntimas com seu povo e seu território que contribui para o desenvolvimento integral da criança, nos aspectos físico, cognitivo, ético, estético, político, humano e social.

O papel das crianças no processo de construção da identidade cultural e

consequentemente na valorização da cultura de seu povo e de seu território, pode-se comparar a um processo de construção de um grandioso prédio, que para ser erguido precisa que um bom alicerce seja feito para dar sustentação a este projeto. E é isso que devemos fazer pelas nossas crianças: dar-lhes amparo e condições para que esse alicerce seja construído ainda na infância por meio de práticas pedagógicas dentro ou fora da escola que façam com que essas bases culturais sejam fortes suficientes para aguentar as intempéries que a cultura de massa promove na sociedade atual.

Figura 9 - A participação das crianças nas manifestações culturais na Festa do Pau da Bandeira



Fonte: Autora da pesquisa, 2024.

Ora, se é a infância a mais importante fase da vida do ser humano no que se trata da formação do indivíduo social e moralmente, é sensato dizer que a capacidade de formação de consciência crítica que valorize a cultura de seu povo também vê nessa fase seu principal impulsionador, logo a valorização do patrimônio cultural está para a infância como a infância está para a valorização do patrimônio cultural, relação esta que considera a criança como sujeito cultural.

Nesse sentido, criança é percebida como o sujeito cultural capaz de herdar e refletir criticamente sobre o patrimônio cultural deixado pelos seus antepassados dentro de uma comunidade e transmitir de forma valorosa o que foi herdado anteriormente para que o ciclo transmissional da cultura não seja interrompido. Assim, a valorização e o enaltecimento de

práticas culturais de um povo é muito importante, pois compreende uma formação social e formação psicológica que só será de fato bem sucedida se agregar esforços da comunidade e das instituições escolares, pois são os lugares onde as crianças permanecem por muito tempo ao longo de sua vida.

Logo, garantir que a criança permaneça nesse lugar de destaque enquanto sujeito cultural, requer um esforço coletivo para garantir que políticas públicas sejam implementadas no sentido de perceber o papel delas na continuidade dos saberes e fazeres da cultura popular em detrimento da cultura de massa, que amplia o distanciamento das raízes culturais de um povo levando gradativamente a um sentimento de não pertencimento a sua origem, território ou lugar, como também seus costumes.

3 A FESTA DE SANTO ANTONIO NO CONTEXTO DAS FESTAS POPULARES BRASILEIRAS: UMA FUSÃO CULTURAL

Compreender os significados das festas populares que fazem parte da tradição cultural do Brasil, significa compreender a diversidade étnico e cultural dos povos formadores do país desde o processo de colonização até os dias atuais, por meio da diversidade cultural que as regiões brasileiras nos apresentam.

As comemorações festivas, como práticas socializadoras, vivenciadas pelos nativos, colonos e escravos, tinham, principalmente, características de cunho religioso com o intermédio da natureza.

No período colonial, as festas promovidas pelo Estado e pela Igreja tornaram-se desde cedo mais um meio de catequização dos índios de forma impositiva. Nesse sentido, a imposição refletia o menosprezo pelos ritos e pela cultura dos nativos, considerados como selvagens que deveriam ser “humanizados” e “docilizados”. Nessa perspectiva, os africanos tiveram também suas manifestações culturais, como suas festas e rituais religiosos, reprimidos e silenciadas forçosamente. As festas realizadas pelos colonizadores também tinham o propósito de tornar a sua experiência mais tolerante em uma terra estranha à sua, no que diz respeito à natureza, à vegetação, aos animais (Amaral, 1998). Assim, as festas tornaram-se mediações simbólicas, constituindo uma linguagem comum às culturas. Nesse sentido, Amaral (1998) salienta que:

Sendo síntese das mediações, especialmente entre natureza e cultura, foi ela um dos elementos facilitadores do transplante de um modelo social europeu para terras tropicais até quase os últimos tempos do período colonial, quando a Igreja Católica imperava politicamente e as procissões e festas de santos eram praticamente intermináveis (Amaral, 1998, p. 59).

Por não estarem restritas apenas aos portugueses, as festas foram ao longo do tempo ganhando a influência cultural e religiosa dos índios e dos africanos, mas, sem dúvida, ainda hoje as festas populares carregam muito das representações e simbologias pertencentes ao catolicismo, religião oficial dos colonizadores.

Muitas vezes, o simbolismo que gira em torno das festas religiosas relacionam-se com aspectos da natureza, a exemplo de festas populares em homenagens aos santos católicos ligados aos animais, às águas, à floresta. Santos católicos como São Francisco de Assis e São Pedro são bastante conhecidos no nordeste brasileiro, pois o clima desfavorável para a agricultura, com longos períodos de seca, faz com que os sertanejos recorram à sua fé nos santos para pedir condições de sobrevivência em meio às dificuldades climáticas e ambientais.

Ainda, podemos mencionar santos católicos que mesmo não estando diretamente ligados a um aspecto da natureza, tem uma relação criada a partir dos simbolismos que perpassam os festejos em sua homenagem, como por exemplo a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio no município de Barbalha que é objeto desta pesquisa. Na festa, em homenagem ao padroeiro da cidade, há uma relação intimamente ligada à natureza, mais especificamente aos rituais de escolha, corte e cortejo do tronco da árvore que dá vida à festa. A árvore e a floresta são, portanto, atributos que conectam o homem a sua devoção ao santo.

As festas populares brasileiras não estão apenas relacionadas à religião católica, mas também podemos destacar as festas religiosas de origem africana, e ainda aquelas que compartilham características comuns de duas ou mais religiões. Portanto, as características encontradas nas festas populares brasileiras retratam a miscigenação na formação do povo brasileiro que sofreu a influência de várias culturas e que afetam, assim, também outros segmentos da sociedade.

Nesse sentido, por estar relacionada com a problemática de nosso objeto de pesquisa, consideramos aqui apontar de forma sucinta a origem e as principais particularidades da história da festa no município de Barbalha não como uma prática apenas reconhecida pelos especialistas, mas como uma prática que está nos espaços de vida dos grupos sociais envolvidos (Scifoni, 2022).

3.1 A Festa do Pau da Bandeira: uma homenagem a Santo Antônio de Barbalha

Para compreender a importância de tornar acessível a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio para as crianças no ambiente formal de ensino, é necessário primeiramente compreender por que a festa ganhou visibilidade nacional a partir da manifestação cultural no município de Barbalha. Ainda, é necessário compreender como a festividade popular recebeu o reconhecimento de patrimônio cultural brasileiro e se tornou símbolo de Barbalha.

Nas próximas linhas, situaremos nosso leitor no momento histórico em que a festa surge e como se desenvolve, indo de uma simples manifestação religiosa, muito comum nas localidades do interior, para manifestação cultural. Para fazer a historicização da Festa do Pau da Bandeira lançamos mão de uma vasta bibliografia produzida por estudiosos que se dedicam às manifestações culturais da região do Cariri e também da cidade de Barbalha.

Realizada no final do mês de maio e início de junho de cada ano, a festa é sinônimo do município pela relação com seu povo. Os moradores da cidade aguardam o ano todo para esta

celebração, que é motivo de orgulho para todos. É um momento de encontros e confraternização entre os moradores, turistas e barbalhenses que por algum motivo encontram-se longe de sua terra natal. Como nos lembra Cariry (2013):

Um dos maiores acontecimentos religiosos, sociais, culturais e lúdicos do Cariri é a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha, que acontece na última semana de maio se estendendo até o dia 13 de junho – o dia de Santo Antônio, quando os festejos populares são encerrados com uma concorrida procissão e uma missa solene na igreja matriz (Cariry, 2013, p. 81).

Diferente do que acontece em outras festas dedicadas aos santos nas festas juninas que marcam as festividades de junho no Nordeste brasileiro, a Festa de Santo Antônio traz em si uma gama de elementos, tornando-a uma celebração alegre e irreverente. Em Barbalha, a festa do padroeiro é uma mistura do sagrado e do profano que vai da devoção ao santo a práticas sensuais que envolvem o pau do santo.

O santo homenageado nessa grandiosa festa, Santo Antônio, nasceu em Lisboa, capital de Portugal, no dia 15 de agosto de 1195 e seu nome de batismo era Fernando de Bulhões. Desde pequeno o menino acompanhava os pais às celebrações da Catedral de Lisboa. Aos quinze anos Fernando iniciou sua vida religiosa na Ordem dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho (Alexandre; Souza; Bezerra, 2013).

Por volta de 1220 tornou-se padre e conheceu os frades franciscanos que acabavam de chegar de uma missão no Marrocos, onde alguns haviam sido martirizados. Ao entrar para a ordem dos franciscanos, Fernando começou a usar o nome de Antônio. Com um forte desejo de missionar entrou para a ordem e resolveu acompanhá-los para o Marrocos. Na viagem, Santo Antônio acabou adoecendo pois seu barco pegou uma tempestade e foi levado para a costa italiana (Alexandre; Souza; Bezerra). Após a melhora na sua saúde, fixou-se na cidade de Pádua iniciando sua pregação por lá e em outras regiões. Por onde Santo Antônio passava aconteciam vários milagres atribuídos a ele. Sua fama de taumaturgo se espalhou e ficou bastante conhecido também por causa de sua pregação e sua oratória, sendo reconhecido posteriormente pela igreja como Doutor da Igreja Católica.

Tratando dos milagres atribuídos em vida a Antônio, podemos mencionar sua relação com os animais. Em certa ocasião, ao ter sua pregação rejeitada, foi pregar para os peixes e estes colocaram sua cabeça para fora d'água para ouvi-lo. Em outro momento fez um recém-nascido falar para defender a honra da mãe e ainda tinha o dom da bilocação, pois esteve na Itália e em Portugal ao mesmo tempo quando foi salvar seu pai da condenação à morte por que havia sido acusado de matar um homem. Santo Antônio fez ressuscitar este homem para provar

que o seu pai não o havia matado (Alexandre; Souza; Bezerra, 2013). Diante destes e vários outros acontecimentos, Santo Antônio ficou bastante conhecido no mundo todo, chegando ao Brasil juntamente com os portugueses, isto é, “com a colonização portuguesa nos chegou a fama do santo casamenteiro em decorrência da lenda segundo a qual existiria em Portugal um santo que encaminhava as moças solteiras para seus namorados e futuros maridos[...]” (Araújo, 2018, p. 125)

Hoje o santo é um dos mais populares no Brasil e possui uma enorme quantidade de capelas e igrejas dedicadas a ele. A popularidade de Santo Antônio aqui no Brasil deu-se principalmente por dois fatores, primeiro por se tratar de um santo nascido em Lisboa e por isso já cultuado em Portugal e segundo pelas várias especialidades, por assim dizer, que o santo possui, entre elas: santo casamenteiro e santo das coisas perdidas. Como diz Cariry: “A fama de Santo Antônio é também atestada por sua ligação profunda com o povo, tendo sempre atuado como um defensor dos pobres e dos injustiçados, tanto em Portugal quanto no Brasil (Cariry, 2013, p. 102)”.

Cultuado tanto pelos colonos quanto pelos negros escravos ou livres, cada um com a sua prece. Enquanto aqueles suplicavam para encontrar seus escravos fugitivos, estes o tinham como orixá guerreiro, Ogum, dentro da perspectiva das religiões afro-brasileiras (Alexandre; Souza; Bezerra, 2013), e por sua vez suplicavam para que as investidas das expedições que visavam caçar e punir os escravos fugidos não obtivessem êxito (IPHAN, 2015).

Por tudo isso, para honrar o santo, um dos mais populares por seus feitos, o dia 13 de junho, dia de sua morte, foi reservado para homenageá-lo. No dia 12 de junho, dia que antecede o dia de Santo Antônio, comemora-se o dia dos namorados, pois como santo das coisas perdidas, as moças solteiras buscam encontrar um casamento, pedindo ao santo casamenteiro, assim conhecido, por meio de simpatias, orações, magias.

Nesse sentido, no Brasil, o dia 12 de junho é comemorado o dia dos namorados. A festa do santo casamenteiro em Barbalha, tem como um dos principais elementos o Pau da Bandeira que tem um significado para as mulheres que sonham em encontrar um marido. Assim, tomar o chá das lascas do pau e tocá-lo tem o poder de atrair um matrimônio.

A devoção ao Santo Casamenteiro chegou à região através dos colonizadores que na fusão de seu modo de vida com o dos nativos e dos escravos produziram aqui uma cultura própria, uma mescla de práticas cotidianas que são vivenciadas até hoje. Sob influência religiosa, nasce uma cidade, Barbalha. Cabe ressaltar que a presença dos índios Cariris na região não se deu forçadamente. Foi sua integração com a natureza que os atraiu pelas condições ambientais favoráveis, riqueza na fauna, flora, água em abundância, fizeram desta

uma relação espontânea e harmoniosa, como afirmam Alexandre, Souza e Bezerra (2013):

É muito provável que as condições geoambientais possibilitadas pela Chapada do Araripe tenham contribuído para atrair os primeiros habitantes da região: os índios Tapuias, denominados Cariris. Segundo os cronistas da época, esses indígenas procederam de outras regiões, percorrendo em grupos os cursos dos rios até alcançarem o rio Salgado e as imediações da Chapada do Araripe onde se distribuíram em aldeias (Alexandre; Souza; Bezerra, 2013, p. 52).

A riqueza cultural da cidade de Barbalha se deve também às condições ambientais que possui sua localização. É uma das cidades contempladas com a presença da Chapada do Araripe em seu território, o que significa clima agradável (Nogueira, 2021), como também, “[...] chuvas estáveis, permeabilidade do solo e acumulação de água subterrânea, ocasionando irrigação por meio de fontes perenes que brotam das nascentes nas encostas da chapada, além de vales úmidos, solos férteis e um ambiente florestal privilegiado” (Alexandre; Souza; Bezerra, 2013, p. 51).

Acredita-se que as condições climáticas e as características naturais da região do Cariri tenham atraído os primeiros habitantes para essa região, os índios Cariris. Estudiosos acreditam que esse grupo de indígenas originou-se em outras regiões, chegando ao Cariri seguindo o percurso dos rios, assim, ao chegarem na região encontraram um verdadeiro oásis e condições favoráveis para se fixarem.

É muito provável que as condições geoambientais possibilitadas pela Chapada do Araripe tenham contribuído para atrair os primeiros habitantes da região: os índios Tapuias, denominados Cariris. Segundo os cronistas da época, esses indígenas procederam de outras regiões, percorrendo em grupos os cursos dos rios até alcançarem o rio Salgado e as imediações da Chapada do Araripe onde se distribuíram em aldeias. Tais nativos constituíram a importante nação Kariri, que se dizia originária de um lago encantado, indicando talvez a procedência do Amazonas (Alexandre; Souza; Bezerra, 2013, p. 52).

E foi também, através da natureza, curso dos rios, principalmente o Rio São Francisco, que os colonos chegaram à região. Vindos por ordem da coroa portuguesa, o homem chega trazendo o gado da capital para ser criado no interior do Nordeste pelas mãos dos brasilíndios⁴, chegando aqui tangendo o gado para esta localidade (Ribeiro, 1995). Como observam Batista e Batista (2020), convém notar que a entrada do elemento branco na região do Cariri cearense ocorreu, em linhas gerais, pelos mesmos caminhos já percorridos por seus habitantes primitivos (Batista; Batista, 2020, p. 46). Naquele momento, a carne de gado já era hábito alimentar dos portugueses, e ainda servia de força animal para a fabricação do açúcar, outra atividade trazida

⁴ Brasilíndios são os povos gerados pela mestiçagem de europeus com índios. (Ribeiro, 1995, p. 96).

pelos europeus.

Semelhante ao que aconteceu no Brasil, os colonizadores que chegaram à região vindos de outros Estados buscavam aqui riquezas que as terras poderiam oferecer. A princípio o intuito dos colonizadores era expandir a pecuária, mas se deparando com a riqueza natural e terras favoráveis ao plantio, passando a investir na plantação de cana-de-açúcar, ou seja, “embora existisse interesse na pecuária vistas à legítima ascensão comercial, a abundância de água e o solo fértil propunham maior abertura para a agricultura, em especial para cana-de-açúcar” (Nogueira, 2021, p. 71-72), e assim fez surgir os engenhos e a produção da rapadura.

Ao passo que os colonizadores foram se instalando na região, foram surgindo os povoados e a desapropriação de forma impositiva das terras indígenas, o extermínio de nativos, como também a transformação de alguns desses em mão de obra para trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar e nos engenhos.

Foi, portanto, essa visão capitalista de acumular riquezas e posses que os colonos se apropriaram da natureza e dela exploraram tudo que podiam. Não só os bens naturais, mas também a força de trabalho dos nativos e dos escravos trazidos para a região para trabalhar no cultivo da cana-de-açúcar naquela época. Nesse sentido, Barbalha consolidou-se como grande produtor de cana-de-açúcar e produtora de rapadura.

A chegada dos colonos à região do Cariri e o encontro destes com os nativos fez com que essa relação baseada principalmente pela submissão construísse práticas cotidianas que se eternizaram em heranças culturais desses povos que aqui deixaram suas tradições.

[...] Assim, o modo de vida caririense é ainda profundamente marcado pela cultura dos índios kariri: as bandas cabaçais, as lendas sobre nascentes tapadas pelos índios e que um dia inundarão o vale do Cariri, as histórias de assombração, repletas de caboclos e pais da mata, o uso de ervas medicinais e outras práticas culturais da localidade dão indícios dessa herança cultural (Alexandre; Souza; Bezerra, 2013, p. 55).

Como falamos, os primeiros habitantes da região foram os índios Cariris e os colonos trazendo gado para serem criados no interior do Brasil. Após a conquista dessas terras, dados apontam que por volta do ano de 1712 houve a doação de terras, sesmarias, para o cultivo, principalmente da cana-de-açúcar.

A conquista do Cariri pelos colonizadores luso-brasileiros remonta ao século XVIII, com a doação de sesmarias que permitiu a chegada dos primeiros conquistadores, vindos de Pernambuco, Bahia e Sergipe para ocupar as terras mediante a expansão da pecuária (Alexandre; Souza; Bezerra, 2013, p. 54).

Logo, o que conhecemos por região do Cariri foi ocupado por vários povos (baianos, alagoanos, pernambucanos, entre outros), vindo a se juntar com os nativos que aqui já estavam. “A busca do metal precioso, nas ribanceiras do Rio Salgado, trouxe, para a região do Vale do Cariri, a colonização e consequentemente a doação de sesmarias, o que permitiu a fixação do homem à terra e, consequentemente, o surgimento de lugarejos e vilas (Cariry, 2013, p. 83)”.

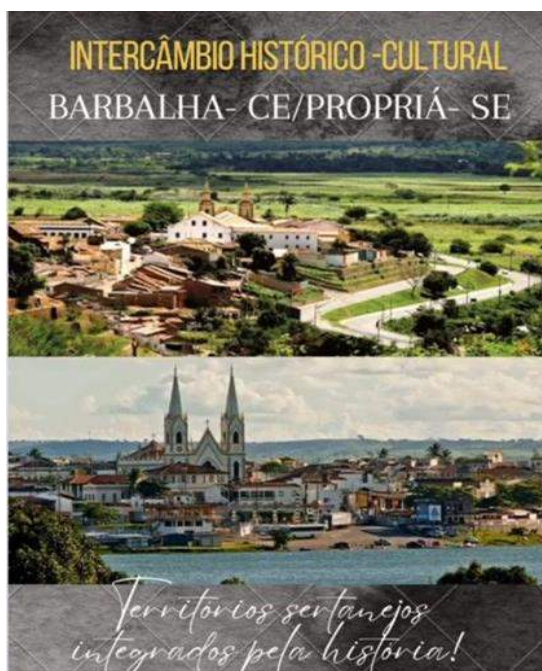
Não diferente de outras partes do país, a devoção a Santo Antônio de Barbalha deu-se também no período colonial. A localidade, que antes de se tornar cidade era um pequeno vilarejo ligado ao município do Crato, cresceu em torno da capela inaugurada em 1970 dedicada ao santo (Nogueira, 2021).

Os fazendeiros, colonizadores, doavam gado, terras e escravos à Igreja Católica, e a ela, solicitavam licença para construírem capelas em louvor aos seus santos de devoção, cultuados nas suas localidades de origem. Refletindo o caráter amistoso das relações entre a Igreja e proprietários de terra no povoamento do Cariri, Francisco Magalhães de Sá Barreto, procedente de Penedo - AL, igualmente a outros colonizadores da região, em 1778, agraciou a Igreja com gado e meia léguas de terras, onde ergueu a capela em louvor a Santo Antônio, onde se desenvolveu o núcleo urbano de Barbalha - CE. (Silva, 2009, p 30 - 31).

O professor e historiador Josier Ferreira da Silva após anos de pesquisas sobre a origem da devoção a Santo Antônio no município de Barbalha aponta para a existência de um intercâmbio cultural desta com outra cidade nordestina, Propriá, no estado do Sergipe.

Há anos estamos buscando estreitar as relações históricas entre Barbalha - CE e Própria - SE, situada nas margens do baixo São Francisco. Tudo isso por conta do fator histórico de culto a Santo Antônio e a construção da Igreja da Matriz terem sido introduzidos por Francisco Magalhães Barreto e Sá, que trouxe para o sítio Barbalha, navegando pelo rio a devoção a Santo Antônio. De Santo Antônio do Urubu de Baixo veio o culto e a devoção a Santo Antônio, da sua localidade de origem. Como historiador me debrucei em pesquisas por alguns anos para descobrir, que o Morro de Santo Antônio do Urubu de Baixo, de onde procede a devoção à Santo Antônio, corresponde à Própria - SE. Hoje, depois da construção de uma interatividade com memorialistas, autoridades locais, historiadores e Centro Cultural de Própria, estamos construindo este intercâmbio territorial e cultural, cujas histórias se fundem na fé dos seus padroeiros, Santo Antônio. Ao mesmo tempo, estamos articulando memorialistas, paróquia de Santo Antônio, autoridades locais, historiadores, instituições e devotos de Santo Antônio, para enfim, consolidarmos o intercâmbio histórico cultural entre as duas cidades, unidas pela história identidade sertaneja entre o Cariri e o Baixo São Francisco. Um fato inédito de identidade histórica e cultural que demarca o sertão nordestino. Estamos perto da concretização desse Intercâmbio!!! Salve Barbalha! Salve Propriá! Salve o Ceará! Salve Sergipe! (Silva, 2024).

Figura 10 - Panorâmica das cidades de Barbalha, CE e Propriá, SE



Fonte: Post no Instagram do Professor Josier Ferreira da Silva, 2024.

Devoto de Santo Antônio, o Capitão Francisco Magalhães Barreto e Sá resolveu construir em sua propriedade a capela em homenagem ao santo. Assim, a cidade de Barbalha nasceu dentro de propriedades privadas, ou seja, sesmarias doadas ao capitão que aqui se instalou.

Anos mais tarde, em 1838, “a capela foi elevada à categoria de Freguesia” (Alexandre; Souza; Bezerra, 2013, p. 49). Com isso, o pequeno povoado cresceu, passando a tornar-se vila, e depois em cidade no ano de 1846, quando desmembrou-se da cidade do Crato (Silva, 2022). Barbalha, portanto, se desenvolveu ao redor da igreja. O aumento das atividades econômicas na região e a construção da Igreja de Santo Antônio foram fatores relevantes para o crescimento da cidade. Nesse sentido, Silva (2009) aponta para a importância do trabalho na formação das cidades e não apenas as práticas religiosas.

A cidade resulta da humanização da natureza através do trabalho, que nela intervém, de acordo como estágio de desenvolvimento das forças produtivas da sociedade, em determinados períodos, e não somente, uma materialização decorrente da religiosidade. Nessas condições, a prática da religiosidade era condicionada pela concentração de pessoas que já viviam na localidade e exerciam funções sociais, contribuindo para o processo de crescimento urbano. (Silva, 2009, p. 33).

Esta relação do povo com seu santo padroeiro faz com que anualmente o dia de Santo

Antônio seja celebrado, cuja manifestação cultural e religiosa é permeada de simbolismos. Por esta razão, a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha é considerada uma das maiores celebrações religiosas do Brasil.

Figura 11 - Igreja Matriz de Santo Antônio em 1941



Fonte: Dossiê da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha – 2015.

Acredita-se que o costume de hastear a bandeira em um mastro para homenagear o santo da localidade tenha sido por influência do Padre Ibiapina⁵, em suas andanças (Alexandre; Souza; Bezerra, 2013). O hasteamento deveria ser feito em frente a capela para indicar devoção ao santo. Segundo Silva (2022), anos depois, em 1928, houve o primeiro carregamento do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha. A pedido do Padre José Correia, o pau deveria ser o mais alto possível para que todos vissem de longe a bandeira tremular, e quanto mais alto o pau, também mais pesado. Logo, devido ao seu peso, o pau deveria ser carregado nos ombros, e por várias pessoas. Ao longo dos anos, a escolha do pau se dava pelo seu tamanho, quanto maior melhor para hastear a bandeira⁶. Assim, Araújo afirma que:

⁵ Padre Ibiapina, missionário nordestino que, na segunda metade do século XIX, andou pelos sertões pregando o evangelho e desenvolvendo obras sociais, tais como a construção de açudes, cemitérios e igrejas, além de instituir as “Casas de Caridade”, onde mulheres pobres e meninas órfãs eram acolhidas e educadas, formando uma espécie de congregação de beatas. Padre Ibiapina fez algumas visitas a Barbalha entre as décadas de 1860-1870, atuando na construção de poços, cemitérios e na reforma da Matriz. Dessa forma, é provável que a celebração inventariada seja mais que secular em Barbalha (Alexandre; Souza; Bezerra, 2013, p. 63-64).

⁶ A influência religiosa sobre o hasteamento da bandeira do santo não se restringe apenas a cidade de Barbalha. É possível observar que essa prática já era realizada em outras localidades do Nordeste brasileiro antes mesmo da popularização da festa (Souza, 2003). Práticas de hasteamento são vistas em diversas localidades na própria cidade se distribuindo nos bairros e distritos como afirmam Alexandre, Souza e Bezerra (2013, p. 60), que “sítios e distritos de Barbalha também erguem mastros em honras aos seus padroeiros”. Porém o que distingue as demais

O transporte do Pau da Bandeira acontece uma vez em cada ano; ao seu redor, entretanto, vão se estruturando formas organizativas e processos decisórios que ocorrem não apenas na festa, mas também, no conjunto de momentos que constitui o ciclo anual. Estes passam também a se constituir em permanências ou tradições, em oposição às mudanças/rupturas. (Araújo, 2018, p. 99).

A grande proporção que a festa tomou fez com que no ano de 2015 a celebração fosse considerada Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro pelo IPHAN, em virtude da grandiosidade que é a festa. O reconhecimento veio por meio de muito trabalho na produção do inventário que catalogou todos os componentes da celebração. Assim, concordamos com Cariry (2013) quando ele afirma que:

A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio é uma festa em transformação, de tradição em trânsito. A cada ano, surgem inovações, e a festa cresce em tamanho e importância, transformando-se em um grande acontecimento cultural, religioso e também turístico do Ceará e do Nordeste. (Cariry, 2013, p. 123).

A riqueza da festa é dada pela junção de diversos bens culturais, que são transmitidos de geração a geração. Os bens culturais não são necessariamente estáticos, pois como estão submetidos ao tempo estão constantemente num processo de recriação pelos que vivenciam a festa e por quem a ela dá significado. Esse processo afirma o sentimento de pertencimento dando continuidade a celebração, primordial para sua memória e identidade.

O inventário traz em si as principais características da festividade com muitos detalhes que envolvem os aspectos históricos, culturais e naturais. podemos observar que o inventário traz muitas características da celebração, como o Corte do Pau da Bandeira, as Formas de Expressão como as Bandas Cabaçais, os Ofícios como o Carregador da Bandeira, os Lugares como o do corte do pau, dentre outras.

A Festa de Santo Antônio de Barbalha é, portanto, um caleidoscópio formado por uma infinidade de bens associados – cinquenta e um ao todo – revelando a riqueza cultural e histórica dessa celebração caririense, digna de ser registrada e reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. (Alexandre; Souza; Bezerra, 2013, p. 51).

Coadunando com o que aponta os autores Alexandre, Souza e Bezerra (2013), a riqueza da Festa de Santo Antônio de Barbalha não se dá apenas nos seus aspectos imateriais, é um conglomerado de características que fazem da celebração um mundo de experiências com o arcabouço cultural da cidade. É na interação dos bens materiais e imateriais que a festa acontece. São nos ritos, nas crenças, nos monumentos e na relação com a natureza que tudo

práticas daquela que acontece na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha são os diversos elementos ritualísticos que a compõe.

acontece.

Como sabemos, o patrimônio cultural de uma cidade, de um país, ou de um lugar qualquer que seja, não reflete apenas os bens materiais, mas existe intrinsecamente uma relação entre estes e os bens de natureza intangível. Isso significa que os monumentos, os prédios grandiosos, obras de arte, bens naturais só fazem sentido quando os saberes e fazeres dos sujeitos estão direta ou indiretamente atrelados a eles.

Considerar o patrimônio como herança a ser transmitida às gerações, a fim de garantir que as tradições e ensinamentos de um povo seja imortalizado, nos leva a pensar que os bens de natureza imaterial são também patrimônio em que as memórias, práticas culturais, saberes e fazeres serão transmitidos sejam eles bons ou más, a depender do ponto de vista de cada um e da época em que se revive esses bens. Assim, cientes da inter-relação entre bens patrimoniais materiais e imateriais acreditamos que não há hierarquia entre eles, mas que sejam resgatados, vivenciados e valorizados da mesma forma.

Logo, a cidade de Barbalha reúne um rico acervo patrimonial, de natureza material e imaterial, a exemplo de seus casarões, igrejas, engenhos de rapadura, em sua maioria desativados, que demonstram as relações existentes entre as culturas e os modos de vida, muito importantes para compreender o presente por meio do passado.

A riqueza da Festa do Pau da Bandeira começa com sua relação indissociável da cultura com a natureza ao respeitar o ciclo biológico das árvores que são retiradas da Chapada do Araripe. Nesse sentido, a árvore escolhida para o corte é aquela cujo ciclo de vida já esteja no final para não prejudicar a natureza, e que mesmo assim a cada árvore cortada é replantada duzentas mudas de plantas na floresta. Ademais, outros critérios para o corte são seguidos quanto a localização da árvore a ser cortada, ou seja, ela não pode estar em áreas de córregos nem de encostas.

Após o corte, atualmente no Sítio Flores, o pau é carregado por cerca de quinze quilômetros até chegar em frente a igreja de Santo Antônio, no centro da cidade. O corte é, porém, feito dias antes do carregamento, de onde os rituais se estendem. É durante o dia do carregamento que o ápice da festa acontece, o ritual inicia pela manhã e finaliza com o hasteamento no fim do dia.

Figura 12 - Carregamento e hasteamento do Pau da Bandeira de Santo Antônio



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2024.

O direito à fé dos carregadores e das pessoas que vivenciam a festa não justifica o distanciamento do cuidado e da preservação da natureza. O sentido simbólico que tem a celebração para os carregadores, evidencia a relação do homem com a natureza mediada pela fé, ritual revivido ano após ano.

Desse modo, é importante destacar que, para além da preservação e da salvaguarda do patrimônio cultural, seja ele de natureza material ou imaterial, é de extrema importância a prática de ações voltadas à preservação do meio ambiente, pois sem ele corre o risco do esvaziamento do sentido dos rituais e celebrações que possuem relação íntima entre os saberes e fazeres cotidianos com a natureza. Ainda, é preciso compreender que a preservação do meio ambiente depende diretamente das sociedades humanas, pois, ele é um produto desta interação homem-natureza. Assim, se quisermos lutar pela preservação e pela salvaguarda do patrimônio cultural brasileiro é imprescindível repensar as ações que são o alicerce para que as relações sociais e culturais aconteçam de forma harmônica.

Foi, portanto, essa riqueza de detalhes que promoveu a festa a patrimônio cultural imaterial brasileiro e por isso deve ser protegida e valorizada. Logo, reconhecemos o importante papel que as instituições educacionais têm perante ao desafio de salvaguarda dos bens culturais,

processo este que deve ser contemplado logo nos primeiros anos da educação básica.

Diante disso, podemos dizer que discutir sobre patrimônio cultural imaterial como a festa em questão, não deve estar apenas circunscrito ao âmbito da educação informal⁷, isto é, para além da EP realizada por meio das vivências e oralidades, acreditamos ser relevante a EP na educação formal de ensino. A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio e suas relações dentro estar integrados ao currículo da Educação Infantil devido ao caráter interdisciplinar que a manifestação possui.

Levando em consideração a organização do currículo formal da educação básica, pode-se perceber que muitos campos do conhecimento como ciências humanas, ciências biológicas, e linguagens por exemplo, podem ser discutidas dentro da perspectiva da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha.

3.2 Patrimônio cultural: conhecer para valorizar e preservar a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio

Visto a importância do legado cultural deixado pelas gerações passadas, o movimento pela preservação da memória e da história do povo brasileiro vem se dedicando, assim, para que esse legado não se perca no tempo e para garantir sua perpetuação para aqueles que ainda virão. Nesse sentido, a nosso ver, é conveniente refletir sobre o que vem a ser Patrimônio Cultural a partir conceitos já construídos historicamente, para fazermos uma aproximação ao nosso objeto de pesquisa.

Essa pergunta, à primeira vista, pode ser simples de ser respondida, mas não é bem assim, porque o termo, como outros, carrega em si aspectos relacionados ao tempo e lugar de quem o determina. Logo, um termo tão pequeno e ao mesmo tempo tão complexo carrega em si várias visões de mundo e relações de poder. Por isso, para responder a essa pergunta é necessário retomar o significado das palavras que fazem parte desse termo.

Começando pela palavra patrimônio, podemos dizer que seu sentido originário está

⁷ É importante destacar que a todo momento a educação patrimonial acontece espontaneamente na Festa do Pau da Bandeira por meio da transmissão cultural que acontece de geração à geração, ou seja, quando as práticas e rituais são compartilhadas com os mais jovens e crianças que participam da experiência por intermédio de membros da família ou membros da comunidade que estão direta ou indiretamente envolvidos nos rituais. Por se tratar de uma cidade considerada ainda pequena, com cerca de 75 mil habitantes, Barbalha carrega as características de cidade do interior. Logo há uma facilidade no compartilhamento assistemático dos conhecimentos sobre a festa, pois os rituais da festa tornam-se naturais entre maioria da população barbalhense.

associado a bens materiais que possuem valor econômico. A partir desse primeiro sentido, patrimônio ganha um sentido figurado se referindo a tudo aquilo que tem valor para as pessoas, mas para além do valor econômico, o valor sentimental, ou seja, não tem preço por mais que o bem possua um valor financeiro (Pelegrini; Funari, 2013).

Nesse sentido, é subjetivo o valor que um bem tem para as pessoas, pois o que pode ser considerado patrimônio para um, pode não ser para outros. No entanto, o sentido de patrimônio que adotamos nesse trabalho diz respeito ao patrimônio como resgate da memória e da identidade dos sujeitos, para reavivar as raízes históricas e culturais de um povo (Silva, 2022).

A palavra cultura é ainda mais abrangente em seus sentidos, pois existem diversas definições desse termo. Cultura é uma palavra bastante antiga e faz referência ao cultivo da terra, agricultura, ou cuidar da plantação. Na Roma Antiga a partir do pensador Cícero (século I, a. C), a cultura ganha um sentido ampliado daquele cultivo agrícola, a cultura atrelava-se a aspectos religiosos. Agora, relacionava-se ao cultivo do homem, cultivo de si próprio, ou seja, da alma e do espírito. Nessa perspectiva, Pelegrini e Funari (2013) afirmam:

[...] Formulado desta maneira, este termo implicava uma ação interior e/ou exterior. Por um lado, a preocupação do indivíduo consigo mesmo, como se fosse um campo a ser trabalhado. Para que isso fosse possível, era necessária uma ação exterior: a leitura dos livros, mas também o aprendizado oral, e pela imitação dos grandes gestos e ações (no sentido literal e figurado). (Pelegrini; Funari, 2013, p. 12-13).

Na modernidade a cultura ganha um novo sentido, que a partir do desenvolvimento das nações passou a ser comparada com civilidade, logo, os civilizados eram aqueles que letrados possuíam características eruditas adquiridas pela leitura.

Nesse sentido, Grunberg (2000) afirma que a cultura estava relacionada a “ser uma pessoa culta, falar várias línguas, entender e apreciar as belas artes e acumular saber e erudição” (2000, p. 159). Por isso, ao longo do tempo a cultura foi separada entre a cultura erudita e a cultura popular, ou seja, os que possuíam letramento e os que não possuíam.

A divisão do termo cultura em erudita e popular causou um incômodo entre os ingleses que acreditavam que esta divisão enfraqueceria o seu significado. Daí achou melhor usar o termo “folclore”, com um sentido depreciativo, para se referir a cultura popular, ou seja, os costumes de ancestrais ou das pessoas mais simples como analfabetos camponeses. Esta preocupação em usar o mesmo termo para todos também alcançou os franceses, que para diferenciá-los acharam por bem diferenciar entre “alta” e “baixa” cultura (Pelegrini; Funari, 2013). Em ambos os casos a diferenciação nos revela que houve um nítido empenho em fazer essa separação entre os que faziam parte de uma elite letrada daqueles não possuíam acesso a

essa elite.

O sentido que a cultura recebeu na modernidade ainda está fortemente relacionado ao sentido equivocado que popularmente conhecemos hoje por cultura. Ainda, devemos considerar a cultura do ponto de vista da Antropologia, visto que, o próprio surgimento dessa ciência denota o estudo do outro, da cultura do outro.

Para Grunberg (2000), a cultura no seu sentido antropológico é “todas as ações através das quais os povos expressam suas formas específicas de ser [...]” (2000, p. 160). A cultura reflete todos os bens materiais e imateriais, que possui uma simbologia para quem a produz, a exemplo de crenças, valores, manifestações artísticas, criações científicas e tecnológicas. Para este estudo, utilizaremos o significado de cultura mais abrangente, pois consideramos que todos os povos produzem cultura, ou seja, criam suas representações simbólicas que refletem na sua relação com os outros e com a natureza.

Nesse sentido, a cultura torna-se importante porque através dela as novas gerações podem conhecer e usufruir dos bens produzidos anteriormente, ou seja, “a cultura consiste, pois, em transmitir valores adquiridos pela experiência de determinado grupo humano” (Pelegrini, Funari, 2023, p. 18). Grunberg (2000) complementa que “a cultura é eminentemente dinâmica – transmite-se e aprende-se -, é e neste processo de socialização que aprendemos a formar parte do grupo ao qual pertencemos, onde vamos adquirindo a nossa identidade” (2000, p. 160).

Compreendido os termos patrimônio e cultura, podemos dizer que “o patrimônio cultural é, por excelência, também uma forma de manifestação da cultura, pois representa padrões de vida, simbologias, crenças e práticas que são manifestadas no espaço, tornando-o diversificado e cheios de marcas impressas pelos grupos.” (Silva, 2022, p. 34).

Portanto, as futuras gerações são também possuidoras do direito de usufruir do patrimônio cultural produzido e deixado como herança. A preservação desses bens deve ser realizada em conjunto, sendo que as iniciativas de preservação e conservação são fundamentais quando partem das instituições do Estado, pois tendem a servir como incentivo e exemplo na promoção de atitudes positivas na coletividade e nos indivíduos separadamente.

O Estado brasileiro, ainda que tardiamente e com um viés preservacionista muito voltado para a valorização dos bens culturais eurocêntricos, desenvolveu ações para preservar a história do país. As ações partiam principalmente do resguardo de monumentos construídos, e bens materiais considerados importantes de serem conhecidos pelas próximas gerações. Na década de 1930, iniciou um processo de discussão sobre a criação de órgãos e instituições que cumprissem o papel de mapear, registrar e preservar os bens culturais, a exemplo disso,

podemos citar a criação do IPHAN, em 1937, com o propósito de proteger e preservar o patrimônio nacional.

Outro fato que colaborou com o movimento preservacionista no final do século XX foi “a redemocratização política e o fortalecimento de grupos organizados que buscavam o fortalecimento do direito à memória como elemento de cidadania, é que o conceito de patrimônio começa a ter outros contornos segundo uma perspectiva mais crítica” (Amaral; Folque; Haddad, 2021, p.3).

Nesse sentido, as conquistas em relação à preservação do patrimônio cultural não se deram de uma hora para outra. Um longo processo que iniciou com o reconhecimento apenas dos bens materiais que faziam referência a cultura europeia herdada, ampliando-se para o reconhecimento dos bens naturais como patrimônio e o reconhecimento da cultura imaterial dos diversos povos formadores do povo brasileiro.

Cabe salientar aqui, que ainda hoje vemos nas políticas públicas de preservação do patrimônio cultural a supervalorização dos bens culturais oriundos da cultura europeia. Segundo Scifoni (2022), esta realidade impõe modos de ver e pensar a realidade de forma alheia ao que de fato os sujeitos vivem cotidianamente. Para a autora, patrimônio cultural nesse sentido são representações que permitem a defesa de certas identidades e narrativas. Assim, há uma imposição de reconhecimento do patrimônio oficializado pelo Estado, um patrimônio que possui em si a representação do poder de um grupo sobre outros.

Ainda que haja essa disputa em torno do que pode ou não ser reconhecido como patrimônio cultural, movimentos nacionais e internacionais têm contribuído para considerarmos o que hoje chamamos de patrimônio cultural brasileiro. Não apenas nos discursos e nos movimentos, o direito ao patrimônio cultural também está na legislação nacional constitucional e infraconstitucional.

Em 1988 com a promulgação da Constituição Federal, o Brasil começou a viver um clima político, social e cultural diferente, pois essa constituição renovada conhecida como Constituição Cidadã foi fruto de mobilizações dos grupos minoritários e marginalizados que cobravam a diversidade, o respeito e a garantia de direitos que há muito tempo foi negado a eles. Políticas patrimoniais e de fomento à cultura de grupos antes marginalizados e minoritários começaram a fazer parte da vida social. Nesse sentido, a Constituição Federal de 1988 em seu Art. 216. define o que é patrimônio cultural brasileiro:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais

se incluem: I – as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (Brasil, 1988).

O reconhecimento do patrimônio cultural por meio de leis, como na Constituição Federal de 1988, contribui com a criação de leis mais específicas e a criação de políticas públicas de valorização e visibilidade dos saberes e fazeres dos grupos étnicos que formam a sociedade brasileira. Temos como exemplo ações pertinentes a salvaguarda do patrimônio, a instituição do Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, que constituem patrimônio cultural brasileiro, e a criação do Programa Nacional de Patrimônio Imaterial (PNPI), que deu-se a partir do Decreto 3551/2000 onde trata os bens da cultura imaterial tão importantes quanto os da cultura material.

Coisas abstratas, como movimentos, festividades, saberes e tudo aquilo que é passado de geração a geração são tratados agora de forma tão relevantes como os bens da cultura material. De acordo com o Decreto 3551/2000, os movimentos da cultura imaterial são registrados em quatro livros que serão administrados, por assim dizer, pelo IPHAN, mas novos livros poderão ser abertos, caso a nova manifestação não se enquadre em nenhum dos livros já abertos. Segundo o referido decreto em seu art. 1º, § 1º os livros são:

I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades; II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social; III - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas; IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas (Brasil, 2000).

Como mencionado anteriormente, existem quatro livros de registro de bens culturais de natureza imaterial, um deles é o livro de Celebrações. As celebrações são expressões, festividades normalmente ligadas a eventos religiosos que perpassam todos os grupos humanos de todas as sociedades, são datas festivas, movimentos de ruptura do cotidiano que reencenam esse cotidiano a partir de novos elementos culturais. Os grupos que tratam dessa reencenação tentando pautar sua identidade dando novos elementos e novas atividades àquele evento que poderia ser considerado igual como em todos os dias, mas não é.

Nesse viés, a Festa do Pau da Bandeira se insere em uma manifestação cultural da cidade de Barbalha reconhecida nacionalmente e que foi inserida no livro das celebrações do IPHAN em 2015 e em 2018 a Secretaria de Cultura (SECULT) registrou a festa como patrimônio da

cultura imaterial do estado do Ceará. Considerada uma das celebrações mais importantes do estado, a festa de Santo Antônio compreende uma riqueza de detalhes, em que concilia história, cultura e meio ambiente, tornando-a digna de reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro.

4 A PERCEPÇÃO INFANTIL SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

Trazer o protagonismo infantil para as pesquisas científicas que requerem compreender sua percepção sobre seus bens culturais, nos faz refletir sobre o conceito de percepção na infância, e para isso, é necessário fazemos uma discussão preliminar de como a percepção se desenvolve nas crianças.

A percepção infantil difere qualitativamente da percepção dos adultos, pois segundo Vygotsky (1989) a criança ainda não possui uma base sólida quanto suas relações sócio-culturais e para ele esta base é tão importante quanto as estruturas biológicas dos seres humanos. A percepção constitui, dentre outras funções, esse sistema dinâmico do comportamento humano. Ela faz parte, enquanto imediata, das funções biológicas da espécie humana, entretanto, não permanece a mesma durante toda a vida do indivíduo, ou seja, a relação do homem com a natureza causa significativas mudanças no curso do desenvolvimento humano (Vygotsky, 1989).

Em Vygotsky (1989), sua preocupação central é apresentar que o ser humano difere dos animais em relação ao seu desenvolvimento, preocupação essa que por sua natureza o coloca como um autor que acredita que o homem só se constitui como tal a partir das relações com seus pares e com a natureza. Essas relações Freire (2003) chama de cultura que vai sendo desenvolvida com o homem e pelo homem.

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. E, na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas. (Freire, 2003, p. 51).

A experiência cultural que só pode ser vivenciada pelos homens é uma experiência complexa e inevitável. Nos primeiros anos de vida a criança possui características semelhantes as características dos animais, principalmente por não ter o uso da fala. Com o passar do tempo o desenvolvimento biológico vai avançando e as funções psicológicas superiores podem ser alcançadas. A preocupação em compreender como o processo de transformação psicológico se faz no ser humano o fez realizar vários experimentos que envolveram o uso da fala e de

instrumentos que caracterizam a atividade simbólica através dos símbolos e das palavras.

Nesse contexto, a percepção infantil compreende um dos aspectos biológicos do ser humano que estão embutidos nele antes mesmo da apreensão da fala pelas crianças, mas podem ser percebidos por outros tipos de linguagem como os gestos, os movimentos corporais, o uso da visão, entre outros. Ou seja, a ação motora da criança torna-se imprescindível para a formação da percepção que ao adquirir repertório cultural através da interação social torna-se uma percepção verbalizada. Sobre a relação da linguagem e da percepção, Vygotsky (1989) afirma que:

O papel da linguagem na percepção é surpreendente, dadas as tendências opostas implícitas na natureza dos processos de percepção visual e da linguagem. Elementos independentes num campo visual são percebidos simultaneamente; nesse sentido, a percepção visual é integral. A fala, por outro lado, requer um processamento seqüencial. Os elementos, separadamente, são rotulados e, então, conectados numa estrutura de sentença, tornando a fala essencialmente analítica. (Vygotsky, 1989, p. 37).

O surgimento da percepção de objetos reais acontece muito cedo nas crianças que por meio dos sistemas simbólicos de representação correlaciona tais objetos aos seus significados adquiridos culturalmente no meio em que estão inseridas. Assim, nesse contexto, Vygotsky (1989, p. 37) enfatiza que a fala “torna-se parte essencial no desenvolvimento cognitivo da criança”, isto é, “essencial na organização das funções psicológicas superiores” (Vygotsky, 1989, p. 25).

Na infância, a fala passa por várias funções, tendo uma delas a função de guiar as ações da criança. Na medida em que o desenvolvimento e consequentemente a percepção evolui, a fala e a ação da criança estão “dirigidas para a solução de um problema em questão” (Vygotsky, 1989, p. 28). No processo progressivo de desenvolvimento a fala alcança a sua função planejadora, e é através dela que a criança “planeja como solucionar o problema e então executa a solução elaborada através de uma atividade visível” (Vygotsky, 1989, p. 29).

Refletir o mundo exterior da criança nos permite considerar que o seu mundo foi antes de mais nada constituído pelos próprios homens. O mundo que ocupam e dão sentido está a todo tempo sendo produzido e reproduzido, ao passo que agindo sobre a natureza, dela faz surgir os bens materiais e imateriais.

Logo, as relações sociais existentes em uma comunidade provida de símbolos culturais requer, no interesse da perpetuação desse simbolismo, a mediação dos adultos nos processos formativos para que as crianças apreendam os significados atribuídos a cada manifestação cultural que resultará na percepção que ela terá sobre o mundo que a rodeia e no qual faz parte.

A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha produzida e reproduzida pelos homens necessita do uso da linguagem e da interação entre os mais velhos e os mais novos para que esta tradição continue existindo. Nesse sentido, considerar a percepção infantil sobre a festa, é uma forma de reconhecer a importância do olhar da criança sobre as manifestações culturais herdadas, e além disso, promove a autoestima na criança quando implicitamente afirma que a sua percepção, apesar de diferente do adulto, está sendo difundida e expressada a sua maneira.

O pesquisador tem aqui um papel muito importante: em primeiro lugar, compreender que as crianças podem expressar suas percepções sobre o mundo de variadas formas, e em segundo lugar, levar em consideração que sua percepção tem relação direta com seu meio social e cultural (Campos, 2008). Diante desse cenário, o pesquisador saberá fazer as escolhas adequadas quanto aos recursos necessários para a apreensão da percepção infantil sobre o seu patrimônio cultural.

Logo, é imprudente desconsiderar a percepção infantil em relação aos seus bens culturais, visto que é na infância onde o primeiro contato com as tradições e costumes de seu povo são estabelecidos. Assim, ouvir atentamente sem prejulgamentos as crianças faz com que haja uma valorização da sua autoestima fortalecendo o sentimento de pertencimento a sua cultura e seu lugar.

5 O CARREGAMENTO CULTURAL: DA COMUNIDADE À ESCOLA, DA ESCOLA A COMUNIDADE

5.1 A observação no campo

O primeiro contato com as crianças e com os professores protagonistas dessa pesquisa deu-se na escola duas semanas antes da realização Festa do Pau da Bandeira, ou seja, as ruas da cidade já estavam sendo enfeitadas e já se falava sobre a festa na cidade e na região.

Aproximação no campo antes da realização das oficinas foi, a nosso ver, imprescindível para construir uma relação de intimidade com as crianças, e com isso facilitasse de certa forma o diálogo entre crianças e pesquisador. Alcançar a percepção infantil requer adquirir a confiança das crianças, pois éramos estranhos que de certa forma estávamos adentrando a sua rotina e ao seu cotidiano escolar.

Esse primeiro contato foi atravessado por muito afeto, característica inerente as crianças, pois, muitas vezes, na Educação Infantil, as crianças veem na figura da professora aspectos que se assemelham a figura materna.

Como uma pessoa estranha no ambiente das crianças, nossa primeira tarefa foi fazer uma breve apresentação pessoal e conversar com as crianças sobre os motivos de estar ali. Essa tarefa é considerada por nós muito importante e que significou o respeito às crianças que fez parte dos aspectos da ética em pesquisa, pois como já afirmamos em outros momentos nesse texto, as crianças intérpretes da pesquisa devem ser respeitadas e ter seus espaços também respeitados.

O primeiro contato também foi marcado pela leitura do TALE para as crianças, as quais já haviam concordado em fazer parte da pesquisa. A linguagem do TALE foi pensada para que fosse compreensível plenamente pelas crianças e não houvesse dúvidas sobre os procedimentos metodológicos nos quais elas seriam submetidas na pesquisa em curso.

Esse momento foi para conhecer as crianças, seus nomes e conversar um pouco sobre suas histórias, como por exemplo, quem são seus pais e onde moram, estabelecendo, assim, um diálogo que nos aproximasse.

No mesmo encontro tivemos a oportunidade de apresentar às crianças um vídeo sobre o cortejo do Pau da Bandeira na sala de vídeo da escola, um ambiente específico para atividades dessa natureza. Pesquisadora e professora reuniram as crianças para irem até a sala de vídeo assistir o documentário sobre o carregamento do pau. Percebemos que o simples fato de sair da

sala de aula tradicional, cria muito entusiasmo entre as crianças por meio das atividades diferentes que fogem do convencional.

Figura 13 - Apresentação do documentário do Carregamento do Pau da Bandeira para as crianças



Fonte: Autora da pesquisa, 2024.

Nesse sentido, a riqueza do momento esteve no sentido de ser para muitas crianças o primeiro momento com a manifestação cultural, já para outras, o carregamento do pau é uma prática conhecida, que já foi vivenciado por eles em outros momentos fora da escola.

Vejamos que no último caso o acesso à cultura e as manifestações culturais independem das instituições escolares, mas para alguns aquela intermediação na escola por meio das atividades pedagógicas foi o sua primeira aproximação com celebração. Também pudemos perceber que as intervenções realizadas na escola são complementos da ação educativa realizada na comunidade e família principalmente quanto ao acesso aos bens culturais.

As crianças ficaram atentas ao vídeo em que mostrava as ações e o desenrolar do cortejo do Pau da Bandeira e também as funções exercidas pelos carregadores no trajeto da floresta até a cidade com mastro nos ombros. Ainda, enquanto o vídeo era apresentado várias perguntas e considerações iam sendo manifestadas na fala das crianças. Muitas dessas falas foram colocadas no sentido de admiração, como por exemplo: “ Para que um pau tão grande?”, “Será que eles conseguem carregar esse pau?”, “Eu já vi o pau!”, “Eu já fui na festa com a minha mãe!”, “Como o pau fica em pé?”, “Será que eles bebem água? Porque o pau é pesado, aí fica cansado.”.

Naquele momento é possível ouvir uma conversa entre duas crianças que retrata a percepção delas sobre o carregamento do pau:

- Tenho medo do pau. (C8, Apresentação do documentário, 2024)
- Por quê? (C13, Apresentação do documentário, 2024)
- Por que ele é muito pesado, mas aí tem muita gente pra levar. (C8, Apresentação do documentário, 2024)
- Dá pra levar sozinha. (C13, Apresentação do documentário, 2024)
- Não, é pesado. (C8, Apresentação do documentário, 2024)
- É... uma não, tem que ser cinco. (C13, Apresentação do documentário, 2024)

No diálogo é possível perceber que as crianças conseguem, a partir do cenário, apontar as dificuldades que os carregadores enfrentam no cortejo, como por exemplo terem uma noção do peso do mastro pela quantidade de homens que é necessário para carregá-lo.

Os dias que sucederam este primeiro encontro foram marcados por atividades relacionadas a festividade e a implementação de um projeto criado pela escola para abordar a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio e a história de Barbalha. Abaixo seguem alguns registros das atividades realizadas com as crianças na semana que antecedeu a festa.

Figura 14 - Registro de atividades pedagógicas na turma do Infantil V



Fonte: Autora da pesquisa, 2024.

É possível perceber que os aspectos históricos e culturais da festa foram considerados, levando as crianças a refletirem sobre sua própria história e colaborando para uma construção identitária na medida em que tais aspectos buscaram somar-se a compreensão individual e coletiva da criança.

O projeto intitulado “Pau Mirim” teve sua segunda edição em 2024 com objetivo de levar a experiência cultural para as crianças de toda a escola. Após uma semana dedicada às

atividades voltadas a comemoração da festa, houve a culminância do projeto com a encenação do cortejo realizado pelas crianças. No cortejo do pau, muitos elementos vistos no carregamento oficial também estavam presentes, como a banda de música, o carro de som que anuncia a chegada do pau, a carroça da cachaça do Senhor Vigário, e um grupo de brincantes, representado pelo grupo de capoeira do bairro.

Todos esses elementos foram pensados pela equipe escolar que se organizou antecipadamente para trazer a escola alguns símbolos da festa: O carro de som seguia na frente do cortejo tocando músicas alusivas a Barbalha e a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio. O carro de som utilizado foi o mesmo que acompanha o cortejo oficial. Após o carro, seguia a carroça da cachaça do Senhor Vigário; A carroça foi cedida por um membro da comunidade e enfeitada pela equipe escolar para se aproximar da carroça original; A banda de música formada por integrantes da comunidade seguiu o cortejo também tocando músicas alusivas a Barbalha e Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio; E o grupo de brincantes foi representado por um grupo de capoeira também da comunidade.

Essa atitude de trazer a comunidade para colaborar com este projeto foi visto por nós como uma atitude valiosa, visto que estreitar os laços entre a comunidade e a escola deve ser um compromisso desta, e ainda trazer as vivências cotidianas das crianças enriquece as atividades pedagógicas que tornam-se ainda mais prazerosas.

O cortejo teve início na escola e seguiu até a Estátua de Santo Antônio, que fica a poucos metros da escola, para a apresentação dos grupos convidados e para apresentação cultural das crianças, pois cada professora ficou responsável por ensaiar com sua turma uma música junina, já que a Festa do Pau da Bandeira abre os festejos juninos na região. Era possível perceber a alegria e o envolvimento das crianças no cortejo, levando com seriedade aquela missão que foi encarregada a elas.

Figura 15 - Cortejo do Pau da Bandeira de Santo Antônio realizado pelas crianças



Fonte: Autora da pesquisa, 2024.

Logo, a segunda edição do projeto foi promovido com a ajuda de toda comunidade escolar, que este ano trouxe mais elementos para se aproximar com o cortejo oficial. Na observação foi possível reconhecer o esforço do corpo docente e do núcleo gestor da escola para houvesse uma aproximação entre o cortejo oficial e o realizado pelas crianças, porém um elemento muito importante na Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio não foi representado: a bandeira. A nosso ver, mesmo que na encenação feita pelas crianças não incluísse o hasteamento da bandeira, seria interessante apresentá-la as crianças, pois é ela que dá o sentido de cortar uma árvore, transformando-a em mastro para hasteá-la.

5.2 Da relação do professor com a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio

Neste tópico abordaremos o papel do professor no processo de construção da percepção infantil sobre a Festa do Pau da Bandeira. Para tanto, as professoras intérpretes da pesquisa nos auxiliaram na medida em que responderam um questionário para subsidiar nossas interpretações em conjunto com as observações no campo. Dessa forma, a análise do papel docente nesse processo, terá como aporte teórico, Brandão (2007), Colares (2019), Freire (2003; 2011), Sarmiento (2011), Tolentino (2023), Tuan (1983) e Vygotsky (1989).

As nossas escolhas teóricas nos levam a assumir que a educação não acontece apenas na escola (Brandão, 2007). A educação no seu sentido amplo é essencialmente um ato cultural

e sendo assim permeia um conjunto de saberes que são ensinados de forma intencional ou não-intencional. No processo educativo, a aquisição dos conhecimentos socialmente construídos é um processo complexo em que de um lado está a educação escolar, aquela promovida pelo Estado e para tanto meticulosamente pensada, e do outro a educação não-escolar, aquela constituída no dia a dia, nos saberes e fazeres, nas experiências cotidianas e suas relações com a comunidade.

Vygotsky (1989) chama atenção para o fato da aprendizagem não iniciar somente em idade escolar, mas que a criança começa a aprender muito antes deste período, haja vista que toda pessoa tem uma história prévia e, portanto, processos de socialização singulares desde o nascimento. Sendo assim, a criança se depara com experiências de aprendizagem antes mesmo de entrar em contato com os conteúdos escolares, ou seja, desde o nascimento as crianças aprendem e se desenvolvem pela mediação do adulto tendo com suporte a cultura na qual nasce.

Nesse sentido, a educação formal não se sobrepõe a educação informal, ou o contrário, estas a nosso ver se complementam e oportunizam os sujeitos a formação integral como cidadãos. Ao fazer uma crítica a educação bancária⁸, Freire (2003) defende que a educação deve ser libertadora, pois na medida em transfere o conhecimento socialmente construído aos sujeitos, os conscientiza politicamente evidenciando a sociedade de classes. Logo, o professor é esse sujeito que formado politicamente age de forma intencional mediando o conhecimento construído e relacionando com as vivências e experiências prévias dos educandos.

O professor, mediador das aprendizagem das crianças, tem um papel fundamental na construção da percepção infantil sobre a Festa do Pau da Bandeira e na construção da identidade cultural que a criança carregará consigo ao longo da vida. É a partir da organização dos materiais, do tempo e do espaço pelo professor onde irão se construir os processos de aprendizagem, uma vez que na sala de aula é também um lugar onde as crianças podem colecionar tais aprendizagens significativas (Vygotsky, 1989).

Quando a mediação do professor perpassa por elementos subjetivos como é caso de crenças e valores envolvidos nos aspectos culturais de um povo é necessário ter um cuidado para que sejam garantidos os direitos de aprendizagem das crianças descritos na BNCC (Brasil, 2018) e os direitos das crianças como cidadãos no que diz respeito ao acesso a cultura.

Por se tratar de uma festa de caráter religioso, compreendemos que as atividades

⁸ A educação bancária para Paulo Freire (2011) refere-se ao modo como a educação formal é desenvolvida. Ele compara essa forma de educar como um ato de “depositar”, “guardar”, “arquivar”, que não considera as vivências do educando. “Educar é narrar algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos” (Freire, 2011 p. 79).

pedagógicas realizadas com as crianças precisam ser pensadas e organizadas para que estas não se sintam constrangidas diante de tais experiências, como também a realização de uma consulta prévia aos responsáveis para esclarecer os objetivos das atividades.

No entanto, no que tange aos aspectos históricos da festa acreditamos que as atividades que abordam esta temática não podem deixar de ser desenvolvidas na Educação Infantil, pois é nessa etapa em que as crianças começam a perceber sua história e sua relação com o seu lugar. Sobre a relação da criança com o lugar, Tuan (1983) afirma que o significado de lugar é diferente entre as crianças e os adultos. Os adultos, por terem uma relação mais longa com os elementos e objetos do lugar, dão sentidos diferentes a este, já as crianças possuem experiências diferentes, pois a relação com o lugar é recente, logo sua relação com o lugar é marcada principalmente pelo presente e pelo futuro próximo.

As atividades desenvolvidas no âmbito da Educação Infantil, no que diz respeito a festa, fazem parte do conjunto de experiências no presente que tornarão significativas para as crianças na construção dos sentidos de pertencimento a um lugar e a uma cultura (Freire, 2003).

A proposta pedagógica que busque envolver a Festa do Pau da Bandeira poderá ser permeada de dificuldades em dissociar os aspectos religiosos dos aspectos históricos, mas caso haja impeditivos de qualquer natureza, é importante cautela quanto a organização das atividades. Essa reflexão cabe para todos os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem: crianças e professores.

Nesse sentido, pudemos perceber na pesquisa de campo que não houve impeditivos na participação das crianças, pois a maioria estava bem envolvida com as atividades propostas pelas professoras e pela escola.

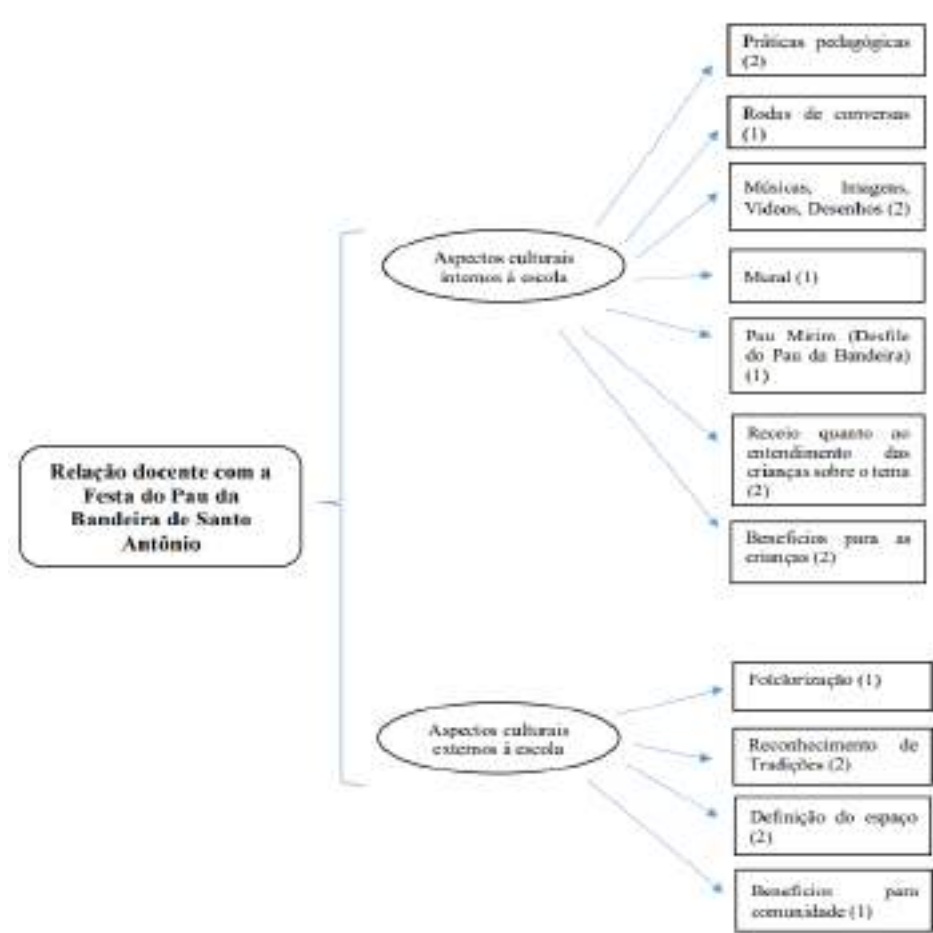
Diante da necessidade de conhecer também a relação docente com a cultura popular, elaboramos um questionário para compreender melhor como a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio contribui para o trabalho pedagógico na escola a partir da experiência pessoal das professoras que atuam com as crianças pesquisadas.

A partir da análise de conteúdo das respostas dadas pelas professoras tivemos uma maior noção do conhecimento que possuem sobre a festa e o seu significado para elas, assim como observamos os aspectos da compreensão das intérpretes em torno da cultura, elemento que também regula as práticas pedagógicas desenvolvidas com suas turmas.

A relação docente com a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio foi classificada em duas categorias analíticas: Aspectos culturais internos à escola e Aspectos culturais externos à escola, e com isso foram criadas categorias empíricas de análise a partir do objetivo do estudo e das respostas dadas pelas professoras. Diante disso, as categorias empíricas identificadas

foram: Práticas pedagógicas com duas (2) aparições, Folclorização com uma (1), Reconhecimento de tradições com duas (2), Definição do espaço com duas (2), Rodas de conversas com uma (1), Músicas, Imagens, Vídeos, Desenhos com duas (2), Mural com uma (1), Pau Mirim (Desfile do Pau da Bandeira) com uma (1), Receio quanto ao entendimento das crianças sobre o tema com duas (2), Benefícios para comunidade com uma (1), Benefícios para as crianças com uma (2), assim dispostas no diagrama.

Figura 16 - Diagrama: Relação docente com a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio



Fonte: Autora da pesquisa, 2024.

Os questionamentos feitos às professoras foram no sentido de compreender sua relação pessoal e profissional com a festa e as implicações que essa compreensão e envolvimento influencia nas suas práticas em sala de aula.

Nesse sentido, direcionamos primeiramente o olhar para a relação pessoal, visto que a formação docente, bem como a teoria e prática envolvida no processo de ensino e aprendizagem na escola não desvincula o ser pessoal do profissional. Logo a relação pessoal das professoras,

ou seja, os aspectos culturais externos à escola estiveram evidentes nas respostas de cada uma, como por exemplo quando P(1) diz: “Além de trabalhar com as crianças em sala, sempre acompanhamos o desfile folclórico dia do pau da bandeira com diversas manifestações culturais”.

Nesse recorte da fala de P(1) identificamos o que Souza (2003) fala de folclorização da Festa do Pau da Bandeira, que muitas vezes fica no imaginário coletivo esse termo devido às características que a festa vem ganhando ao longo do tempo.

Uma explicação para esse fato reside no processo de folclorização pelo qual a festa passou a partir de 1973. Esse processo consistiu na transformação da festa num evento cultural e folclórico com a finalidade de desenvolver as potencialidades turísticas do município. A partir desse ano, o poder público municipal, em comum acordo com a paróquia de Barbalha, resolveu “dar uma dimensão folclórico-artístico-cultural” à festa de Santo Antônio.¹³ O objetivo, conforme o prefeito da época, Fabriano Livônio Sampaio, era divulgar a festa e atrair turistas para o município. Assim, aos poucos, a festa foi sendo transformada num grande evento turístico, sem perder, no entanto seu caráter popular. (Souza, 2003, p. 3).

Nesse sentido, as apresentações folclóricas que hoje são elementos muito importantes na celebração devem ser compreendidas para além de apresentações artísticas, mas fazendo parte da própria história de um povo transfiguradas em patrimônio cultural.

Ainda sobre a relação pessoal das professoras com a festa, foi possível verificar a ocorrência da importância da manutenção das tradições culturais e um recorte espacial dessas tradições a partir do contexto cultural das professoras.

-É importante cultivar as tradições que existe na nossa cidade, então o pau da bandeira se tornar patrimônio é de uma grandeza enorme. (P(1), 2024).

-Manter viva as tradições e as manifestações culturais de nossa região de modo que possam favorecer a participação e a presença concreta de um determinado coletivo. (P(2), 2024).

Ou seja, quando elas manifestam a preocupação em cultivar tradições da cidade e da região, estão afirmando que essas tradições existem em seu entorno e que devem ser preservadas, não só por que a festividade é reconhecida como Patrimônio Imaterial brasileiro pelo IPHAN (2015) e pela SECULT do Ceará (2018), mas por que ela é a própria vida das pessoas que fazem parte da comunidade.

Na fala de P(1) também percebe-se que quando um patrimônio cultural é reconhecido pelo poder público, eleva-se a autoestima de uma comunidade, pois veem nessa ação uma certa forma de valorização das suas práticas cotidianas.

Um segundo olhar quanto a análise das repostas das professoras esteve relacionado a

relação profissional destas com a festa, ou seja os aspectos culturais internos à escola. As categorias empíricas surgidas a partir desta categoria analítica aborda as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula e no âmbito da escola como um todo.

Ambas as professoras afirmam abordar a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em suas aulas. Isso significa que conscientes ou não, elas estão promovendo uma EP, por meio de atividades que colaboram com o processo de construção da percepção infantil sobre a festa e fortalecimento da identidade cultural das crianças como afirma P(2): “Abordar a Festa do Pau da Bandeira com as crianças da Educação Infantil, contribui para a preservação e o fortalecimento da identidade pessoal, visto que, é uma grande oportunidade para trabalhar a memória e o respeito a diversidade e a cultura da cidade”. Com essa colocação de P(2), podemos reconhecer que as práticas pedagógicas trazem benefícios para as crianças quanto a sua formação como sujeitos culturais. Dentre as práticas pedagógicas citadas, estão o uso de vídeos, imagens, músicas e desenhos.

Outras atividade desenvolvidas foram relatadas pelas professoras como: a confecção de mural temático sobre a Festa do Pau da Bandeira e a realização do “Pau Mirim” - encenação infantil do carregamento do pau da bandeira. Essas atividades, puderam ser vistas por nós como contribuições da educação formal para o fortalecimento da EP e a construção da percepção infantil sobre a celebração.

Na fala de P(1) sobre práticas pedagógicas que abordam o patrimônio cultural de Barbalha, a seguinte frase nos chamou atenção: “Como trabalho com as crianças procuro contar para elas a importância do pau ter se tornado um patrimônio, onde os governos sempre ajudam”. No trecho a “ajuda dos governos” ficou um pouco confuso para nós, mas a aproximação com a escola e com os gestores desta nos levam a acreditar que essa ajuda mencionada pela professora trata-se de sugestões por parte da secretaria de educação do município para que as escolas desenvolvam atividades em alusão a Festa do Pau da Bandeira, pois realizando pesquisas no site oficial da câmara municipal de Barbalha, encontramos a Lei 2.630 de 2022⁹, que prevê incentivo financeiro apenas às escolas de ensino fundamental do município para fomentar projetos que tratam do fortalecimento da cultura.

Não encontramos incentivos dessa natureza voltados para as escolas de Educação

⁹ “ Art, 1º. Fica instituído o Programa de Apoio e Fortalecimento da Cultura no âmbito das Escolas integrantes da Rede Municipal de Ensino Fundamental de Barbalha/CE, objetivando o desenvolvimento de ações continuadas voltadas para práticas relativas ao incentivo e preservação das manifestações culturais afeitas à história e tradições de nosso povo”. (Barbalha, 2022).

Infantil. Acreditamos que o incentivo financeiro seria uma forma de custear o material utilizado nos projetos desenvolvidos nas escolas, pois muitas vezes as professoras precisam tirar recursos financeiros do próprio salário para custear atividades na escola, tema que geraria também uma ampla discussão.

Para atender os nossos objetivos, além de indagar as professoras sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas por elas, perguntamos também em que momento (data, mês, período), a abordagem da festa acontece em sala de aula. P(2) traz em sua fala o que já tratávamos como hipótese quanto a essa questão, pois como integrante das festas juninas, a homenagem a Santo Antônio também estaria incluída nesse período festivo: “Acontece no período de 31 de maio a 13 de junho, data em que é homenageado o dia de Santo Antônio”.

Ora se a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha é reconhecida como patrimônio cultural imaterial, e as ações da educação formal pretendem valorizá-la por meio da conscientização infantil por meio de uma educação emancipadora, não estaria se restringindo essa abordagem, ao invés de perpassar todo o ano letivo nos diversos campos de experiências das crianças?

A professora P(1) falou sobre o momento específico dentro da rotina escolar, ou seja, nas rodas de conversas, mas não falou sobre o período do ano, ou se as atividades se desenvolvem o ano todo. Mas, por meio da experiência da pesquisa de campo e por meio da resposta de P(2), podemos dizer que na escola pesquisada, as atividades se desenvolvem entre meados do mês de maio e início do mês de junho de cada ano.

O interesse das crianças pelas atividades propostas foi apontado pelas professoras com sendo de nível médio e elevado, mas que são encontradas dificuldades para se abordar a temática com crianças pequenas em sala de aula. Dentre essas dificuldades P(2) diz que: “Por ser uma temática cultural, se torna um tema complexo para o entendimento das crianças da Educação Infantil” e P(1) vai nesse mesmo sentido quando aponta que a elaboração de uma planejamento em que as crianças entendam a festa também é uma dificuldade. Essas colocações da professoras coadunam com uma passagem no Dossiê sobre a festa que afirma essa complexidade.

A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, assim como outras manifestações, é um emaranhado de vozes que partem de lugares de fala, por vezes, bastante distintos. É óbvio que nossa compreensão sobre a Festa não se restringe às relações entre os participantes ligados às manifestações e ritualizações consideradas centrais, tais como o corte, carregamento, hasteamento, missas e trezena; a festa, de forma ampla, é um complexo interdependente que, decerto, se modela e remodela em conformidade à atuação de indivíduos e grupos sociais, os quais, de algum modo, estão envolvidos com sua ritualização, produção, divulgação, financiamento e organização. (IPHAN,

2015, p. 9)

Apontar o planejamento como uma dificuldade em abordar o tema da festa pode estar relacionada a vinculação das práticas pedagógicas realizadas a partir das orientações curriculares. Tais orientações muitas só servem como manutenção da sociedade de classes na medida em que dita os conhecimentos que devem circular nas instituições regidas pelo Estado. Dessa forma, práticas curriculares que dizem respeito a EP pode ser um grande desafio para os professores que se veem com dificuldades em utilizar os bens culturais como objeto no processo de ensino e aprendizagem. É necessário o engajamento da escola de forma ampla no processo de adequação dos conteúdos escolares às diversas manifestações culturais de cada contexto, atuando principalmente no currículo escolar (Brandão, 1996).

Ter ao seu alcance “uma estratégia pedagógica que estimule uma atividade escolar orientada ao resgate cultural” (Colares, 2019, p. 41), faz dos professores os agentes essenciais na integração entre a educação formal e a EP, mas, para isso, o seu processo de formação também deve está alinhado a esses propósitos.

Nesse sentido, o educador deve estar preparado para a pesquisa em sua formação, na perspectiva de conhecer o repertório cultural da comunidade de que faz parte; partindo daí, poderá ampliar esse universo e elaborar saberes que entrem como elementos importantes na formação do caráter, dos valores e da criatividade de educandos e educadores. (Colares, 2019, p. 41-42).

Sendo o professor o mediador do processo de aprendizagem (Vygotsky, 1989), é também no ambiente de sala de aula onde o aluno elabora e constrói conhecimento. Este espaço se torna um lugar importante, neste processo de aprender, cabendo ao professor propor situações prazerosas que perpassem os campos de experiências da crianças gerando conhecimentos integrantes do campo científico, cultural, social, entre outros. Logo, o professor precisa estar ciente de seu papel, pois se este não conseguir enxergar sua grandeza nas suas ações, dificilmente contribuirá com a promoção de uma EP engajada com a transformação social que requer sujeitos comprometidos com sua história e com suas raízes culturais.

Ao indagarmos as professoras sobre a importância da Festa do Pau da Bandeira no fortalecimento da identidade cultural das crianças e no fortalecimento da afetividade com o lugar em que vivem, obtivemos respostas no sentido de benefícios tanto para as crianças quanto para a própria comunidade: “Traz turismo e aquece o comércio da cidade” (P1) e P(2) complementa “acredito que sim, pois a mesma proporciona às crianças uma aprendizagem significativa e dentro da realidade delas, como exemplo, a nossa cultura regional”.

Assim, na compreensão das professoras sobre a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio favorece a aprendizagem das crianças por que estas “crescem apoiando o evento e faz crescer cada vez mais nossa festa” (P1) e por que “as crianças vivenciarem experiências culturais, além de enaltecer o seu sentimento de pertencimento dentro da história cultural” (P2). Essas afirmações coadunam como nosso entendimento de que os professores devem estar atentos às questões relacionadas aos aspectos culturais que permeiam a escola a fim de tornar a EP significativa que fomente a construção da identidade cultural das crianças.

Reunir esforços para levar às crianças da Educação Infantil o acesso de forma sistematizada aos bens culturais de seu lugar, ajuda tanto no fortalecimento da tradição, quanto na construção da identidade cultural infantil, que no mundo globalizado está constantemente ameaçado, pois até mesmo os próprios festejos populares, por vezes, sofrem uma descaracterização decorrentes das mudanças no mundo.

Ainda que as mudanças no modo de ser e agir das pessoas seja próprio das características do processo cultural e das relações dos homens com os homens, devemos estar atentos as mudanças que desconfiguram a identidade dos bens culturais, assim definidos por nós. Assim, Colares (2019) faz apontamentos sobre a educação institucionalizada.

Podemos dizer que, hoje, os festejos populares e tradicionais sofrem, por vezes, uma grande padronização e descaracterização. Acreditamos que a escola tem grande possibilidade de desenvolver, através da valorização de atividades populares ou que tenham o caráter de festejos tradicionais, um elemento fortalecedor de saberes que os professores podem elaborar e sugerir, através de atividades para o desenvolvimento contextualizado da criatividade infantil, favorecendo a que as crianças sejam estimuladas ao desenvolvimento da sensibilidade, para uma compreensão vivencial da cultura popular, e o professorado aprimore a sua reflexão teórica e visão cultural quanto ao valor, mais especificamente, de festejos tradicionais, possibilitando às crianças uma aprendizagem culturalmente mais contextualizada. (Colares, 2019, p. 42).

Portanto, o olhar atento dos professores para os bens culturais do lugar em que permeiam a comunidade na qual a escola esta inserida favorece o desenvolvimento de uma reflexão crítica sobre práticas pedagógicas que sejam verdadeiramente significativas para as crianças, deixando de limitar suas atividades às orientações pré-determinadas pelos documentos normativos que desconhecem a realidade das crianças e desvaloriza o conhecimento prévio destas.

5.3 A percepção infantil sobre a Festa do Pau da Bandeira a partir de suas múltiplas linguagens

Ao pesquisar a percepção infantil sobre qualquer que seja o tema no âmbito da educação formal, não podemos desconsiderar as experiências vividas pelas crianças, pois como anuncia Paulo Freire (1989) a leitura de mundo precede a leitura da palavra, logo as ações educativas que requerem a apreensão de signos e símbolos na escola estão intrinsecamente ligadas aos processos culturais que estamos sujeitos desde o nascimento (Vygotsky, 1989).

Nesse sentido, o processo de aprendizagem, essencialmente humano, nos torna diferentes dos outros animais, e segundo Brandão (2007), a educação compreende tudo o que conhecemos como cultura, ou seja, as vivências dentro dos grupos sociais aos quais fazemos parte, as diversas formas que aprendemos e os modos pelos quais vivemos e compreendemos o mundo. Isso significa que os elementos culturais prespõem uma diversidade de saberes e experiências humanas, saberes que se entrelaçam a múltiplos processos sociais e educativos presentes do começo ao fim da vida.

Assim, se os sujeitos pertencem a um determinado grupo, não significa que ele aprenderá apenas aquilo que permeia este grupo, por que apesar do vínculo, os sujeitos são capazes de transcendê-lo e alcançar novas formas de conhecer o mundo. Exemplificando essa afirmativa, podemos dizer que ao nascer em um determina grupo e em um determinado lugar, uma criança irá, através dos mais velhos, aprender, pela educação, a se relacionar com o mundo e estando nele irá modificá-lo e se modificar por meio das experiências e vivências cotidianas. Mas, esse processo não anula a possibilidade de buscar novos saberes e novas formas de viver, visto que a relação dos homens com o saber faz parte dos múltiplos processos educativos e culturais.

Dito isso, para compreendermos o processo de construção da percepção infantil sobre a Festa do Pau da Bandeira de santo Antônio, buscamos realizar esta pesquisa na Educação Infantil, mas sem desconsiderar a bagagem cultural que as crianças possuem, pois para nós a promoção de uma EP com princípios democráticos e cidadãos prespõe a valorização da realidade concreta das crianças, seus modos de vida e suas tradições.

Uma EP que determina que bens culturais podem ser preservados e faz restrições ao direito à memória de um povo, age como mecanismo de manutenção das estruturas da sociedade de classes em que a cultura dominante se sobrepõe de forma impositiva sobre a cultura dos grupos populares. Trata-se, portanto, de uma educação envolvida pelo viés político

que deve assumir as diversas formas de viver e estar no mundo. Por ter esse caráter político, EP também vive sob influência constante das relações de poder, regras criadas e recriadas, crises e valores constantemente em disputa pelos diversos grupos.

Desenvolver uma EP na Educação Infantil possibilita encarar os desafios da disputa de narrativas sobre os bens patrimoniais, mas acima de tudo permite integrar as vivências cotidianas das crianças com as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola.

As crianças intérpretes dessa pesquisa, ao participarem das atividades que envolvem a Festa do Pau da Bandeira, vivenciam processos educativos imbricados nas experiências de situações cotidianas, e dessa forma são agentes sociais produtores de culturas. Tal como lembra Brandão (2007) de que somos seres plurais e singulares, e para tanto somos sujeitos que experienciamos de forma individual e coletiva a cultura.

5.3.1 A construção da percepção infantil e da identidade cultural a partir da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio: a contribuição das oficinas de contação de história desenhos

A partir da interação com as crianças por meio das oficinas de contação de história e de desenho pudemos fazer uma interlocução entre o conhecimento que elas possuem sobre os elementos que compõem festa. Na interação, foi possível captar elementos por meio da análise do conteúdo nas fala e nas representações, ou seja, as principais percepções infantis construídas nesse processo.

Ao observar os aspectos da compreensão dos intérpretes em torno da cultura, ampliamos os nossos horizontes sobre os processos educativos inerente as vivências das crianças no contexto pesquisado, bem como estreitamos o olhar para a maneira como esses intérpretes vivem essa festa a partir dos costumes sociais, da dinâmica cotidiana de suas famílias e da comunidade.

Iniciamos a oficina de contação de história organizando o espaço para que as crianças ficassem mais à vontade. Abrimos espaço¹⁰ na sala para que pudessemos nos acomodar em roda e todos conseguissem acompanhar a história.

¹⁰ Apesar de não ser objeto de nosso estudo, observamos que as salas de aula na escola pesquisada são pequenas e com muitas mobílias, o que torna difícil a realização de atividades que exijam mais descontração e conforto das crianças como o momento da contação de história. Logo, o desenvolvimento de uma educação que respeite as especificidades das crianças também requer um olhar atendo do poder público para as necessidades nessa faixa etária escolar, em que muitas vezes lançam sobre os professores a responsabilidade total pela formação integral das crianças. Ora, se a construção da identidade cultural é inerente também a educação escolar como vimos defendendo até aqui, então deve-se ter o mínimo de condições para o desenvolvimento desta, incluindo professores qualificados e equipamentos adequados para tal fim.

Figura 17 - Oficina de contação de história



Fonte: Autora da pesquisa, 2024.

A história foi construída por nós, no que diz respeito ao enredo e a escolha das ilustrações, sendo esta o nosso produto educacional exigido pelo programa do mestrado. A oficina de desenho realizada após a oficina de contação de história teve como objetivo além de registrar a percepção infantil sobre a festa, utilizar essas representações na ilustração do livro infantil na edição final.

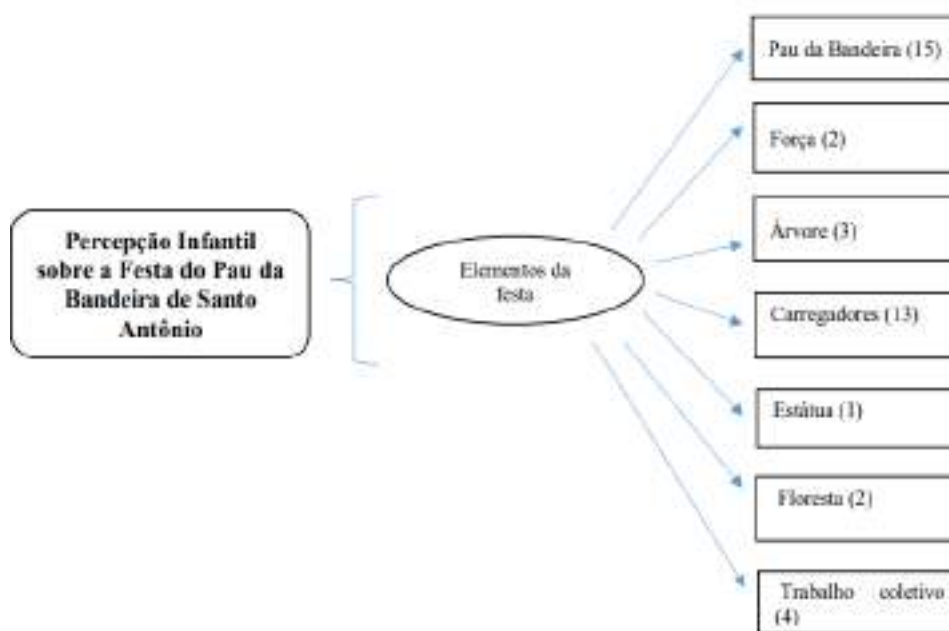
O momento da contação de história é sempre entusiasmante para as crianças, pois as tiram da monotonia típica das atividades pré-determinadas na educação formal. Antes de iniciar a história, conversamos com as crianças sobre a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio e levantamos questionamentos sobre as experiências vividas na escola e fora dela nos últimos dias em relação a festa.

Começamos perguntando as crianças quais eram suas lembranças sobre as atividades experienciadas na escola relacionadas a festa, ou suas experiências com esta fora da escola, visto que a festa está no cotidiano da comunidade antes mesmo de fazer parte das atividades pedagógicas na educação formal. Logo, as crianças começaram a falar quase que ao mesmo tempo suas lembranças e impressões.

Ao analisar as respostas e as representações das crianças sobre suas percepções da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio chegamos a categoria analítica: Elementos da festa, e as categorias empíricas: Pau da Bandeira com quinze (15) aparições, Força com duas (2), Árvore

com três (3), Carregadores com treze (13), Estátua com uma (1), Floresta com duas (2) e Trabalho coletivo com quatro (4). Estas categorias elencadas foram dispostas no diagrama a seguir:

Figura 18 - Diagrama: Percepções da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio



Fonte: Autora da pesquisa, 2024.

Um momento que me chamou atenção foi quando a criança (C3) fala sobre a sua lembrança das comemorações sobre a Festa do Pau da Bandeira na escola. Ela relembra que o cortejo seguiu até “a estátua”. Percebo aqui, que o fato de ter levado as crianças até a estátua de Santo Antônio que fica próximo a escola no dia do cortejo realizado pela escola, não foi o suficiente para as crianças compreendessem que a festa e o cortejo só existem por causa de Santo Antônio, padroeiro da cidade.

Já as falas das crianças (C9) e (C1) remetem a existência e ao carregamento do Pau da Bandeira. Experiências vividas por meio do documentário apresentado anteriormente sobre o carregamento, por meio da experiência com o projeto “Pau Mirim” e muitos ainda pela vivência com a festa oficial, como demonstra as seguintes colocações:

-Eu já fui no pau da bandeira. (C15, 2024).

-Eu não fui. (C2, 2024).

-O pau da bandeira da escola tava pesado. (C1, 2024).

-Eu vim. (C18, 2024).

-O pau da bandeira serve para carregar na cabeça. (C9, 2024).

-Serve para colocar a bandeira lá em cima. (C15, 2024).

Pelas falas é possível observar que as crianças possuem percepções diferentes quanto ao significado da festa e essas percepções são construídas a partir de um processo de interação com o seu meio social desde o nascimento. Umas apontam mais detalhes que outras, como é o caso da criança (C15), onde diz que já foi no Pau da Bandeira e o pau serve para colocar a bandeira lá em cima. Esta fala coaduna com pensamento de Brandão (1996) que fala no sentido de que o contato com o patrimônio cultural independe¹¹ da educação formal, e este contato é reflexo das relações existentes entre os saberes e fazeres de um povo.

Diante da fala das crianças, fui instigando-as a falar mais sobre as observações feitas nos últimos dias. Perguntei se elas lembravam do documentário que havíamos assistido na semana anterior:

-Os adultos carregavam o pau. (C10, 2024).

-O pau veio das árvores da floresta. (C1, 2024).

-Eu conheço a floresta. (C15, 2024).

-Eu conheço Barbalha. (C14, 2024).

-Eu moro em Barbalha. (C2, 2024).

Na faixa etária em que se encontram nossos intérpretes é possível que as crianças consigam fazer conexões dos fatos vividos e as histórias contadas. O sentido das palavras pressupõem experiências que podem ser manifestadas de forma consciente e a narrativa é considerada como validação de sua percepção. A conversa realizada antes da contação da história foi importante para o fortalecimento dos laços entre nós e para a construção dos significados daquilo que foi vivido, é portanto, uma espécie de afirmação do cotidiano.

O enredo da história foi pensado no sentido de fortalecer a percepção das crianças sobre a festa, na medida em que integra elementos que ainda não estão no imaginário e nas narrativas infantis. Logo, a relação da festa com a sua própria história e com o surgimento da cidade de Barbalha favorece a construção da identidade cultural a partir da capacidade que essa relação tem de promover o reconhecimento e a valorização da cultura local.

O encontro seguinte com as crianças deu-se em razão da oficina que chamamos de Oficina de desenhos, mas as diversas formas de manifestar suas percepções me levou a

¹¹ Ora, por mais que o referido autor reconheça essa independência, isso não significa que não haja por parte dele uma defesa incessante para o estreitamento da relação entre a educação formal e os aspectos culturais de um povo.

considerar além de desenhos, outros materiais que representem os elementos da festa e fossem lúdicos para as crianças.

Para esta atividade, levamos imagens impressas dos principais elementos da festa. Ao mesmo tempo que iam fixando-as no quadro da sala, as crianças iam lembrando daquelas cenas. As imagens de Santo Antônio, da bandeira, do carregamento do pau, da escolha e corte do pau, dos grupos de folguedos foram essenciais para que as crianças criassem suas lembranças em relação a festa vivida dentro e fora da escola, e a partir daí criar suas traduções daquele contexto.

Sendo assim, a presentei a proposta da oficina para as crianças e elas adoraram, pois o desenvolvimento de atividades lúdicas favorece a criatividade da criança, e é ao mesmo tempo prazerosa e impulsionadora da aprendizagem.

Com a ajuda da professora, distribuímos o material para as crianças de acordo com sua escolha: lápis colorido, folhas para desenhar, palitos de picolé, massinha de modelar, papel colorido. Além desse material, distribuímos um desenho impresso do carregamento do pau para pintura. A oficina de desenho tornou-se uma oportunidade ímpar para que as crianças pudessem expressar à sua maneira a Festa do Pau da Bandeira por meio da imaginação e criatividade inerente a infância.

Sobre o processo de desenhar, Vigotsky (1989) considera que enquanto a criança desenha, pensa no objeto da sua imaginação como se estivesse falando do mesmo. Na sua exposição verbal ele não se encontra preso pela continuidade do seu objeto no tempo e no espaço e por ele pode, dentro de certos limites, tomar qualquer parte isolada ou ir além do que se imagina através dela, ou seja, apesar de ser uma representação das coisas que estão na sua realidade é por meio da memória que a criança elabora seu desenho. Para a criança o desenho pode não ser exatamente o que ela imagina ou pode tomar outras formas.

Outro aspecto importante é que muitas vezes enquanto desenha a criança narra o que está sendo desenhado, pois o desenho é um processo que aparece após o desenvolvimento da linguagem falada (Vigotsky, 1989). Na oficina foi possível fazer essa constatação, quando na observação da atividade se ouvia as crianças narrando seus desenhos.

Essa atividade foi importante para que compreendêssemos o processo de construção da percepção infantil sobre a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, pois conforme Sarmento (2011):

Através deste processo interactivo, as crianças exprimem a sua competência e revelam a capacidade que têm de lidar com tudo o que as rodeia, formulando interpretações da sociedade, dos outros e de si próprios, da natureza, dos pensamentos e dos

sentimentos, fazendo-o de modo distinto dos adultos. (Sarmiento, 2011, p. 12).

No desenho da criança (C18) percebemos que ela contemplou um elemento natural que faz parte do ritual da festa. A árvore integrante do ambiente natural, em poucos instantes se transforma em elemento cultural a partir do sentido que é atribuído a este elemento. “A floresta condiciona os rituais, sendo a simbologia sagrada da árvore, como elemento de ligação entre a terra e o céu, representada pelo ato de carregar e levantar o mastro com a bandeira de Santo Antônio”. (Cardoso; Silva, 2013, p. 140).

É interessante destacar que na data em que realizamos a oficina de desenhos, estávamos na semana do meio ambiente. Logo, nosso diálogo com as crianças também esteve marcadamente correlacionando o ritual da escolha e do corte da árvore para o pau da bandeira com a preservação ambiental, num processo de conscientização.

Além disso, os desenhos e representações infantis foram analisados num triplo enquadramento, como propõe Sarmiento (2011), ou seja, o ato concreto em que é possível perceber fatores como emoção, vontade e capacidade físico-motora das crianças, bem como a inserção cultural das crianças que enibi ou autoriza a expressão delas e a expressão das crianças de acordo com sua cultura específica.

Infere-se que dentro dos elementos que compõe a celebração, a árvore é percebida pelas crianças como sendo um símbolo na constituição da festa, símbolo que foi muito enfatizado nas intervenções pedagógicas.

Figura 19 - Desenho infantil 1



Fonte: Criança (C18), 2024.

Na imagem a seguir, a criança C4 representa o carregamento do pau da bandeira com

várias cores, logo é possível notar que sua representação está relacionada com a percepção que ela tem desse ritual. Vygotsky (1989) tecendo considerações sobre a percepção humana, vai dizer que esta surge muito cedo nas crianças, o que ele denomina de percepção de objetos reais, mas a percepção não é estática no ser humano, logo, vai se desenvolvendo, diferentemente do que acontece com os animais. Nesse sentido, afirma o referido autor que “o mundo não é visto simplesmente em cor e forma, mas também como um mundo com sentido e significado” (Vygotsky, 1989 p. 37), ou seja, a criança não percebe a árvore de forma isolada, mas a partir dos significados que o contexto a atribui, como afirma Sarmento (2011, p. 7-8) que “os desenhos infantis, como efeito, correspondem a artefactos culturais da geração infantil, nas condições culturais e sociais de inserção das crianças em cada contexto concreto”.

Figura 20 - Desenho infantil 2



Fonte: Criança (C4), 2024.

A criança (C11) retrata um momento muito importante, o carregamento do pau da bandeira. A representação dos carregadores e o tamanho do mastro desenhado pela criança, mostra sua percepção sobre este símbolo que perto do mastro os carregadores se tornam pequenos, mas com o trabalho colaborativo é possível ergue-lo.

Figura 21 - Desenho infantil 3



Fonte: Criança (C11), 2024.

Na seguinte imagem a criança (C12) coloca-se como protagonista. Sua representação feita por meio de desenho, palito de picolé e papel colorido é trazida pela memória da vivência na festa. “Os significados elaborados pelas crianças são qualitativamente diferentes dos adultos, sem por isso serem menos elaborados ou errôneos e parciais”. (Cohn, 2005, p.34).

Na mesma acepção Sarmento (2011, p. 9) diz que “os desenhos das crianças variam com o espaço e o tempo e a sua inserção social e cultural, sendo necessário considerar os povos e culturas que atribuem às formas gráficas objectivos bem distintos da representação de uma realidade exterior”, ou seja até os desenhos infantis sofrem influência externa não sendo iguais em toda época e lugar, e até mesmo dentro desses marcadores é possível ver representações diferentes de criança para criança.

Figura 22 - Desenho infantil 4



Fonte: Criança (C12), 2024.

Outros elementos podem ser percebidos pelas crianças no que diz respeito a diversidade cultural que envolve a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio. Abaixo os elementos representados são além do pau da bandeira, a carroça da cachaça do Senhor Vigário. A criança (C14), percebe e representa esse símbolo de forma lúdica e colorida como é esse elemento na realidade.

Figura 23 - Desenho infantil 5



Fonte: Criança (C14), 2024.

Utilizando massinha de modelar, a criança (C16) representa sua percepção sobre carregadores, estes foram um dos elementos centrais na representação das crianças, visto que são os detentores do patrimônio e sua representação não poderia deixar de estar nas práticas pedagógicas que dizem respeito sobre a Festa do Pau da Bandeira.

Figura 24 - Escultura infantil 1



Fonte: Criança (C16), 2024.

O desenho é frequentemente acompanhado de verbalizações das crianças que referem as figuras e motivos inscritos no papel de modo por vezes paradoxal e fora da inteligibilidade dos adultos. Poder acompanhar o acto de elaboração do desenho ou captar as opiniões expressas pelas crianças sobre as suas próprias produções plásticas pode contribuir para uma maior compreensão dos significados atribuídos e fazer convergir dois registos simbólicos, aliás nem sempre coincidentes. O desenho e a sua fala são co-constitutivos de um modo de expressão infantil cujas regras não são as mesmas da expressão adulta. (Sarmiento, 2011, p. 19)

Corroborando com o pensamento de Sarmiento (2011), no diálogo estabelecido entre a

criança (C16) e a pesquisadora evidencia sua percepção:

Pesquisadora: - O que você está fazendo?

Criança (C16): - O carregador do pau.

Pesquisadora: - E o que é isso? (Apontando para o que parece ser os braços do boneco).

Criança (C16): - Os braços. Tem que ser assim, se não ele não carrega.

Na imagem 19 vemos que a criança (C16) representa os braços do carregador como sendo um membro importante na ação de carregar o pau, por isso, na modelagem da escultura ela aumenta o tamanho que retrata esse percepção. Essas representações, semelhante ao que acontece com os desenhos infantis, “correspondem a artefactos culturais da geração infantil, nas condições culturais e sociais de inserção das crianças em cada contexto concreto”. (Sarmiento, 2011, p. 7-8).

A partir da interação com as crianças por meio das oficinas, foi possível perceber que a formação da identidade cultural é um processo contínuo que inicia desde a infância e que permite o entrelaçamento de vários fatores internos e externos a escola, bem como se constrói a partir do lugar em que elas estão inseridas, mas também podem sofrer influência de outros elementos que estão além do seu lugar, como explica Sarmiento (2011, p. 14): “O local é o espaço impuro das identidades sociais. Impuro, porque o local não é independente das relações sociais mais vastas, é atravessado por motivos simbólicos de geração supralocal e é continuamente ‘contamidado’ por influências descaracterizadoras das raízes identitárias.”

Nesse sentido, o processo de construção da percepção sobre a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio e a construção da identidade cultural das crianças perpassa vários momentos e construções simbólicas que se agregam às experiências cotidianas, vivenciadas no contexto familiar e comunitário, como também a partir das práticas pedagógicas desenvolvidas na escola, como a encenação do “Pau Mirim” realizado por meio do projeto que envolveu as crianças.

5.3.2 Lá vem o pau! A história infantil como produto educacional

A interlocução da cultura e educação a partir das práticas pedagógicas desenvolvidas na escola foi a razão para que pensássemos em um produto educacional que fosse ao encontro dos nossos objetivos com essa pesquisa. Ao longo da pesquisa, apresentamos que o processo de construção da percepção infantil sobre a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio tem a

contribuição de vários fatores, ou seja, biológicos, sociais, afetivos, entre outros. É na relação com o mundo e com outras pessoas que as crianças se desenvolvem por meio das situações desafiadoras.

Nesse sentido, a educação formal não se afasta desse processo, visto que permanece por muito tempo sendo um dos lugares em que as crianças frequentam boa parte da vida, e o processo de percepção das coisas do mundo também recebe sua contribuição. Por essa razão, o produto educacional desenvolvido a partir dessa pesquisa, diz respeito a um recurso pedagógico muito potente na educação das crianças: uma história infantil.

A história infantil foi pensada para auxiliar o processo de construção da percepção infantil narrando a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha de forma lúdica para as crianças e com muitas ilustrações, muitas delas criadas pelas próprias crianças na oficina de desenho. As ilustrações da história contaram com a participação ativa das crianças, por meio de outras formas de linguagem que não a escrita. O desenho infantil foi uma dessas formas em que as crianças puderam demonstrar como percebiam a festa, isto é, o desenho infantil foi uma oportunidade em que as crianças manifestaram sua percepção sobre o seu patrimônio cultural. Falando sobre o desenho infantil Sarmiento (2011) afirma que:

O desenho infantil insere-se entre as mais importantes formas de expressão simbólica das crianças. Desde logo, porque o desenho precede a comunicação escrita (na verdade, precede mesmo a comunicação oral, dado que os bebês rabiscam antes ainda de articularem as primeiras palavras). Depois, porque o desenho infantil, não sendo apenas a representação de uma realidade que lhe é exterior, transporta, no gesto que o inscreve, formas infantis de apreensão do mundo – no duplo sentido que esta expressão permite de “incorporação” pela criança da realidade externa e de “aprisionamento” do mundo pelo acto de inscrição - articuladas com as diferentes fases etárias e a diversidade cultural. Nesse sentido o desenho infantil comunica, e fá-lo dado que as imagens são evocativas e referenciais de modo distinto e para além do que a linguagem verbal pode fazer. (Sarmiento, 2011, p. 2).

Os desenhos infantis, na nossa pesquisa, tiveram um papel central, pois como afirma Sarmiento (2011, p. 2) são eles “as mais importantes formas de expressão simbólica das crianças”, e com isso, contribuíram com a nossa compreensão sobre a percepção da criança sobre a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, bem como contribuíram com as ilustrações da história infantil, ou seja, o produto educacional elaborado a partir do nosso objeto de estudo. Nosso intuito é que o recurso pedagógico produzido auxilie os professores e professoras na transposição didática do conhecimento sobre a Festa do Pau da Bandeira na Educação Infantil.

Dentro desse contexto, é importante destacar que a literatura infantil contribui para que a criança desde cedo adquira gosto pela leitura, além de estimular a imaginação e ser um mecanismo que desperte na criança a vontade de conhecer o mundo através das histórias

propostas pelo educador. Assim, a contação de história numa perspectiva emancipadora deve contribuir para o acesso das crianças aos direitos garantidos a elas, e dentre esses direitos o acesso e a participação na cultura. A respeito disso, Abramovich (1991) afirma que:

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula[...] (Abramovich, 1991, p. 17).

Concordamos com Abramovich (1991) quando ela diz que a história infantil é o caminho para se descobrir o mundo. Logo, a história desenvolvida tem como objetivo ser um elo entre a educação escolar das crianças e o mundo da cultura.

Portanto, a disseminação e a valorização do patrimônio cultural deve permear as práticas estabelecidas na educação formal, a iniciar na educação infantil e utilizar todos os recursos para que o patrimônio cultural faça parte não só do cotidiano da criança fora da escola, mas também dentro dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha representa a devoção dos barbalhenses ao santo. Em razão da grandeza e dos diversos elementos que compõe a festa, a celebração ganhou status de patrimônio cultural imaterial brasileiro em 2015 e cearense em 2018. Para além do reconhecimento como patrimônio cultural, a festa é vivenciada pela comunidade e por ela é reconhecida na medida em que se faz dos dias de sua celebração um evento inesquecível para os moradores da cidade ano após ano.

Essas relações da comunidade com a festa alcançam certamente as crianças que a vivenciam à sua maneira, estabelecendo, assim, uma relação educativa entre as gerações, de forma que essa transmissão de saberes figura como garantia do direito das crianças ao acesso à cultura.

A EP que se estabelece em torno da festa, a nosso ver, torna-se mais fortalecida quando dispõe do apoio da educação formal por meio das práticas pedagógicas que fortaleçam a construção da percepção infantil sobre a festa e a construção da identidade cultural das crianças.

Diante da pesquisa realizada evidenciamos que quando a instituição de educação infantil integra ao seu currículo escolar atividades e realiza práticas educativas que dão visibilidade a festa, é possível perceber o fortalecimento na construção da percepção infantil, pois direciona as ações para práticas preservacionistas da festa e valorização do bem herdado.

No Centro de Educação Infantil Martinho Tavares Teles, o desenvolvimento da EP perpassa o campo da formalidade e abrange práticas, ainda que tímidas, que se integram aos direitos de aprendizagem das crianças, os quais são orientados pelos atuais documentos norteadores do currículo da educação infantil.

Trazer a encenação do carregamento da Festa do Pau da Bandeira, como ação educativa, foi muito relevante principalmente para àquelas crianças que não possuíam nenhum contato com a festa, além das oficinas de desenho e de contação de história que proporcionou as crianças essa aproximação com a celebração e seus elementos que contam a história de seus familiares e de sua comunidade.

Desse modo, passado, presente e futuro se interligam possibilitando a evolução da sociedade. Por isso, é importante não perder essas memórias, ou seja, preservá-las, pois elas permitem a inserção dos indivíduos no contexto histórico, dando sentido e significado às novas gerações, reforçando os laços de valorização dos patrimônios, bem como do fortalecimento da construção da identidade cultural.

Nesse sentido, a presente pesquisa traz uma contribuição que, através do produto construído, propõe o estímulo a contação da história local, na educação infantil, baseada nos princípios da EP por meio da história da festa e consequentemente da cidade. A história infantil como um recurso educativo e pedagógico, articulada a outras atividades pedagógicas, envolve as crianças pequenas nas questões relacionadas a identidade e a preservação dos bens patrimoniais.

Sendo assim, através dessa pesquisa promovemos uma reflexão sobre a importância da educação infantil no que tange aos processos de constituição cultural, ao mesmo tempo em que é possível desde cedo instigar nas crianças o interesse em aprender a história do município por meio de estratégias que compreende as atividades escolares baseados nos princípios da EP.

Nesse contexto, através da história infantil *Lá vem o pau!* será possível abordar elementos relacionados à festa que levam a um sentido de preservação, cuidado, percepções e identidade através do ato da leitura, em que a criança se sentirá provocada a conhecer mais sobre a festa e aprender de forma lúdica.

Durante a contação de história realizada na atuação no campo, foi possível perceber o envolvimento das crianças com a festa, onde alguns aspectos relacionados a ela já são conhecidos pelas crianças e outros não. Percebemos que o reconhecimento de elementos da festa de Santo Antônio, cuja estátua do santo encontra-se próxima de suas casas foi relatado pelas crianças com muita euforia e entusiasmo. A partir dessa interação é possível falar sobre o meio ambiente, história, linguagens, música, danças e muito mais. Por isso, a mediação do professor é fundamental nesse processo de construção da percepção infantil e na construção da identidade cultural.

Logo, acreditamos que os objetivos norteadores dessa pesquisa foram alcançados na medida em que a história infantil torna-se recurso didático que contribuirá para a prática pedagógica dos professores numa perspectiva da EP no contexto escolar. Também, através desse recurso didático as crianças terão a oportunidade de conhecer o contexto histórico que fez surgir a celebração que hoje é reconhecida como patrimônio cultural imaterial, motivo de muito orgulho para os moradores da cidade de Barbalha, reconhecendo sua importância e promovendo ações para sua preservação.

Desse modo, evidenciamos que o produto dessa dissertação contempla os eixos norteadores da prática pedagógica na educação infantil, interações e brincadeiras (BRASIL, 2018), pois a história torna-se um recurso lúdico em que as crianças interagem com os adultos e as outras crianças, trocando conhecimento e concepções, aprendendo umas com as outras, enquanto viajam escutando a história. Além disso, acreditamos que essa pesquisa contribuirá

para a implementação da EP nos currículos escolares das instituições de educação infantil da rede de ensino, bem como dar visibilidade para que o poder público veja a educação infantil como fundamental para preservação do patrimônio cultural, por meio de políticas públicas de incentivos financeiros ou não.

Por fim, acreditamos que a história infantil *Lá vem o pau!* é um estímulo a novas percepções sobre o bem estudado, instigando nas crianças o desejo de conhecer mais sobre a sua história, despertando o olhar para os saberes e fazeres que perpassa toda a celebração, fortalecendo, assim, as relações de pertencimento ao lugar tornando-se conscientes do seu papel de valorizar e preservar seu patrimônio local.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Frannf. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1991.

ALEXANDRE, Juciêdo Ferreira; SOUZA, Océlio Teixeira de; BEZERRA, Sandra Nancy Ramos Freire. A Festa de Santo Antônio de Barbalha: patrimônio de fé, devoção e carnavalização. In: SOARES, Igor de Menezes; SILVA, Ítala Byanca Moraes da (orgs.). **Sentidos de devoção: festa e carregamento em Barbalha**. – Fortaleza : Iphan, 2013, p. 44.

ALVES, Cícera Cecília Esmeraldo; BEZERRA, Lireida Maria Albuquerque; MATIAS, Ana Carolina da Costa. **A importância da conservação/preservação ambiental da Floresta Nacional do Araripe para a região do Cariri–Ceará/Brasil**. Revista Geográfica de América Central, v. 2, p. 1-10, 2011.

AMARAL, J. C.; FOLQUE, M. A.; HADDAD, L. **Patrimônio cultural e pertencimento: contribuição para pensar o currículo na educação infantil**. Revista de Educação Pública, v. 30, p. 1-21, jan./dez. 2021.

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à Brasileira: Significados do festejar, no país que “não é sério”**. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

ARAUJO, José Edvar Costa de. **A Festa do Pau da Bandeira de Barbalha**. - Fortaleza: Edições UFC, 2018.

ARAUJO, José Edvar Costa de. Cortejo do Pau da Bandeira de Santo Antônio. In: SOARES, Igor de Menezes (org.). **Carregadores: Sacrifício e Fé**. – Fortaleza : Iphan, 2019, p. 33-40.

BAKER, Patricia Andrea Godinho. **Caminhos do Círio: saberes, culturas e vivências infantis no Círio de Nazaré Belém**. 2019. 144 f. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Pará, Belém, 2019.

BARBALHA. Lei nº 2.630, de 10 de maio de 2022. **Institui o programa de apoio e fortalecimento da cultura junto às escolas integrantes da rede Municipal de ensino de Barbalha**. Barbalha, CE, mai. 2022. Disponível em: <<https://www.camaradebarbalha.ce.gov.br/leis/302>> Acesso em: 07 jan. 2024.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BATISTA, Célio Augusto Alves; BATISTA, Halley Guimarães. **Breve história dos municípios do Cariri cearense: fatos e dados** [livro eletrônico] - Fortaleza: INESP, 2020.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O difícil espelho: limites e possibilidades de uma experiência de cultura e educação**. Rio de Janeiro: IPHAN/DEPRON, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**.

Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 30 jun.
 2022.

BRASIL. Decreto n° 3.551, de 4 de agosto de 2000. **Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial.** Brasília, DF, ago. 2000. Disponível em:
 <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm>. Acesso em: 30 jun. 2022.

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Disponível em: <
https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CEB 5, de 17 de dezembro de 2009a. **Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 dez. 2009. Disponível em: <
http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb005_09.pdf> . Acesso em: 04 fev. 2024.

BEZERRA, Sandra Nancy Freire; SOUZA, Océlio Teixeira de. **A festa do pau-da-bandeira.** – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.

CAMPOS, Maria Malta. Por que é importante ouvir a criança? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica. In.: CRUZ, Silvia Helena Vieira (org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas.** –São Paulo: Cortez, 2008. p. 35 - 42.

CARDOSO, Antônio Igor Dantas; SILVA, Josier Ferreira da. Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha: intervenção cultural na natureza mediada pela fé. In: SOARES, Igor de Menezes; SILVA, Ítala Byanca Moraes da (orgs.). **Sentidos de devoção: festa e carregamento em Barbalha.**– Fortaleza : Iphan, 2013, p. 138.

CARIRY, Rosemberg. Festa do Pau da Bandeira de Barbalha. In: SOARES, Igor de Menezes; SILVA, Ítala Byanca Moraes da (orgs.). **Sentidos de devoção: festa e carregamento em Barbalha.**– Fortaleza : Iphan, 2013, p. 138.

CEARÁ. **Lei Complementar nº 78, 26 de Junho de 2009.** Diário Oficial do Estado do Ceará. Série 3. Ano I. Nº 121.

CEARÁ. Secretaria de Educação do Estado do Ceará. **Documento Curricular Referencial do Ceará: educação infantil e ensino fundamental (DCRC).** Fortaleza: SEDUC, 2019.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber às práticas educativas.** 1. Ed. – São Paulo: Cortez, 2013.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. 58p.

COLARES, Edite. **As festas populares e o ensino de artes.** – EdUECE: Fortaleza, 2019. 222p.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança:**

a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância.. Porto Alegre: Penso, 2016.

FLORÊNCIO, Sônia Rampim; CLEROT, Pedro; BEZERRA, Juliana; RAMASSOTE, Rodrigo. **Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos:** Brasília, IPHAN/DAF/Cogedip/Ceduc, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducacaoPatrimonial_m.pdf> Acesso em: 30 jun. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 23.ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GIL, Carlos Antônio. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GINO, Désirée de Sá Barreto Diaz. **A interface entre os saberes formais e informais mediados pelas escolas de ensino fundamental de Barbalha/ce em interatividade com as práticas culturais camponesas.** 2020. 172f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Regional do Cariri, Crato. 2020.

GRUNBERG, Evelina. **Educação Patrimonial — Utilização dos Bens Culturais como Recursos Educacionais.** Caderno do CEOM. Ano 14. N° 12. UNOESC, Chapecó, Jun, 2000. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2133>> Acesso em: 16 de maio/2023.

GUEDES, Maria Tarcila Ferreira; MAIO, Luciana Mourão. Bem cultural. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural.** 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). ISBN 978-85-7334-299-4.

HORTA, M. de L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia básico de educação patrimonial.** Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Museu Imperial, 1999.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/barbalha/panorama>. Acesso em: 02 jun. 2023. IPHAN. **Círio de Nazaré.** Rio de Janeiro: IPHAN, 2006. (Dossiê Círio de Nazaré.)

IPHAN. **Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha.** Fortaleza, CE: IPHAN, 2015. (Dossiê Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha.)

IPHAN. **Portaria N° 137 , de 28 de abril de 2016.** Disponível em:<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Portaria_n_137_de_28_de_abril_de_2016.pdf>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

MARCHESAN, Alexandra Pozzatti. **Trilha divertida dos capitéis de Nova Palma (RS): a educação patrimonial na educação infantil.** 2023. 166 f. Dissertação. (Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria,

2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; GOMES, Suely Ferreira Deslandes Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

NOGUEIRA, A. G. R.; RAMOS FILHO, V. S. Afinal, o que é patrimônio? Conceitos e Trajetórias. In: NETTO, R. (Org.); HOLANDA, C. R. (Coord.). **Curso Formação de mediadores de educação para patrimônio**. Ilustrado por Daniel Dias. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2019, f.1.

NOGUEIRA, Rafaelly Carneiro dos Santos. **Contribuições da educação patrimonial na escola de ensino médio de tempo integral Virgílio Távora no fortalecimento da salvaguarda dos bens culturais da cidade de Barbalha-CE**. 2021. 159 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação). Universidade Regional do Cariri, Crato, 2022.

PELEGRINI, Sandra C. A.; FUNARI, Pedro Paulo A. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico] : métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**.

– 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013. RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Global, 1995.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. –São Paulo: Cortez, 2008. p. 43 - 51.

RODRIGUES, Auro de Jesus. **Metodologia Científica**. São Paulo: Avercamp, 2006.

RODRIGUES, Hugo de Melo. **Patrimônio cultural de Barbalha na formação estética de professores do ensino básico: elementos do círculo estético-dialógico**. 2016. 129 f. Mestrado em Educação. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

SANTOS, Ruth Rodrigues. **A festa que é a mesma, sendo continuamente outra: a ressignificação da festa (do pau da bandeira) de Santo Antônio de Barbalha, Ceará através das mudanças e continuidades**. 2015. Dissertação (Mestrado). João Pessoa, 2015.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas**. In: MARTINS FILHO, Altino José; PRADO, Patrícia Dias (Orgs.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas: Autores Associados, 2011.

SCIFONI, Simone. **Patrimônio e educação no Brasil: o que há de novo?** Educ. Soc., Campinas, v. 43, e255310, 2022. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/es/a/zK7BLX6XmXMX5QnZFhLbRBS/?format=pdf&lang=pt>>
Acesso em: 16 de ago. 2023.

SILVA, Jonisley Soares da. **A percepção e representação do patrimônio cultural de Barbalha-CE na educação geográfica: reflexões a partir de uma experiência na escola Virgílio Távora**. 2022. 100 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação).

Universidade Regional do Cariri, Crato, 2022.

SILVA, Josier Ferreira da. Carregadores e carregamento. In: SOARES, Igor de Menezes (org.). **Carregadores: Sacrifício e Fé.** – Fortaleza : Iphan, 2019, p. 93-103.

SILVA, Josier Ferreira da. Intercâmbio Histórico – Cultural: Barbalha - CE/ Propriá – SE. Barbalha, 16 mar. 2024. Instagram: (@josierfer). Disponível em:<
https://www.instagram.com/reel/C4kn242A0_L/?igsh=MWZscDIxMzZlZjQ1Nw==>.
Acesso em: 21 mar. 2024.

SILVA, Josier Ferreira da. **O Círculo Operário de Barbalha como expressão do catolicismo social na educação e na cultura (1930 - 1964).** 2009. 363f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza. 2009.

SILVA, Josier Ferreira da. Santo Antônio de Barbalha: memórias de festa e fé! In: SOARES, Igor de Menezes; SILVA, Ítala Byanca Morais da (orgs.). **Sentidos de devoção: festa e carregamento em Barbalha.** – Fortaleza : Iphan, 2013, p. 214.

SILVA, Simone Pereira da. **Os sentidos da festa: (re)significações simbólicas dos brincantes do Reisado de Congo em Barbalha-CE (1960-1970).** Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

SOUZA, Océlio Teixeira de. **A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha (CE): uma experiência religiosa popular.** In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. Anais do XXII Simpósio Nacional de História: História, acontecimento e narrativa. João Pessoa: ANPUH, 2003.

TOLENTINO, A. B. **Educação patrimonial e construção de identidades: diálogos, dilemas e interfaces.** Revista CPC, São Paulo, v. 14, n. esp. 27, p. 133-148, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/158560>. Acesso em: 1 ago. 2023. <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v14i27espp133-148>

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 1989.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: DIFEL, 1983.

APÊNDICES

APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA



ANUÊNCIA DE INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Eu, _____, _____, matrícula _____, responsável pelo CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL MARTINHO TAVARES TELES, situada à RUA ADERSON SABINO, 34, ALTO DA ALEGRIA, BARBALHA-CEARÁ, declaro, para os devidos fins, ter ciência dos objetivos e metodologia do projeto intitulado A PERCEPÇÃO INFANTIL SOBRE A FESTA DO PAU DA BANDEIRA DE SANTO ANTÔNIO: LIMITES E POSSIBILIDADES A PARTIR DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DESENVOLVIDA NA ESCOLA MARTINHO TAVARES TELES, que será desenvolvido por _____.

Na condição de instituição coparticipante desse projeto, autorizo a realização da coleta de dados a partir de _____, mediante acordo prévio entre o pesquisador e o diretor _____ quanto à escolha dos dias e horários adequados para realização da coleta dos dados.

Esta autorização está condicionada à aprovação da referida pesquisa por um Comitê de Ética em Pesquisa antes do início da coleta de dados. O descumprimento desse condicionamento assegura-nos o direito de retirar esta anuência a qualquer momento da pesquisa.

Local, Data.

Assinatura legível do responsável pela Instituição e carimbo

Centro de Educação Infantil Martinho Tavares Teles
CNPJ: 10.966.989/0001-46
Rua Aderson Sabino, nº 34-90, Alto da Alegria, Barbalha-Ceará, Fone: (88) 99998-0331

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA RESPONSÁVEIS POR MENORES



GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
SECRETARIA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI
COMITÊ ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, estou realizando uma pesquisa intitulada: _____, que tem como objetivos: _____.

Para isso, estou desenvolvendo um estudo que consta das seguintes etapas: _____. Por essa razão, seu filho (a) / seu(sua) tutelado(a) está sendo convidado a participar dessa pesquisa.

A participação dele consistirá _____.

Os procedimentos utilizados para coleta de dados, ou seja, _____, poderão trazer algum desconforto _____. O tipo de procedimento apresenta um risco _____ que será reduzido mediante _____.

Nos casos em que os procedimentos utilizados no estudo tragam algum desconforto ou sejam detectadas alterações que necessitem de assistência imediata ou tardia, eu _____ serei a responsável pelo encaminhamento do seu filho a _____.

Os benefícios esperados com o estudo são _____.

Todas as informações que seu filho(a) / seu(sua) tutelado(a) nos fornecer serão utilizadas somente para esta pesquisa. Os relatos, as percepções e as representações coletadas serão confidenciais e o nome dele (a) não aparecerá nas imagens e nem quando os resultados forem apresentados. É compromisso do pesquisador responsável a manutenção do banco de dados em arquivo sigiloso, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos. Após o término desse prazo, o arquivo ou documentos serão destruídos/inutilizados.

A participação de seu filho(a) / seu(sua) tutelado(a) em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Caso você permita que ele participe, ele não receberá nenhuma compensação financeira. Também não sofrerá qualquer prejuízo se ele não aceitar ou se desistir após ter iniciado a pesquisa. Garantimos que caso haja alguma despesa decorrente da participação dele (a), vocês serão ressarcidos. Havendo algum dano eventual decorrente da pesquisa, vocês terão direito a solicitar indenização, de acordo com a legislação brasileira.

Se você tiver alguma dúvida a respeito dos objetivos da pesquisa e/ou dos métodos utilizados, pode procurar _____ na Rua _____, E-mail: _____, Telefone: _____, nos seguintes horários: _____.

Se desejar obter informações sobre os direitos dos participantes de pesquisa e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Regional do Cariri, localizado à Rua Coronel Antônio Luiz, 1068, Campus Pimenta, CEP 63.105-000, telefone (88) 3102.1291, Crato/CE. Se você estiver de acordo que seu filho(a) / seu(sua) tutelado(a) participe, deverá preencher e assinar o

consentimento pós-esclarecido que se segue e receberá uma cópia deste Termo

CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, eu _____,

_____, declaro que após leitura minuciosa do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores.

Ciente dos serviços e procedimentos aos quais meu filho/minha filha/meu tutelado/minha tutelada será submetida/o e não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firmo meu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO para que

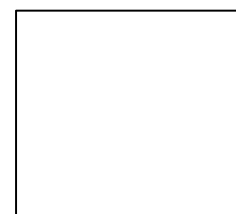
_____ participe voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assino o presente termo.

Cidade, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

OU



Impressão dactiloscópica

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MAIORES



GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
SECRETARIA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI
COMITÊ ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, estou realizando uma pesquisa intitulada: _____, que tem como objetivos: _____.

Para isso, estou desenvolvendo um estudo que consta das seguintes etapas: _____. Por essa razão, o/a sr./sra. está sendo convidado a participar dessa pesquisa.

Sua participação consistirá em _____. O(s) procedimento(s) utilizado(s) para coleta de dados, ou seja, _____, poderá(ão) trazer algum desconforto _____, pois trata-se de uma pesquisa _____. O tipo de procedimento apresenta um risco mínimo que será reduzido mediante _____. Nos casos em que os procedimentos utilizados no estudo tragam algum desconforto ou sejam detectadas alterações que necessitem de assistência imediata ou tardia, eu _____ serei(seremos) o(s) responsável(éis) por _____.

Os benefícios esperados com o estudo são _____. Todas as informações que você nos fornecerem serão utilizadas somente para esta pesquisa. Suas/Seus _____ coletadas(os) serão confidenciais e o seu nome não aparecerá nos(as) questionários e gravações e nem quando os resultados forem apresentados. Sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Caso aceite participar, não receberá nenhuma compensação financeira. Também não sofrerá qualquer prejuízo se não aceitar ou se desistir após ter iniciado o(a) _____. Se tiver alguma dúvida a respeito dos objetivos da pesquisa e/ou dos métodos utilizados, pode procurar _____ na Rua _____, E-mail: _____, Telefone: _____, nos seguintes horários: _____. Se desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Regional do GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ SECRETARIA DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA Rua Cel. Antônio Luiz, 1068 – Campus Pimenta – Crato-CE – CEP.: 63.105-000 Fone (88) 312.1291 – E-mail: cep@urca.br Cariri, localizado à Rua Coronel Antônio Luiz, 1068, Campus Pimenta, CEP 63.105-000, telefone (88) 3102.1291, Crato/CE. Se você estiver de acordo em participar deverá preencher e assinar o consentimento pós esclarecido que se segue e receberá uma cópia deste Termo.

CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, eu

_____ declaro que, após leitura minuciosa do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tive oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores.

Ciente dos serviços e procedimentos aos quais serei submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firmo meu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO para que participe voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assino o presente termo.

Cidade, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

OU



Impressão dactiloscópica

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE D – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MENORES



GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
SECRETARIA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI
COMITÊ ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, estou realizando uma pesquisa que se chama: _____. Gostaria de saber _____.

Gostaria muito de contar com você, mas você não é obrigado a participar e não tem problema se desistir. A pesquisa será feita na sua escola, onde você e seus colegas de turma participarão de _____.

Por essa razão, você está sendo convidado(a) a participar dessa pesquisa. Sua participação consistirá em _____.

Os procedimentos utilizados para _____ poderão trazer algum desconforto, ou seja, alguma coisa que você não goste, pois trata-se de uma pesquisa cujo objeto de estudo _____. O tipo de procedimento apresenta um risco mínimo que será reduzido mediante _____.

Os benefícios esperados com o estudo são no sentido de _____.

Toda as informações que você nos fornecer serão utilizadas somente para esta pesquisa. As suas informações ficarão sob sigilo, ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa serão publicados para dar visibilidade a _____, mas sem identificar as informações que coletadas das crianças, ou seja, _____. É compromisso do pesquisador responsável a manutenção do banco de dados em arquivo sigiloso, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos. Após o término desse prazo, o arquivo ou documentos serão destruídos/inutilizados.

Sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Caso aceite participar, não receberá dinheiro para isso. Também não sofrerá qualquer prejuízo se não aceitar ou se desistir após ter iniciado a pesquisa. No entanto, garantimos que caso haja alguma despesa decorrente da sua participação, você será ressarcido. Havendo algum dano eventual decorrente da pesquisa, você terá direito a solicitar indenização, de acordo com a legislação brasileira.

Caso aconteça algo errado ou se tiver alguma dúvida a respeito dos objetivos da pesquisa e/ou dos métodos utilizados, você, seus pais ou responsáveis poderão me procurar pelos contatos: E-mail: _____, Telefone: _____, ou na Rua _____, nos seguintes horários: _____.

Se desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, da Universidade Regional do Cariri, localizado à Rua Coronel Antônio Luiz, 1161, 1º andar, Bairro Pimenta, CEP 63.105-000, telefone (88) 3102.1212, ramal 2424, Crato CE.

Se você estiver de acordo em participar deverá preencher e assinar o Termo de Consentimento Pós-esclarecido que se segue, e receberá uma cópia deste Termo.

CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

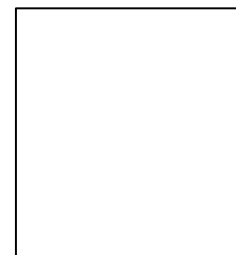
Eu _____ aceito participar da pesquisa:_____. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar com raiva/chateado comigo. Os pesquisadores esclareceram minhas dúvidas e conversaram com os meus pais/responsável legal. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido, li e quero/concordo em participar da pesquisa/estudo.

Cidade, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

OU

Representante legal



Impressão dactiloscópica

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE E – Instrumento de coleta de dados I (Questionário para professores)



UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI

PRÓ- REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

Pesquisa: A PERCEPÇÃO INFANTIL SOBRE A FESTA DO PAU DA BANDEIRA DE SANTO ANTÔNIO: LIMITES E POSSIBILIDADES DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DESENVOLVIDA NA ESCOLA MARTINHO TAVARES TELES

Mestranda: Vivia Borges da Silva

Orientador: Josier Ferreira da Silva

QUESTIONÁRIO PARA A PROFESSORA - I

1. Desde quando (ano) leciona na Educação Infantil no Município de Barbalha-CE?

2. Desde quando (ano) ministra aulas no Centro de Educação Infantil Martinho Tavares Teles?

3. Qual a sua relação com o patrimônio cultural de Barbalha-CE?

- ☐ Teórica
- ☐ Prática
- ☐ Teórica e prática
- ☐ Nenhuma

4. A Festa do Pau Bandeira é um Patrimônio Imaterial brasileiro reconhecido pelo IPHAN desde 2015. Para você o que é patrimônio cultural e o que ele representa para você?

5. Qual a sua relação (Pessoal/Profissional) com a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio?

6. Em suas aulas você aborda a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio como patrimônio cultural?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Às vezes

Justifique sua resposta.

7. Em que momento, (ex: data, mês, período), a abordagem da Festa acontece em sala de aula?

8. Como você aborda esse patrimônio? Quais os meios e materiais que você utiliza para essa ação?

9. Qual o nível de interesse dos alunos por essa temática?

- ☐ Elevado
- ☐ Médio
- ☐ Baixo

10. Quais as principais dificuldades enfrentadas, caso existam, quando se trata da abordagem dessa temática em sala?

11. Você acredita que a Festa do Pau da Bandeira contribui para o fortalecimento da identidade cultural das crianças e o fortalecimento da afetividade com o lugar em que vivem?

12. Você acredita que a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio como patrimônio cultural favorece a aprendizagem das crianças? De que forma?

APÊNDICE F – Instrumento de coleta de dados II (Oficinas com as crianças)

OFICINA 1: Essa história é minha história

- Objetivo: Esta oficina tem o objetivo de contar a história da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha de forma lúdica para as crianças com o auxílio de imagens que representem a festa.
- Público-alvo: Crianças do Infantil V
- Duração: 2 horas
- Atividades: Organização do espaço; recebimento das crianças; leitura da história; debate sobre os fatos e personagens da história; conversa sobre a relação entre a história e sua realidade.
- Material: História da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha; Imagens ilustrativas da festa; Estátua de Santo Antônio em miniatura.

OFICINA 2: Vem cá, vou te contar!

- Objetivo: Esta oficina tem o objetivo estimular as crianças a demonstrar sua percepção sobre a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha por meio da comunicação feita por representações gráficas e com materiais diversos.
- Público-alvo: Crianças do Infantil V
- Duração: 2 horas
- Atividades: Organização do espaço; recebimento das crianças; rever os principais fatos da História da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio; solicitar a representação das percepções da festa por meio de desenhos, pinturas, pequenas esculturas.
- Material: Gravetos; folhas de árvore; cola; papel A4; tinta colorida; papel colorido; massinha de modelar; lápis de cor; giz de cera; canetinhas coloridas.

ANEXOS

ANEXO A – IMAGENS DA PESQUISA DE CAMPO





